

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Grauer -

59º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

ARABELA - Todos os castigos que tenho recebido de Deus, eu os mereci.

CRISPIM - Por que não aproveita, então e não se prepara para a hora do ajuste final? Por que não vai ao confessor, enquanto está bem e tem a consciência lúcida, para receber a absolvição? A morte, às vezes, não manda aviso da sua chegada. Surpreende-nos em meio da jornada. E si lhe acontecer isto? E se a senhora for chamada, assim, de repente, para a grande viagem? Já pensou que terá que carregar a própria bagagem, ainda que lhe faltem forças? E lembre-se, mais, de uma coisa que lhe vou dizer: quanto mais pesada é a bagagem, maior se torna o caminho a percorrer. Suas faltas não hão de ser tantas que lhe custe tanto confessá-las. (PAUSA) E então? Não se decide?

ARABELA - Ainda não, Padre Crispim.

CRISPIM - É pena! Porque se realmente seus pecados pesam, haveria de sentir-se muito mais leve, depois de confessá-los.

ARABELA - Acredite, mas enquanto eu estiver carregando com o peso deles, estou me penitenciando. E eu não creio que Deus vá me chamar, por ora.

CRISPIM - A gente nunca sabe, dona Arabela. A gente nunca sabe. Às vezes um doente que parece ~~qu~~ ter chegado ao fim, vive anos e anos, se arrastando, sem que seja chamado por Deus e ~~morre~~ <sup>um jovem</sup> garboso e contente, em meio de uma festa, cai fulminado, sem que se saiba a doença que o matou. Todas as coisas ligadas ao céu tem um halo de mistério que não se pode desvendar. Na próxima quinta-feira é "CORPO DE DEUS" o maior dos ~~festas~~ dias santos da Igreja. Por que não aproveita e não faz, nesse dia, a sua comunhão?

ARABELA - Não sei... não quero lhe prometer uma coisa que depois não cumpra. Tenho ainda quasi uma semana na minha frente. Nesses dias que faltam, eu resolverei.

CRISPIM - Se a senhora não quizesse se confessar, eu não estaria insistindo. Insisto porque vejo que a senhora quer e o que lhe falta é coragem.

ARABELA - Não é isto, Padre Crispim. Juro-lhe que não é isto. Pode crer no que digo.

CRISPIM - Mas então... não compreende o que possa ser.

ARABELA - Vergonha, Padre Crispim! Vergonha!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS .

CATARINA - Eu já estava extrahando a sua demora. Pensei que tivesse resolvido não vir dormir em casa.

IRACEMA - Não, não... é que fui jantar em casa de uma colega e ela estava esperando que o irmão chegasse para vir trazer-me. Daí o atraso. Desculpe, sim?

CATARINA - Não tem importância. Naturalmente eu estava preocupada, já pensando que pudesse ter lhe acontecido alguma coisa.

IRACEMA - Não, não... felizmente, não. Mas sente-se. (PAUSA) Não tenho nada de bom para oferecer-lhe. Aceita um cafésinho?

CATARINA - Por enquanto, não. Mais tarde eu aceito. Ainda não lhe disse, mas pretendo ficar aqui até bem tarde, pois receio que ele volte.

IRACEMA - Tanto mais que prometeu voltar; não é mesmo?

CATARINA - Exato. A senhora não se opõe a que eu fique; não é verdade?

IRACEMA - Absolutamente. Pelo contrário. Para mim até é uma tranquilidade. A gente sózinha, sabe como é... está sempre pensando coisas e acaba amedrontando-se. Eu estou até pensando em desocupar esta casa e ir morar numa pensão, ou em casa de alguma colega que me aceite, porque, de toda forma, minha irmã tão cedo não poderá sair de onde está e assim, quando ela puder vir, a gente procura outro canto.

CATARINA - É claro. Faz muito bem. Mas por falar em sua irmã... sabe o que eu estive pensando que poderíamos fazer para que a senhora se livrasse, de uma vez, daquele homem impertinente e perigoso?

IRACEMA - Diga.

CATARINA - Devia dar-lhe o endereço e deixar que ele fosse. Eu iria atrás. Na ocasião em que ele tentasse fazer com sua irmã o que fez com a senhora, nós estaríamos preparados para surpreendê-lo, com as testemunhas necessárias.

IRACEMA - É... talvez... Ou talvez fosse melhor, ainda, que a senhora fosse na frente e só depois eu desse o endereço a ele. A senhora conversaria, antes, com minha irmã e ela ficaria prevenida. Não levaria um susto tão grande.

CATARINA - Ótimo! Também pode ser assim.

IRACEMA - Porque ela, de momento, nem está propriamente numa casa de saúde. Está numa fazenda, para justamente poder ter o repouso que necessita.

CATARINA - E essa fazenda onde é?

IRACEMA - Eu lhe darei um mapa do caminho a percorrer porque não é fácil, para quem

CATARINA - Ótimo! E quando você me dará esse mapa? Agora?

IRACEMA - Pode ser. Eu vou buscar lápis e papel.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL, FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE BADALANDO OATZE HORAS.

CATARINA - Onze horas da noite. Eu vou para o Hotel e amanhã de manhã ainda virei aqui conversar com a senhora.

IRACEMA - Perfeitamente. Obrigada pela sua companhia.

CATARINA - Não tem nada que me agradecer. O que estou fazendo é de minha obrigação.

C/REGRA - PASSOS DAS DUAS QUE VAO SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO, CONVERSANDO.

CATARINA - A senhora acha que de automóvel a gente vai melhor?

IRACEMA - Pelo menos, muito mais rapidamente, é claro.

CATARINA - E quantas horas um automóvel gasta, para chegar lá?

IRACEMA - Bem... depende um pouco do tempo, depois que a senhora pega o tal desvio, entende? Ali não tem estrada, é caminho. Com chuva, fica tudo enlameado e a gente gasta quatro horas para fazer um trecho que normalmente leva duas apenas. Agora, o tempo estando bom, em oito horas a senhora pode estar lá, folgadoamente.

C/REGRA - PARAM OS PASSOS. PORTA ABRE COM CHAVE.

CATARINA - Muito bem, então boa noite e amanhã ainda passo aqui.

IRACEMA - Sim senhora. Até onze e meia, um quarto para o meio dia eu estou em casa.

C/REGRA - POUCOS PASSOS SE ANASTAM. PORTA FECHA COM CHAVE. MAIS PASSOS EM 1º PLANO

IRACEMA - Eu tenho a impressão que fiz bobagem. Não devia ter dado o endereço de Corália. Mas também, se não desse... estaria correndo risco de vida... O melhor de tudo, agora, é escrever uma carta a Corália, contar-lhe tudo que está acontecendo e aconselhá-la a esconder a criança, por uns dias, na casa de um dos empregados da fazenda, para, no momento de receber alguma visita, estar completamente só. Se ela conseguir que eles voltem sem ver o menino, a batalha estará ganha. (PAUSA) É isto mesmo. Vou escrever a carta neste instante e de madrugada leve-a ao chofêr do ônibus, dando-lhe uma boa gorjeta para que ele, de passagem, entregue-a na estação. O Silvino vai lá todos os dias, amanhã ou depois, no máximo, Corália já estará de posse dela. Vou pedir a Corália que me perdoe, mas que foi a única maneira que encontrei de livrar-me da sarna que me persegue.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

CLAUDIA - Como se foi de viagem, seu Petronio?

PETRONIO - Mas você ainda me pergunta? Então não sabe que fui terrivelmente mal?

CLAUDIA - Como assim? Não sei. Mal por que?

PETRONIO - Pois então não sabe que foi concedido o habeas-corpus ao meu filho?

CLAUDIA - Sei. Mas isto quer dizer que o senhor tenha perdido a partida? Não quer.

PETRONIO - Mas de qualquer forma estou indignado com aqueles palermas. Gasto um dinheiro, contrato tres advogados dos mais maliciosos e astutos da cidade, abre o cofre para eles comprarem a quem desejassem e fosse preciso e no fim o habeas corpus é concedido por unanimidade! É demais, não é?

CLAUDIA - Desculpe, seu Petronio, mas eu vou lhe fazer uma pergunta que ainda não lhe fiz: o senhor acha mesmo que foi seu filho quem matou aquele pobre diabo?

PETRONIO - Claro que não. Mas com a sede de vingança que me envenena o sangue, você acha que eu poderia deixar passar uma oportunidade dessas? É claro que só um idiota muito grande deixaria.

CLAUDIA - É... talvez... mas e o senhor não tem medo de sentir remorsos, mais tarde?

PETRONIO - Remorsos por que? Então não sabe que hei de odiá-lo pela vida toda, por ter destruído a minha felicidade? Mas também um consolo eu tenho. Ele deve estar bem arrependido de que fez, porque eu não lhe dou trégoa. Nem a ele e nem a ela. Eles agora querem o filho, a qualquer preço. O filho que eu mesmo mandei raptar e que esteve escondido tanto tempo. Mas Catarina já está com instruções para fazê-lo desaparecer e, se for preciso, matá-lo, até.

TEONICA - ~~XXXXXXXXXXXX~~ VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

CLAUDIA - E onde se encontra o menino? O senhor sabe?

PETRONIO - Catarina afirmou que o encontrará antes de trinta dias. Parece que ~~ela~~ já tem uma pista segura.

CLAUDIA - Seria interessante que ela lhe dissesse o local, para que o senhor mesmo pudesse encontrá-lo. O senhor já viu que Catarina não merece muita confiança. Já lhe fez duas ou tres ursadas, não esqueça.

PETRONIO - Eu sei, mas desta vez ela não vai ter interesse em esconder o garoto por que ninguém lhe oferecerá mais por ele. Sabe quanto receberá? Tres milhões. Acha que alguém será capaz de lhe dar mais?

CLAUDIA - Não creio... em todo caso... seguro morreu de velho. O senhor, falando com ela, deve exigir que ela lhe diga onde está o garoto.

PETRONIO - Agora não há mais tempo. Penso que só nos tornaremos a ver ~~grandes~~ quando ela me trouxer o garoto.

CLAUDIA - E aí e que fará o senhor com ele?

PETRONIO - Ainda não sei. Não posso dizer, por ora. Tudo vai depender da reação

PETRONIO - (CONTINUAÇÃO) que tiver, no momento em que avistar o garoto.

CLAUDIA - Não cometa violências, seu Petrônio, tenha cuidado.

PETRONIO - Alguem já suspeitou de gêdas as coisas que fiz, até agora?

CLAUDIA - Penso que não.

PETRONIO - Tudo que faço é pensado e medido. Tenho sempre um executor para as minhas tarefas. Si houver qualquer embaraço, as coisas são sempre feitas de modo a que êles fiquem com as culpas e eu de fora.

CLAUDIA - É... o senhor é realmente muito esperto. Quando me lembra que meu primeiro impulso foi reagir contra as suas insinuações e abandonar meu emprego, vejo agora a grave êrro que teria cometido. Pobresinha de mim, se tivesse levantado um braço contra o senhor.

PETRONIO - Talvez que a esta hora já nem mais existisse.

CLAUDIA - Talvez? Não tinha nem talvez. Era certo. Mas graças a Deus que pensei, em tempo na inutilidade da minha revolta! Meu braço era frágil demais, para pretender derrubá-lo. Venceu o bom senso e eu aderi.

PETRONIO - Felizmente, porque confesso-lhe que, para mim, também seria muito desagradável ter que me desfazer de uma secretária tão eficiente.

CLAUDIA - Pois é, mas Deus permita que o senhor nunca se arrependa.

PETRONIO - Por que fala assim?

~~PETRONIO~~ CLAUDIA - Bem... por nada... Afinal... o senhor já se habituou a êsse modo de viver, dificilmente sentirá remorso ou arrependimento.

PETRONIO - Eu gostaria de saber porque está falando desse modo.

CLAUDIA - Já lhe disse que por nada. Simplesmente porque gosto do senhor e teria pena de que viesse a sofrer em consequência dos seus atos.

PETRONIO - Não se preocupe. Só houve uma época de minha vida em que eu sofri. Dali para diante fiz da maldade o meu escudo e quando posso fazer alguém sofrer é, para mim, a maior felicidade!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL PARA FIM DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA LÍCIO DA SEGUNDA PARTE. FULDE COM RUÍDOS DE RUA.

JERONIMO - Onde é que vai?

IRACEMA - Trabalhar, é claro. Onde posso ir a esta hora senão ao trabalho?

JERONIMO - Espere um pouco. Precisamos conversar.

IRACEMA - Não posso esperar. Estou quasi na hora de encerrar o ponto.

JERONIMO - Não faz mal. Chegue atrasada um dia. Não tem importância.

IRACEMA - Pode não ter para o senhor. Para mim tem bastante.

JERONIMO - Eu quero o endereço de sua irmã. Vai me dar ou não vai? Já viu de quanto sou capaz.

IRACEMA - Embora tenha recebido ordens da polícia de não lhe dar esse endereço, pode procurá-lo amanhã em minha casa.

JERONIMO - Ordens da polícia? Que polícia? Aquela mulher que estava na sua casa aquela noite?

IRACEMA - Exatamente.

JERONIMO - E você acreditou que ela realmente fosse da polícia?

IRACEMA - Não é?!

JERONIMO - Aquela é a maior chantagista que eu já conheci em toda a minha vida!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

IRACEMA - Meu Deus!... Mas o... o senhor tem certeza absoluta do que está dizendo?

JERONIMO - Claro! Pois se até já trabalhamos juntos... Por que não me dá agora o endereço que quero? Já viu que não é muito conveniente brincar comigo.

IRACEMA - Está bem. Eu vou lhe dar. (MIKE NA BOLSA) Casualmente trago aqui na bolsa a explicação toda de como achar a fazenda onde ela está repousando. É tanta coisa numa bolsa de mulher que... (TOM) Ah, está aqui. Lendo com atenção as indicações deste mapa, o senhor vai parar lá, direitinho.

JERONIMO - Muito cuidado comigo, moça. Se estiver me dando um endereço errado...

IRACEMA - Não há perigo. A fazenda de Monte Alegre é muito conhecida. Onde o senhor perguntar por ela, qualquer pessoa lhe ensina.

JERONIMO - Muito bem. Se me ensinou direito e deu o endereço certo, não lhe incomodarei mais, mas se caiu na asneira de tentar enganar-me, vai ver o que lhe custará a brincadeira. Adeus.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM, NA CALÇADA.

IRACEMA - Meu Deus e agora que faço? Bem que eu achava qualquer coisa exqu岸ita naquela mulher. A maneira como ela procedia, não era convincente. Não engulo, até hoje, a pílula de não prender o homem que me agredia por não ter testemunhas do fato. Tenho a impressão de que com a minha queixa e o testemunho ocular dela, não seria preciso mais nada. Pobre Corália! Como irá se ver com os dois a assediarem-na?! Que vale que antes que eles cheguem lá, já minha carta estará chegando, e ela estará prevenida. (PAUSA) Si eu pudesse ir lá ajudá-la... Eu deveria tomar qualquer atitude, mas confesso que não sei qual seja. Hoje vai ser um dia que eu nem vou poder trabalhar direito, mas de qualquer maneira tenho que ir porque estou na hora.

C/REGRA - PASSOS NA CALÇADA.

TÉCNICA - MUSICA ACOMPANHA OS PASSOS, CRESCENDO E FAZENDO CORTIA PARA SEPARAR AS CENAS.

BELMIRA - Que foi que lhe disse a moça, secretária do pai de seu Rodrigo.

LEILA - Queria saber de Rodrigo para mandar dizer-lhe uma série de coisas que conseguia arrancar de seu Petrônio, mas eu disse a ela o mesmo que tu já tinhas dito. Esperava que ele chegasse hoje de manhã, mas ele não chegou. Do Hotel onde ele estava, me informaram que ele pagou a conta ontem e se retirou de lá. Não sei para onde possa ter ido.

BELMIRA - Deve ter ido fazer algo muito importante, sinão ele já estaria aqui, certamente. Coitado! Deve estar morrendo de saudades.

LEILA - Não sei, não, Belmira. Esta demora não está me agradando muito.

BELMIRA - Olha a ciumenta! Depois que ele chegar e nos contar tudo, a senhora vai se convencer que eu é que tinha razão. Bem, ~~kk~~ deixe de pensar bobagens e trate de se arrumar que sua mãe já avisou que hoje quer jantar mais cedo.

LEILA - Por que?

BELMIRA - Não sei, mas com certeza deve ter algum programa para esta noite.

LEILA - Eu não tenho nenhuma vontade de jantar, mas para que ela não se sinta sózinha à mesa, vou me preparar para fazer ato de presença.

BELMIRA - E já sabe que vai ouvir longas doutrinações contra seu Rodrigo, mas o golpe é fechar os ouvidos e deixá-la falar. Para palavras ôcas... ouvidos mocos.

TÉCNICA - ORFIMA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CEMAS.

IRACEMA - Que angústia que eu tenho no coração, meu Deus! Parece mentira que uma criatura esperta como eu, tenha se deixado enganar com tanta facilidade! É bem verdade que eu estava correndo risco de vida. Não tinha mais recursos para embalar aquele homem horrível que eu já começava até a ver em sonhos. (PAUSA) Estou tão desesperada que nem quero mais ficar nesta casa. Amanhã mesmo vou procurar uma pensão de moças, para morar. Ao menos lá eu estarei mais acompanhada. De toda forma, Corália tão cede não poderá sair de onde está...

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

IRACEMA - Meu Deus! Será aquele homem, outra vez? Eu não superte mais a dureza daqueles olhos. Eles parece que penetram a alma da gente. E se eu não abrisse a porta? Mas qual! Si é ele deve ter me visto entrar e não desistirá enquanto eu não o atender.

C/REGRA - REPEPE AS BATIDAS, AINDA DISCRETAMENTE.

IRACEMA - Não deve ser ele. Se fosse já estaria repetindo as batidas quasi com violência. Ele não sabe esperar e se irrita facilmente.

C/REGRA - PASSOS QUE VAO SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. RUIDO DE PORTA QUE ABRE COM CHAVE.

RODRIGO - Boa noite.

IRACEMA - Boa noite. Quem é?

RODRIGO - Não se lembra mais de mim?

IRACEMA - Eu estou querendo me lembrar, mas não sei de onde.

RODRIGO - Eu devo estar realmente diferente. Quando a senhora me visitou, que eu estava preso...

IRACEMA - Ah, me lembrei agora! Como vai o senhor? Tenha a bondade de entrar.

RODRIGO - Com licença.

C/REGRA - FECHA PORTA COM CHAVE E PASSOS DOS DOIS NO CORREDOR, ACOMPANHANDO A CONVERSA.

IRACEMA - Como foi que encontrou o meu endereço?

RODRIGO - Da maneira que a senhora disse. Procurei-o na Coletoria.

IRACEMA - Mas eu estava lá. Porque não falou comigo?

RODRIGO - Porque desejava falar com a senhora em sua casa e a sós. Antes de tudo quero dizer-lhe que lembrei-me do recado que seu tio mandou para dona Corália e precisava vê-la para transmiti-lo.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL FORTE

IRACEMA - Minha irmã não está comigo. E por sinal que foi muito bom que o senhor viesse, porque eu precisava desabafar com alguém e o senhor me merece confiança pela franqueza que usou, quando falou comigo pela primeira vez.

RODRIGO - Obrigado.

IRACEMA - E o que está se passando é o seguinte...

TÉCNICA - Vários harpejos, para dar ideia de passagem de tempo.

IRACEMA - E agora estou eu aqui num dilema horreroso, em saber o que me convirá mais fazer.

RODRIGO - Pois bem, eu desejo ajudá-la e pode crer que esse desejo é sincero. No entanto há um ponto que eu preciso que fique bem claro, para poder saber as providências que doverei tomar. Responda-me francamente: esse garoto que tanto a mulher como o homem se mostram tão interessados em encontrar está com sua mana, ou não está? Diga-me a verdade. Não oculte nada. Será a maneira de eu poder fazer alguma coisa. (PAUSA) Vamos, diga. E garoto está ou não está com sua irmã? (PAUSA) Fale.

IRACEMA - Está.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.



IRACEMA - (AFLITA E NERVOSA) Está, mas ninguém pode pensar em tirá-lo porque ela morreria de desgosto. Deu-se inteira a ele. De corpo e alma. É o filho que ela desejou ter e não teve. Entende?

RODRIGO - Entende, sim. Mas preciso falar com sua irmã imediatamente. Tenho uma carta que seu tio me pediu para entregar a ela.

TÉCNICA - REPETE A VENGASTADA MUSICAL

IRACEMA - Uma carta?

RODRIGO - Uma carta, sim, mas que ele me recomendou de entregar na mão dela mesma. Si eu puder seguir hoje mesmo ao seu encontro, seguirei.

IRACEMA - Há o retorno às onze horas.

RODRIGO - A senhora não se anima a ir comigo?

IRACEMA - O senhor me levaria?

RODRIGO - Claro. Por que não. E assim a senhora me conduziria ao lugar certo.

IRACEMA - Ótimo. Vamos hoje, então. Eu irei com o senhor.

TÉCNICA - CORELIA MUSICAL BUENDE COM RUÍDO DE TREM EM MOVIMENTO E APITOS EM FUNDO, FUNDIADO NOVAMENTE COM A CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

---

A MARCA DO ÓDIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO GRAMER -

602 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

RODRIGO - Precise falar com sua irmã, imediatamente. Tenho uma carta que seu tio me pediu para entregar a ela.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL

IRACEMA - Uma carta?

RODRIGO - Uma carta, sim, mas que ele me recomendou de entregar na mão dela mesma. Si eu puder seguir hoje ao seu encontro, seguirei.

IRACEMA - Há o noturno às onze horas.

RODRIGO - A senhora não se anima a ir comigo?

IRACEMA - O senhor me levaria?

RODRIGO - Claro! Por que não? E assim a senhora me conduziria ao lugar certo.

IRACEMA - Ótimo. Vamos hoje, então. Eu irei com o senhor. Que horas são?

RODRIGO - (OLHANDO) São... vinte horas e trinta.

IRACEMA - Eu preciso ir à casa de uma colega, pedir-lhe que justifique, amanhã, a minha falta ao serviço. Depois voltarei em casa, para fazer a minha mala e às dez horas poderemos nos encontrar, aqui, ou na estação, como o senhor desejar.

RODRIGO - Talvez o melhor fôsse a senhora arrumar a sua mala agora, daqui já iriamos juntos à casa de sua colega, de lá passaríamos no Hotel para apanhar a minha mala e do Hotel marcharíamos para a estação, ainda que tivesse-mos que esperar mais tempo lá. Temos tanta coisa a conversar, ainda... sentaríamos lá e ficaríamos batendo papo até à hora do trem sair. Que lhe parece?

IRACEMA - Também pode ser. Então o senhor espera que eu arrume uma valise e troque este vestido por um costume?

RODRIGO - Claro que espero. Prefiro isto, do que depois ficar à sua espera na Estação, sem saber se a senhora vai chegar ou vai faltar, entende?

IRACEMA - Ah, é verdade... deveríamos levar uma garrafa termal com café e uns sanduiches, pois vamos viajar a noite toda.

~~IRACEMA~~ RODRIGO - Pois então deixe essa parte comigo. Enquanto a senhora arruma a sua valise e troca o seu vestido, eu vou procurar uma fiandreria e um café para providenciar o nosso lanche.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA TRANSIÇÃO DA CENA.

RODRIGO - Que houve? Por que parou o automóvel. Não há passagem?

CHOFER - Não é por isto, não senhor, é que eu senti que estou com um pneu da direita, completamente arriada. O de traz.

IRACEMA - É mesmo. Bem me parecia que a roda estava arrastando... Inda bem que estamos perto de casa.

RODRIGO - Onde é?

IRACEMA - Logo ali. A menos de duas quadras.

RODRIGO - Então quem sabe nós vamos a pé e o chofêr vai depois, quando tiver mudado o pneu?

IRACEMA - Pode ser. Olhe, moço, eu vou lhe explicar onde é. Está vendo aquela árvore, ali naquela baixada?

CHOFER - Estou, sim senhora.

IRACEMA - Na que passa aquela árvore, tem uma porteira grande à esquerda. O senhor entra por ela e vai seguindo em frente até encontrar a casa.

CHOFER - Sim senhora. Podem ir que dentro de uns quinze ou vinte minutos eu estou lá.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

IRACEMA - Onde está minha irmã, Vicentina?

VICENTINA - A dona Coráia que a senhora tá procurando?

IRACEMA - Ela sim. Este moço precisa falar-lhe urgentemente.

VICENTINA - Mas a dona Coráia num tá, num senhora.

IRACEMA - Não está?! Onde é que ela foi?!

VICENTINA - Mandei ela ir e não me brigantá, porque eu memo é que num sei.

IRACEMA - Como, Vicentina?! Então ela saiu sem dizer onde é que ia?!

VICENTINA - Ela num foi, não senhora. Leverei ela.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

IRACEMA - Como levaram? Quem levou, Vicentina?!

VICENTINA - Uma mulé... e disse que é da polícia!!

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

RODRIGO - Da polícia?! A senhora tem certeza?!...

VICENTINA - Bão... ela disse pra nós que era. Feiz a dona Coráia í com ela e levô o minino.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

IRACEMA - Nossa Senhora! Só pode ser ela. A velhota que esteve lá em casa.

RODRIGO - É ela, sim. Só pela rapidez eu já vi. Ela não perde tempo.

IRACEMA - Mas ela não disse se voltava, Vicentina? Não ouviste falar nada sobre isto?

VICENTINA - Bão... a dona Coráia num quiria í, mas a mulé disse que ela tinha que ir que era mais mió pra ela e pro mininho e que depois trazia ela de volta outra vez.

IRACEMA - E o senhor acredita que ela possa voltar?

RODRIGO - Não creio. Catarina, certamente disse isto à sua irmã, para que ela não oferecesse resistência.

IRACEMA - E o que acha o senhor que deveremos fazer, agora?

RODRIGO - Procurar até que a tenhamos encontrado. Sei que não vai ser fácil, por que Catarina é muito esperta, mas precisamos encontrá-la de qualquer maneira, do contrário estaremos perdidos e sem qualquer apelação.

IRACEMA - Será que Corália não recebeu a minha carta falando-lhe sobre as precauções que deveria tomar? Você não sabe, Vicentina?

VICENTINA - Sei, não senhora, mas acho que não recebeu, senão ela dizia alguma coisa pra nós.

IRACEMA - E onde será que vamos procurá-la?

RODRIGO - Não sei, mas agora quando o automóvel vier, já vamos começar a percorrer todos os ranchos aqui por perto. Se não encontrarmos nenhuma pista, amanhã regressaremos a Ouro Preto e de lá para o Rio, onde é mais certo que ela tenha ido.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDAÇA DE CENA.

CORÁLIA - Aníbal de contas, eu não entendo porque aquela senhora me deixou aqui na sua casa, desde então à noite e não me apareceu mais. O senhor não sabe, ao menos onde é que ela foi?

BERTOLDO - Sei não, moça e acho melhor nem perguntá.

CORÁLIA - Mas por que não hei de perguntar? Acho que tenho todo o direito de querer saber.

BERTOLDO - Mas eu acho que a moça tá querendo sabê de mais e ela não é muntas conversa, não. *Eu já vi. A moça é feio!*

CORÁLIA - Escute aqui: será que o senhor ao menos pode me dizer quem é ela?

BERTOLDO - Diz que é da pulícia. Sei, não.

CORÁLIA - Ela me apareceu lá na fazenda, sem que eu mesmo esperasse, convenceu-me de que tanto eu como o menino estavam correndo sério perigo e acabou me tirando de lá e trazendo para cá. Mas o que *eu fiquei* cismada foi que ela me deixou aqui aos cuidados do senhor, desapareceu e até agora não voltou. Si não estivessemos tão afastados da estrada, eu já tinha fugido e voltado para casa. Mas não sei nem em que direção ficou a estrada...

BERTOLDO - A senhora num fugiu, não, moça, práquê eu tô aqui, justamente pra cuidá. Si eu deixasse a senhora fugi, quem ia se vê com ela era eu, xento.

CORÁLIA - Mas o senhor não acha um absurdo o que ela está fazendo comigo?

BERTOLDO - Sei, não, dona. Eu faço o que me pagam pra fazê e o resto num tá me in-  
teressando, não.

CORÁLIA - Ah, mas então ela está pagando o senhor para me vigiar?

BERTOLDO - Tá, sim sinhora, xente. De graça eu num tenho ubrigação,  
~~xxxxx~~ meça.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL FORTE

CORÁLIA - Não é possível! (PAUSA) Escute aqui: e si eu lhe pagasse mais do que ela  
para o senhor me deixar fugir?

BERTOLDO - Pesse, não, dona. Eu num quero encrenca ca púlicia.

CORÁLIA - Mas o senhor tem certeza que ela é da púlicia? Vai ver, ela nem é.

BERTOLDO - Pra falá memo a verdade, eu num percurei sabê. Ela chegô aqui, disse que  
era, eu num sai aí a priguntá. Pruquê a sinhora num priguntô, antes de  
vir?

CORÁLIA - Ela não me deu tempo para nada. Quando me ~~xxxxx~~ <sup>disse</sup> que a vida do garotinho  
estava correndo risco e me falou em nome de minha irmã, eu fiquei tão  
alucinada que nem pensei que pudesse ser uma cilada. Achei, inclusive,  
que minha irmã não me mandaria um recado e nem daria o meu endereço a  
uma pessoa que não fosse de toda a sua confiança. E até hoje de manhã,  
eu estava inteiramente confiante. Agora, diante do procedimento dela e  
da demora, é que eu comecei a ficar cismada. O senhor já a conhecia antes

BERTOLDO - Cuanhicia, não, meça. Quando ela passou aqui pra í buscá a sinhora, foi que  
nóis boquejemo pela primeira vez. Agora, quando vertô, já me deu esse  
serviço.

CORÁLIA - O senhor bem que podia me auxiliar a voltar para o lugar onde eu estava  
antes.

BERTOLDO - Pesse não. Pra dispois a muié daná comigo? Eu num boto briga ca púlicia,  
não dona.

CORÁLIA - Mas ela pode nem ser da púlicia.

BERTOLDO - E também pode sê, num pode? E se fô e a muié intentá de me levá eu preso  
dispois? A sinhora vai me tirá eu das grade? Tira nada. Não, dona, dexa  
anssim como tá e fica queta.

CORÁLIA - Está bem, mas então se menos me arranje leite para fazer uma mamadeira  
para o menino que não demora está acordando e reclamando alimentação.

BERTOLDO - Tem leite de oabra e tem de vaca. Qual é o que a sinhora prefêre?

CORÁLIA - Talvez o de cabra fôsse mais saudável, mas eu tenho medo que êle extra-  
nhe e possa ficar desarranjado. É melhor o leite de vaca mesmo, que é o  
que êle está acostumado.

BERTOLDO - Pode esperá um mucado que eu já vê trazê.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM EM CHÃO BATIDO.

CORALIA - Como é que eu fui praticar essa leviandade de sair assim com uma pessoa que eu não conheço, para um lugar completamente novo e desconhecido para mim? Si eu pudesse fugir!... Mas andamos tantas horas de carro, parache gar aqui, que devemos estar muito longe do lugar onde saímos. Se não fog se o menino, eu ainda me aventuraria a sair a pé, mas com uma criança pe quena nos braços e sem saber o que me espera pelo caminho, acho que se- ria uma temeridade! (PAUSA) Ela me garantiu que eu não seria separada do menino nem um instante e, na verdade, até agora, tem respeitado a promes sa que fez. Mas será que amanhã, quando não precisar mais de mim, não se guirá viagem com o garoto, deixando-me para traz? Se isto acontecesse, eu não sei se teria fôrças para resistir, mas agora... aconteça o que acontecer... eu já não poderei mais fugir à situação!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FIM DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA PARA A SEGUNDA PARTE.

JERONIMO - Eu quero falar com a dona desta fazenda. Vá chamá-la.

VICENTINA - Num vê chamá ela, num sinhô, porque ela num tá, ariessa.

JERONIMO - E quem é que manda aqui, quando ela não está?

VICENTINA - É o diminstradô, mas êle tambem num tá, não sinhô. Foi mercô umas vez lá no campo e só volta de noite.

JERONIMO - E com quem é que eu posso falar, então, na falta de quem manda?

VICENTINA - Pode falá cumigo, ariessa. Sôncê num tá falando?

JERONIMO - Eu quero saber noticias de uma moça chamada Corália, que estava descansan do aqui.

VICENTINA - Dona Corália já foi simbera.

TÉCNICA - ACORDE MUSI... FORTE, FICA VIBRANDO EM FUNDO.

JERONIMO - Foi embera?

VICENTINA - Foi, sim sinhô. Ela e o garotinho.

TÉCNICA - REPEDE O ACORDE EM FUNDO.

JERONIMO - Ela e o garotinho?!

VICENTINA - É sim sinhô. Foi simbera ca estre que veio buscá ela.

JERONIMO - Dona Iracema?

VICENTINA - Num sinhô, num foi dona Iracema, não. Uma veieta que disse anssim que ela era da pulcícia e que tinha vindo aqui mde portegê ela.

JERONIMO - Catarina!

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL FORTE. FICA VIBRANDO EM R/G.

JERONIMO - (MEIO TOM) Desgraçada! Chegou primeiro de que eu! (ALTO) E a senhora não sabe para onde elas foram?

VICENTINA - Sei lá. Eu não ia tá perguntando pro ela adonde que ela ia, num é? Da-se a causa que ela me arrespendesse que eu num tinha nada que vê com isso e que fosse cuidar da minha vida? Com que cara eu ia ficar?

JERONIMO - (SÓSLHO, MEIO TOM) Ela não deve ter ido diretamente. Com certeza está escondida aí, por qualquer canto, esperando que passe a onda, para depois tomar rumo. (ALTO) A senhora não sabe me dizer onde é que há pouso, aqui por perto?

VICENTINA - Adonde que há e que, moço?

JERONIMO - Onde é que há um lugar onde a gente possa passar a noite?

VICENTINA - Tem muitos rancho aí pela beira da estrada. Suncê dá um dinherinho pra quem quer cabêco, ele dorme no chão e dá a cama pra suncê deitá.

JERONIMO - Mas lugar assim que receba a gente para ficar dois ou tres dias, como se fosse um hotelzinho, não tem por aqui?

VICENTINA - Não tem nada. Isso aqui é quasi que só fazenda, até chegá na cidade. Eu nunca fui daqui, não posso dizê, mas vejo os outro dizê todo dia.

JERONIMO - É... então o remédio é sair por aí a parax de rancho em rancho para vê se encontro aquela matreira. Preciso atacá-la, antes que ela entregue o menino ao pai.

VICENTINA - O que é que suncê tá dizendo aí, moço? Suncê tá que nem falando arte? Eu faço isso praquê só vêia, mas suncê num é.

JERONIMO - Eu não estava falando, não, minha velha. Estava pensando alto. Eu tenho disse às vezes.

VICENTINA - Pois é, mas isso é coisa de gente vêia, num é de moço que nem suncê. Suncê num quer assentá pra descansar um mocado e tomá uma caneca de café? Só agora é que eu me lembrei de afrocê.

JERONIMO - Não, obrigado. Eu não quero nada. Eu vim de automóvel e lá eu tenho alguma coisa que trouxe para comer e beber. Sabis que a viagem era longa e me preparei.

VICENTINA - Na intance se assente pra môde descansar um mocado. Suncê num precisa pagá nada.

JERONIMO - Não, não, obrigado. Eu não estou cansado. Vou continuar a minha viagem porque tenho muita pressa de encontrar aquela mulher.

VICENTINA - A dona Corália?

JERONIMO - Não, não, a outra. A dona Corália também, mas principalmente a outra.

VICENTINA - Tá bõe, entonce eu num assiguro suncê. Vê cum Deus Nessa siahê e a Virge Maria e a Nossa Siahore de Resária.

JERONIMO - Será que com tanto santo eu não vou me atrapalhar, minha velha?

VICENTINA - Sum vai, não. Quanto mais miô. Santa ajuda a gente. Num trapaia, não, que bobage é essa.

JERONIMO - Está bem, entã eu vou com êles. Passe bem e obrigado, minha velha.

VICENTINA - Passe bem, ~~mas~~ não. Boa viagem pra suncê.

C/REGRA

TASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM EM GRÃO BATIDO.

VICENTINA - Ora que bobage desse moço, prãguntá se Santa atrapaia. E a gente bía pras parência dele, num parece sê um inguinerante, não. Por isse que eu digo que Deus Nessa Siahê num divia de se incendê de todo mundo. Pra uns êle tinha que se amostrá, modo os vivente num sê tã sem fé. Tem vivente anssim: que sê querdita naquilo que vê. Num vê, num ingis te. Sintu Deus no coração num é quarqué um, não.

TECNICA - AUTOMOVEL LIGA MOTOR, AFASTADO, ENGATA PRIMEIRA E SAI PARA LONGE.

VICENTINA - Vai cum Deus e a Virge, iscomungado. Tu num querdita, mas um dia tú anda vai vê.

TECNICA - CORTEJA MUSICAL FORTE, PARA MUDANÇA DE CENA.

LEILA - Aõe chegava mais este dia, querida! Eu tinha uma saúde tã grande de você, que às vezes ficava com medo de não poder resistir. E o tempo pag sando... cada vez mais lentamente... e nada de você chegar.

RODRIGO - Eu tinha uma missão a cumprir, querida. Infelizmente cheguei tarde, mas não fei por minha ~~culpa~~. Se não tivesse ido logo, ficaria depois com o complexo de culpa e pensando que, se tivesse ido diretamente, talvez houvesse chegado a tempo.

LEILA - Sim, sim, eu sei. Tu compreendi e admiti suas razões, mas havia momentos em que eu me desesperava por saber que você já estava em liberdade e ainda não me tinha sido dado o prazer de abraçá-lo e beijá-lo, como antes. E o meu desespero maior fei quando vim a saber que todo o seu sacrificio fei vão e que você não chegou mais a encontrar seu irmãezinho.

RODRIGO - Não fei vão, não Leila. Ainda não perdi minha esperança porque Luizinho ainda não caiu nas mãos de papai.

LEILA - É o que é que você vai poder fazer para evitar isto, querida?

RODRIGO - Já felei com Claudia e ela está alerta. Qualquer comunicação que Catarina fizer para o escritório, eu serei informado antes de papai.



LEILA - Essa meça é corajosa. Eu não sei se seria capaz de me expor, como ela se expõe, a um homem poderoso e mau como é seu Petrônio. Eu acho que antes de inciar a luta, já me daria por vencida.

RODRIGO - Cláudia é, realmente, uma pessoa de valor. Uma pessoa em quem se pode confiar. Só depois de conseguir a sua adesão à nossa causa, foi que tive ânimo de começar a lutar contra as injustiças de papai. Sózinho, talvez eu não tivesse me animado.

LEILA - Ah, querido, amanhã você precisará ir comigo à Igreja para pagarmos, juntos, uma promessa que fiz a Santa Catarina. Acredito que Cláudia pode ter valido muito ~~para~~ você, mas Santa Catarina valeu muito mais! E foi a ela que entreguei você, quando vi as coisas ferverem.

RODRIGO - Está bem, querida, eu não lhe deixarei mal perante a Santa. Amanhã iremos pagar sua promessa a Santa Catarina!

TÉCNICA - GORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS GEMAS.

CATARINA - Então a senhora estava extranhando a minha ausência?

CORÁLIA - Estava, sim, mas a senhora precisa compreender que eu tinha razão.

CATARINA - E eu também tinha razão de demorar. Sabe o que estava fazendo? Verificando os locais para onde deveria levar a senhora e o garotinho. Não poderia expô-los a um ataque imprevisto. Sabe-se lá o que poderia acontecer?

CORÁLIA - Mas afinal... quem faria esse ataque? Até agora confesso-lhe que não cheguei bem a compreender a situação. Sei apenas que estamos fugindo, mas não sei de quem estamos fugindo, nem porque, o que ainda me parece mais importante.

CATARINA - O garotinho que está em seu poder, está sendo procurado por um emissário do pai dele, com ordem para destruí-lo.

CORÁLIA - O pai deseja destruir o menino? O pai? A mim me disseram que o Avô ou a Avó seriam capazes de tentar dar sumiço no menino, mas não me falaram do pai.

CATARINA - A história que lhe contaram é falsa. A verdadeira história é a seguinte: O pai tem ódio do menino porque o julga fruto de uma traição da esposa por quem ele tinha verdadeira adoração. E então, em consequência desse ódio, quer destruir a criança, pensando que destrói, com isto, a causa maior da sua infelicidade.

CORÁLIA - Ah, bem... só assim pode-se compreender o ódio de um pai por um filho.

CATARINA - Há um emissário do pai da criança procurando-a desesperadamente. Ele

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) foi à casa de sua irmã e forçou-a a dizer-lhe onde a senhora se achava. Ela, à frente de um revólver, não teve outra saída e deu e "deu o serviço", como nós dizemos. Mas em seguida, desesperada, telefonou para a polícia e contou o que havia se passado. Eu então fui destacada para proteger a criança. Sua irmã mesma foi que me deu o seu endereço. De outra forma, como poderia descobri-la, não é verdade?

CORALIA - Sim, sim, é verdade. E foi isto que me animou a segui-la.

CATARINA - Garanto que a esta hora o emissário de seu Petrólio, o pai, já deve ter ido lá na fazenda à sua procura. E se ele a tivesse encontrado lá, já a senhora estaria, desde ontem, separada do menino, ou morta se recusasse entregá-lo.

CORALIA - Que horror, meu Deus! Como podem acontecer coisas destas neste mundo de Deus?!

CATARINA - Bem... está tudo pronto para proseguirmos viagem?

CORALIA - Tudo. O garotinho está dormindo, mas não tem importância. Eu o levo no colo, tanto faz...

CATARINA - Então vá buscá-lo que eu vou chamar o Bertoldo para botar as malas no carro.

CORALIA - Sim senhora.

C/NEGRA - PASSOS QUE SE ANASTAMEM CHÃO BATIDO. BAFIDAS NA PORTA.

CATARINA - Uê!... Quem será?!... Bertoldo não bateria na porta do seu próprio rancho...

C/NEGRA - PASSOS DE CATARINA EM CHÃO BATIDO. PORTA DE MADEIRA RUSTICA QUE ABRE RAUGENDO.

CATARINA - Como?!... Você aqui?!...

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- novela original de Erico Cramer -

612 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CATARINA - Está tudo pronto para prosseguirmos viagem?

CORÁLIA - Tudo. O garotinho está dormindo, mas não tem importância. Eu o levo no colo, tanto faz...

CATARINA - Então vá buscá-lo que eu vou chamar o Bertoldo para botar as malas no carro.

CORÁLIA - Sim senhora.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM EM CHÃO BATIDO. BATIDAS NA PORTA.

CATARINA - Uê!... Quem será?!... Bertoldo não bateria na porta do seu próprio rancho...

C/REGRA - PASSOS DE CATARINA EM CHÃO BATIDO. PORTA DE MADEIRA RÚSTICA QUE ABRE, RANGENDO.

CATARINA - Como?!... Você aqui?!...

JERONIMO - Eu, sim. Está surpresa, não é?

CATARINA - Naturalmente, Nem imaginava que você andasse por estas bandas... Que faz aqui?

JERONIMO - O mesmo que você.

CATARINA - Não compreendo.

JERONIMO - Compreende, sim. Não se faça de ingênua.

CATARINA - Você quer dizer que o objetivo da sua viagem é o mesmo que o meu?

JERONIMO - Exatamente.

CATARINA - Mas se trabalhamos para o mesmo fim, ou melhor, para a mesma pessoa, não vejo necessidade de estarmos os dois num mesmo lugar. Poderíamos ter feito uma melhor distribuição de forças. Seria mais proveitoso, do que estarmos os dois concentrados no mesmo ponto. Não lhe parece?

JERONIMO - Mas a questão é que nós trabalhamos para o mesmo fim, em verdade, mas não para a mesma pessoa. Cada um de nós trabalha para si mesmo. E penso que chegou a hora de tirarmos as máscaras. O que for mais forte, ou mais habilidoso, arrebatará o prêmio do outro. Está vendo isto aqui?

CATARINA - Estou, mas experimente aproximar-se de mim com esse punhal e eu o deixo rei estendido no chão, com um só tiro de minha pistola.

BERTOLDO - (ENFRAQUECIDO) Que é isso aqui, xente? Vocês dêro pra querê brigá dentro do meu rancho? Não quero isso, não. Vocês guarda essas arma ou então vão se extranhá lá na rua. E não dianta me oíê feio, não que eu não me assusto de careta.

TECNICA - ACORDE RÁPIDO, PARA SEPARAÇÃO DE CENA

CORÁLIA - O senhor é o chofer que está esperando dona Catarina?

VOZ - Sou, sim senhora. Não está me reconhecendo? A senhora veio comigo para cá.

CORÁLIA - Ela disse para o senhor me deixar na cidade com o menino, que depois ela vai com o outro carro que chegou há pouco.

VOZ - E não tem bagagem para levar?

CORÁLIA - Não senhor. Comigo vai só esta trouxa do menino e o meu casaco. O resto ela leva depois.

VOZ - Sim senhora. Pode embarcar, então. O serviço a senhora paga lá?

CORÁLIA - Pago, sim senhor. Só quero sair daqui o quanto antes, porque o menino está ardendo em febre.

VOZ - Podemos sair agora mesmo. Não tem problema.

C/REGRA - PORTA DE AUTOMÓVEL QUE ABRE. PAUSA. PORTA QUE FECHA.

VOZ - A trouxa pode ir ali na frente, comigo.

CORÁLIA - Não é preciso. Está bem aqui. Vamos embora de uma vez, por favor.

VOZ - Sim senhora.

C/REGRA - OUTRA PORTA ABRE E FECHA.

TECNICA - RUÍDO DE LIGAR MOTOR E ARRANCAR CARRO. RUÍDO DE CARRO ANDANDO E SE AFASTANDO. FUNDE COM CORTINA MUSICAL RÁPIDA.

BERTOLDO - Ozeis num pode acertá as conta sem sê com arma?

CATARINA - Seria muito mais interessante para qualquer um dos dois, mas esse sujeito quer passar-me para traz e abiscoitar, sósinho, todo o prêmio que o pai oferece pelo menino.

JERONIMO - Eu não quero abiscoitar o prêmio sósinho. O que não quero é ser ludibriado por você. É muito diferente, parece.

CATARINA - Quem lhe disse que eu pretendo ludibriá-lo?

JERONIMO - O seu procedimento. Até hoje você cumpriu com uma só das promessas que me fez? Nenhuma. Em todas elas quebrou o corpo para me deixar de fora. Pensa que poderá agir assim, indefinidamente? Está enganada, ouviu? Muito enganada. Se quiser fazer um último acordo, eu ainda posso tentar, mas aí de você se tiver a triste ideia de querer me passar a perna. Liquidou-a na mesma hora, como se liquida um cão raivoso.

CATARINA - Deixe de ser tólo e procuremos acertar os relógios. Ambos teremos a ganhar. O pai do menino oferece quatro milhões por ele. Cada um de nós ficará com dois milhões. Não chega? Acho que é um começo de vida bem razoável tanto para mim como para você.

JERONIMO - Desde que eu receba realmente os dois milhões... (PSUSA) Mas quem entregará a criança?

CATARINA - Nem eu, nem você. A moça que o está cuidando.

JERONIMO - E onde está ela?

CATARINA - No quarto de Bertoldo. A esta hora deve estar apavorada com a nossa discussão. Bertoldo, faça o favor. Diga a ela que venha.

BERTOLDO - Bem vê.

G/REGRA - PASSOS DE BERTOLDO NO CHÃO BATIDO. ABRIR PORTA QUE RANGE.

BERTOLDO - Moça, pode passá... (CORTE) Uai, xente! Não tem ninguém aqui!...

CATARINA - Não é possível. No momento que Jerônimo chegou ela entrou aqui para buscar o menino...

JERONIMO - Veja, a janela está aberta. Decerto ela fugiu por ali.

CATARINA - Mas não poderá ir muito longe. Teremos tempo de apanhá-la.

JERONIMO - Eu estou com um carro à minha espera lá fora, na porteira.

CATARINA - Eu também. Seguiremos cada um para um lado e não deixaremos de encontrá-la. Vamos de uma vez. Não devemos perder muito tempo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL, RÁPIDA.

CATARINA - Ela foi mais esperta do que eu imaginei. Pegou o carro que estava aqui aos meus serviços. Naturalmente ofereceu uma boa remuneração ao chofer e ele não teve dúvida em aceitá-la.

JERONIMO - E agora, como faremos?

CATARINA - Vou com você no mesmo carro.

JERONIMO - Muito bem, mas... para que lado?

CATARINA - Não sei. Isto, agora, é uma questão de palpite.

JERONIMO - Será que ela voltou para a fazenda onde estava?

CATARINA - Não creio. É muito mais provável que tenha ido em direção à cidade.

JERONIMO - Pois então vamos também nós para lá e nos ranchos que passarmos iremos fazendo uma inspeção.

JERONIMO - Vamos embora que já perdemos tempo demais. Em direção à cidade, chofer.

TÉCNICA - RUÍDO DE LIGAR/MOTOR DE AUTOMÓVEL E AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO. FAZDE COM CORTINA MUSICAL FORTE. - *Ruído de rua.*

VOZ - Este hotel é bem como a senhora deseja. Tranquilo, familiar, simples e de preço bastante razoável. Em geral, quando os passageiros me pedem um hotel bom e de pouco preço, costumo trazê-los para cá.

GERÁLIA - Muito bem. Quanto lhe devo pela viagem?

VOZ - Eu costumo cobrar quinze mil cruzeiros, mas vou fazer doze mil para a senhora.

CORÁLIA - Não senhor. O senhor já me prestou um grande favor trazendo-me para cá, eu não posso admitir que tenha prejuízo. Vou lhe pagar os dezoito mil e apenas pedir-lhe mais um grande favor.

VOZ - Sim senhora. Pode pedir.

CORÁLIA - Se alguém, "seja lá quem fôr", perguntar onde o senhor me deixou, diga que saltei numa praça qualquer e fiquei lá. Não desejo que ninguém saiba o meu paradeiro; entendeu bem?

VOZ - Entendi, sim senhora. Pode ficar tranquila.

CORÁLIA - Aqui está o seu dinheiro. Quer fazer o favor de trazer a minha bagagem? Eu não posso pegar por causa do menino.

VOZ - Sim senhora, pode deixar que eu levo.

CORÁLIA - Então venha comigo, por favor.

TÉCNICA - CURTINA MUSICAL, FUZE COM RUÍDO DE AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO

CATARINA - Você revistou todo o rancho?

JERONIMO - Todo. Duas peças, nem tinha muito o que revistar.

CATARINA - E no galpão lá fora, você não foi?

JERONIMO - Fui. No está bulo também. Ela não estava.

CATARINA - E não se lembrou de perguntar se não viram passar um automóvel, mais ou menos uma meia hora antes?

JERONIMO - Perguntei. Mas não tenho certeza que eles tenham me respondido com a verdade.

CATARINA - Por que? Você não lhes disse que era da polícia?

JERONIMO - Exatamente por isto. Ficaram tão assustados que daí para diante não atiraram mais nada. O homem dizia uma coisa, a mulher dizia outra... nunca se acertavam bem.

CATARINA - Mas então você não podia ter saído de lá, sem aclarar bem as coisas. Tinha que descobrir, de qualquer maneira, o que eles estavam querendo esconder, Jeronimo.

JERONIMO - Eles não estavam querendo esconder nada. Ficaram apenas assustados, quando eu lhes disse que era da polícia. Daí para diante, perderam a naturalidade e começaram a gaguejar e a se desdizer.

CATARINA - Ninguém gagueja e se desdiz, sem ter culpa no cartório.

JERONIMO - Deixe de tolices. Ninguém conhece melhor essa gente mambira do que eu. Tudo que eles fizeram foi por conta do medo que ficaram. Nada mais.

CATARINA - Pois é, mas pelo sim, pelo não, no próximo rancho quem vai descer sou eu. Entendido?

TÉCNICA - SOBE O RUÍDO DO AUTOMÓVEL E FUZE COM CURTINA MUSICAL.

LEILA - As coisas continuam tão confusas que a gente não sabe como irão terminar.  
 BELMIRA - De qualquer modo não devemos perder a fé em Deus, porque, quando menos se espera, Ele dá jeito em tudo.

LEILA - Pois é, mas a gente cansa de esperar e às vezes desespera. Palavra de hora que eu admiro é a persistência de Rodrigo. Tudo lhe vai às avessas, mas ele não desiste.

BELMIRA - Porque tem fé em Deus e sabe que, de um momento para o outro Deus olha para baixo e tudo se resolve com a velocidade de um passe de mágica.

LEILA - Dona Eugênia também está desanimada, coitada! Também, pudera! Esperando pelo filho há tantos meses e todas as tentativas sendo frustradas...

BELMIRA - Mas o desânimo não auxilia em nada. Pelo contrário. Só faz a gente perder o estímulo de lutar. E na vida, minha filha, não se consegue sem luta. Como também nenhuma luta se consegue vencer, quando não se tem a certeza de que Deus está do nosso lado.

LEILA - Bem... lá isso é verdade. Mas mudando de assunto... Eu estou admirada que Rodrigo até agora não me procurou, nem me telefonou.

BELMIRA - Deve estar agindo para descobrir o paradeiro do irmão. Sim, porque seu Rodrigo é dos meus. Não desanima... o nem perde a fé!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FIM DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA INÍCIO DA 2ª PARTE. FILME COM AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO.

JERONIMO - Você me-tin a ele que era da polícia?

CATARINA - Logo de início, não, com receio de que acontecesse o que aconteceu com você, mas depois o homem começou a não querer responder as perguntas que eu fazia... fiquei com raiva e ameacei-o de prisão. Foi tiro e queda. Destrovou logo a língua. Falou até caçar.

JERONIMO - E deu algum "serviço" sobre a fugitiva?

CATARINA - Disse que não ouviu passar automovel nenhum na estrada, mas que podia ser que tivesse passado, porque em seguida do jantar ele deitou e dormiu logo, só acordando quando eu bati na porta do rancho.

JERONIMO - E não disse a que distância daqui fica o rancho seguinte?

CATARINA - Disse que só na divisa da Fazenda da Penitência, a duas léguas daqui, mais ou menos.

JERONIMO - Eu estou querendo acreditar que nós tomamos a direção contrária. É bem capaz que aquela camarada tenha voltado para a fazenda onde estava.

CATARINA - Não importa. Se não a encontrarmos na cidade, voltaremos lá.

JERONIMO - Voltaremos, não. Um volta e o outro fica na cidade investigando. Não podemos continuar perdendo tempo, um vigiando o que o outro faz. Cada um tem que atacar de um lado e um sentir o apoio do outro. Devemos nos lembrar, principalmente, que quem tudo quer...

CATARINA - ... tudo perde!

JERONIMO - Isso mesmo. E o que quiser ganhar tudo... vai perder, mesmo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

RODRIGO - Claudia não deixou nenhum recado para mim hoje, vóvó?

ARABELA - Não, meu filho. Ela ficou de telefonar para você?

RODRIGO - Se tivesse alguma novidade, me avisaria, logo, por seu intermédio. É que ela está esperando, a todo momento, uma notícia qualquer de Catarina, pois que foi ela quem primeiro conseguiu botar a mão no garoto.

ARABELA - Mulher horrerosa! E pensar que confiei nela durante tantos e tantos anos. Nunca vi ninguém fingir com tanta perfeição; asseguro-lhe.

RODRIGO - Mas vai chegar o momento em que ele vai se enredar nas próprias tremas pode ficar certa, vóvó.

ARABELA - Que ela se enrede sózinha, inda não é nada, mas e se ela, ao sentir que vai perder-se, enredar as pessoas que estão à sua volta? Isso é que será deveras lamentável. E ela não terá dúvidas em fazer, acredite.

RODRIGO - Claro que não terá. Catarina é a criatura mais sórdida e mais perigosa que encontrei em toda a minha vida. Calculista e fria, como não vi segunda. Só há uma coisa pela qual esla se interesse verdadeiramente: o dinheiro. Está sempre com quem paga bem e não tem a menor dúvida em abandonar aquele, desde que encontre outro que lhe pague mais.

ARABELA - Um dia, quem terá que pagar será ela. A gente não faz nada neste mundo que não pague, meu filho. Cada! Parece que a vida se compraz em cobrar, uma por uma, todas as maldades que praticamos.

RODRIGO - Será a vida, ou será Deus que nos cobra as maldades?

ARABELA - É a mesma coisa. Pois não é ele quem nos concede e nos caça o direito de viver? Infelizmente, só muito tarde é que vim a compreender esta grande verdade, mas talvez ainda em tempo de salvar a minha alma das penas do inferno. Se tivesse sabido crer, desde menina... quantos temores teria poupado à pobre velha que hoje sou!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CAMARTEIRA - Dá licença, dona?

CORALIA - (em 2º PLANO) Entre.



G/REGRA - PORTA QUE SE FECHA. PASSOS EM PRIMEIRO PLANO.

CAMAREIRA - É a sua passagem para o noturno de hoje.

CORÁLIA - Ah, você já comprou?

CAMAREIRA - Já, sim senhora. E aqui está o trêco. A senhora precisa estar na Estação um pouco antes das vinte uma horas.

CORÁLIA - Um pouco, não. Uma hora antes já eu estarei lá. Gosto de fazer tudo com bastante antecedência.

CAMAREIRA - Eu tinha esquecido de lhe perguntar uma coisa: trouxeram o leite que a senhora havia pedido para fazer a mamadeira do garotinho?

CORÁLIA - Trouxeram, sim. Eu já fiz a mamadeira... Ele já mamou... e já está quasi dormindo, veja.

CAMAREIRA - Ele é muito mansinho; não é mesmo? Essa criança está aqui desde ontem e eu não ouvi ele chorar nem uma vez.

CORÁLIA - Ele não chora, mesmo, coitadinho. A não ser quando eu esqueço a hora da mamadeira e deixo passar muito tempo, ou então quando ele sente uma dor qualquer, que a isto nenhuma criança resiste.

CAMAREIRA - É um amor o garotinho! É seu filho?

CORÁLIA - Sobrinho. Mas a mãe morreu, quando ele nasceu, de maneiras que o criei desde o primeiro dia.

CAMAREIRA - A senhora vai descer para jantar no salão, ou quer que eu lhe traga a comida no quarto?

CORÁLIA - Não, descer não vou. Prefiro que a senhora me traga alguma coisa.

CAMAREIRA - Então eu vou buscar o cardápio lá em baixo, para a senhora escolher o que prefere.

CORÁLIA - Não é preciso. Eu vou comer alguma coisa, apenas para não ficar com o estômago vazio. Você pode mandar fazer um bife com batatas e um pouco de arroz. Não precisa mais nada.

CAMAREIRA - Não quer dois ovos fritos, para acompanhar o bife? Fica gostoso.

CORÁLIA - Não é preciso, não tenho fome. Vou comer alguma coisa, apenas para me alimentar.

CAMAREIRA - Sim senhora, então eu já vou fazer a encomenda lá na copa. Com licença.

CORÁLIA - É sua.

G/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO.

CORÁLIA - Que bom! A passagem já está comigo. Vou enrolar a cabeça num lenço, enfiar-me num capote e meter-me, bem quieta, lá num canto da estação até a hora do trem sair. E Deus permita que eu consiga chegar onde desejo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. FULDE COM TREM EM MOVIMENTO. VOLTA A FUADIR COM CORTINA MUSICAL.

TEREZA - Sabe que este noite tornei a sonhar com Luizinho, dona Eugênia?

EUGENIA - Você sonhou realmente, Tereza, ou diz isto para não me deixar desanimar?

TEREZA - Ora, dona Eugênia, então eu ia lhe dizer uma coisa que não tivesse acontecido? Acho que nunca menti para a senhora, não é mesmo?

EUGENIA - Mas aí não se trataria de mentira propriamente dita, Tereza. Era mais um ato de caridade do que outra coisa. Uma coisa até muito louvável, para quem a fizesse. Você tem me visto tão desanimada nestes últimos dias... era natural se dissesse qualquer coisa assim, para me levantar o ânimo. Não era?

TEREZA - Não era, não, porque a senhora já me conhece há muito tempo e sabe que eu não sou de inventar coisas, mesmo quando essas coisas sejam ditas com boa intenção. Eu peço pelo excesso de sinceridade e de franqueza. O máximo que eu consigo fix fazer é ficar calada, quando as coisas não devem ser ditas, mas dizer uma coisa pela outra... jamais consegui fazer.

EUGENIA - Está bem, Tereza, desculpe então ter feito mau juízo de você, injustamente. Si bem que o meu juízo não chegou a ser propriamente mau. Mas conte-me o que foi que você sonhou.

TEREZA - Que a senhora estava no alto de uma montanha, olhando para baixo à procura do seu filho, sem conseguir vê-lo e que justamente pelo outro lado, para onde a senhora não estava olhando, ele vinha subindo de mão com um rapaz que ainda desta vez eu não vi a cara, mas o corpo e o jeito todo eram de Rodrigo.

EUGENIA - E qual é a interpretação desse seu sonho, Tereza?

TEREZA - Este sonho está confirmando o outro, que o seu filho vem vindo, para lhe ser entregue pela mão de Rodrigo, mas que ainda não vai ser já, porque a senhora estava no alto da montanha e ele um pouco abaixo da metade.

EUGENIA - Eu faço força para não perder a esperança, mas mesmo assim há dias em que ela me abandona completamente. E é triste a gente viver sem esperanças, você não acha, Tereza?

TEREZA - Viver sem esperanças, para mim, é o mesmo que percorrer uma longa estrada cheia de pedras e de corações e não ter ao longe a luz de uma estrela para lembrar que o céu está lá em cima e que Deus mora no céu e vela pelos seus filhos!

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEMBAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - Eu estou preocupada com a falta de notícias de Corália. Já era tempo que ela me mandasse dizer qualquer coisa. Afinal, faz mais de dez ou doze dias que lhe escrevi e até hoje ela não se dignou responder-me. Vou esperar

IRACEMA (CONTINUAÇÃO) mais nas dois ou três dias e vou passar-lhe um telegrama.

C/REGRA - RELÓGIO PEQUENO BATE NOVA BADALADAS.

IRACEMA - Meu Deus, nove horas da manhã, já! Parece mentira que me levantei às sete e até agora não tomei meu banho nem me vesti. E eu preciso sair mais cedo, hoje, para ver se consigo uma vaga no pensionato, ou na pensão onde mora a minha colega dona Marfisa. Não quero continuar aqui sozinha, depois dos sustos todos por que passei e Corália, infelizmente, eu não acredito que possa voltar mais, ou pelo menos tão cedo. Se um dia as coisas se normalizarem e permitirem o seu retorno, aí a gente procura uma outra casa. Talvez não encontre uma tão boa nem tão barata, mas alguma coisa que sirva para nós duas não me parece tão difícil de encontrar. Até mesmo duas peças numa casa de família é impossível que a gente não encontre.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

IRACEMA - Ué! Tem gente batendo aí. Talvez seja o rapaz do armazém para saber se vou querer qualquer coisa.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. (PASSOS DE IRACEMA.)

IRACEMA - Eu vou pedir que ele me traga arroz e massa. Ah, é verdade... preciso, também, de um pacote de fósforos.

C/REGRA - DÁ VOLTA NA CHAVE E ABRE A PORTA.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. SUSTO VIOLENTO.

IRACEMA - Meu Deus!... Não é possível!... Que aconteceu, criatura?!...

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE RACIONAMENTO

---

A MARCA DO ÓDIO

- novela original de Erico Cramer -

62º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

IRACEMA - Se um dia as coisas se normalizarem e permitirem o retorno de Corália, a gente procura uma outra casa. Talvez não se encontre tão boa, nem tão barata, mas alguma coisa que sirva para nós duas, não me parece tão difícil de encontrar. Até mesmo duas peças numa casa de família, é impossível que a gente não encontre.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

IRACEMA - Uê!... Tem gente batendo aí. Talvez seja o rapaz do armazem, para saber se vou querer qualquer coisa.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO (DE/ IRACEMA)

IRACEMA - Eu vou pedir que ele me traga arroz e massa. Ah, é verdade... preciso, também, de um pacote de fósforos.

C/REGRA - Dá volta na chave e abre a porta.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. SUSTO VIOLENTO.

IRACEMA - Meu Deus!... não é possível!... Que aconteceu, criatura?!...

CORÁLIA - O pior que podia acontecer. Vamos entrar, depois eu te conto.

C/REGRA - FECHA PORTA COM CHAVE. PASSOS DAS DUAS.

CORÁLIA - Desculpa. Entrei tão assustada que nem te dei um beijo. (BEIJOS)

IRACEMA - Como está Luizinho?

CORÁLIA - De saúde bem, felizmente, mas perseguido por dois vigaristas que querem raptá-lo a qualquer custo.

IRACEMA - Pois eu te mandei avisar. ~~XXX~~<sup>E</sup> sabes que a culpa é minha? Depois te conto.

C/REGRA - Senta para descansar que eu vou fazer um café.

C/REGRA - CESSAM OS PASSOS. RUIDO DE MESMANSKK SENTAR E RESPIRAR FUADO.

CORÁLIA - Não, não, obrigada. Não tenho vontade agora. Mais tarde eu aceito. Queria era deitar Luizinho que recém dormiu.

IRACEMA - Espera. Vamos botá-lo aqui no sofá. (PAUSA) Como ele está bonitinho e bem disposto. Nem parece o mesmo menino branquinho de antes...

CORÁLIA - Também, pudera... apanhava sol o dia todo na fazenda. E você vai ver, depois, ele ensaiando os passinhos. É uma graça.

IRACEMA - Pronto, assim ele está bem. E calçado com estas almofadas, não há perigo. Mas me conte o que aconteceu com você?

CORÁLIA - Em resumo é isto: dois vigaristas queriam apossar-se da criança, ao mesmo tempo. A mulher apresentou-se como sendo da polícia e dizendo que estava

CORALIA - (CONTINUAÇÃO) encarregada de me proteger, porque o homem era um bandido e eu estava correndo perigo. Como me falou em você, disse que você é que lhe havia fornecido o meu endereço, eu acreditei nela e resolvemos fugir não sei para onde. Mas na hora mesmo que devíamos botar o pé no mundo, apareceu o homem para impedir a nossa fuga e na discussão dos dois eu percebi que havia caído numa boa cilada. Imagine você que eles trabalhavam juntos.

IRACEMA - Nossa mãe! Que eles se conheciam e se detestavam, eu já tinha tido ocasião de ver. Mas que trabalhassem juntos é um grande surpresa para mim.

CORALIA - Pois trabalhavam. Um procurando passar a perna no outro, mas eram sócios.

IRACEMA - Deus de Misericórdia!... E como foi que você conseguiu fugir?

CORALIA - Enquanto eles discutiam e se ameaçavam, eu fiz uma trouxa das roupas do menino, peguei o meu casaco, as mamadeiras, que felizmente estavam prontas para a viagem, pulei a janela do rancho onde estávamos e fui, quasi correndo, até à estrada onde nos aguardava o automovel que havia nos levado até lá. Ai, simulando calma e disfarçando melhor o meu nervosismo com o pretexto de que o menino estava com febre alta, convenci o chofêr de me trazer para cá, dizendo que a mulher iria ~~XXXXXXXXXXXX~~ no outro automovel que também lá estava esperando o homem. Ele me deixou na cidade e no dia seguinte peguei o noturno para cá.

IRACEMA - E você pretende ficar aqui? Não acha perigoso?

CORALIA - Mais do que sózinha, lá fora, não me parece.

IRACEMA - Mas a questão é que os dois sabem o meu endereço e com certeza virão aqui procurá-la.

CORALIA - E se mudássemos de casa, você acha que resolveria?

IRACEMA - Não creio. Eles me seguiriam e em dois ou tres dias descobririam o nosso endereço.

CORALIA - Então que será melhor fazer? Ajude-me, Iracema. Eu estou tão tonta do susto e da corrida que dei, que ainda não tenho cabeça para poder raciocinar

IRACEMA - Nós havemos de encontrar um jeito de resolver isto, mas por hora parece-me que o melhor de tudo é você ficar aqui escondida, sem aparecer na janela nem sair na rua. É a maneira de eu poder negar que você esteja comigo, compreende?

CORALIA - Compreendo, sim e não faço questão de mais nada sinão de estar ao lado do meu queridinho. Repare como é bonito. E quando ele acordar, você vai ver os olhos maravilhosos que possui. Um brilho que eu não vi em nenhuma

- CORÁLIA - (CONTINUAÇÃO) outra criança. E além de tudo é um menino tão acomodado... tão mansinho... que não dá trabalho o pobresinho. Só reclama quando está com fome ou sente qualquer dor.
- IRACEMA - Bem, mana, então você vai me dar licença, mas eu tenho que ir tomar algumas providências para alojá-los convenientemente. Preciso também comprar leite para o menino, que eu não tenho em casa, e tratar do nosso almoço.
- CORÁLIA - O almoço, não. O almoço, a partir de hoje, eu me encarregarei dele. Você ficará, apenas, com os encargos de rua.
- IRACEMA - Muito bem. Vou buscar o leite então, mas vou lhe fazer uma recomendação especial. Não abra a porta para ninguém que bata. Eu tenho chave, portanto não se preocupe comigo. Deixe que os outros batam até cansar e desistirem. Entendido?
- CORÁLIA - Perfeitamente. Pode estar descansada.
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.
- CATARINA - Não encontrou o nome dela em nenhuma das portarias de hotéis da cidade?
- JERONIMO - Não. Ela deve ter se registrado com outro nome. E com certeza omitiu qualquer referência à criança.
- CATARINA - E você tem certeza de haver procurado em todos os hotéis?
- JERONIMO - Todos. Quer dizer... pelo menos os que constam do catálogo telefônico.
- CATARINA - Vai ver, então, que seguiu viagem diretamente para a cidade. Não descansou.
- JERONIMO - Ou então parou em alguma pensão tão modesta que nem telefone tem.
- CATARINA - Também pode ser, mas eu estou mais inclinada a aceitar a hipótese da viagem direta. Ela devia estar apavorada, depois da nossa discussão.
- JERONIMO & ~~XXX~~ É, realmente fomos pouco inteligentes discutindo em tom que ela ouviu. Devíamos ter sido mais cuidadosos.
- CATARINA - Fomos pouco inteligentes, não. Você é que foi. Porque quem apelou para a ignorância foi você. Eu apenas me defendi.
- JERONIMO - Bem, isso não importa agora. Importa que precisemos encontrar essa camarada de qualquer jeito e a qualquer custo.
- CATARINA - E ela vai ter que receber o seu castigoso por estar nos dando este trabalho. (PAUSA) Se pudéssemos voltar e procurar o chausfer que a levou... talvez ele nos esclarecesse o local onde ela teria desembarcado...
- JERONIMO - Isso é uma providência que já pensei tomar, mas ainda não por hora. Só se não nos for possível encontrá-la dentro de três ou quatro dias, o que eu, francamente, não acredito. Ela não pode estar longe.

CATARINA - Sim, ela não pode estar longe... si é que realmente estamos andando na mesma direção que ela. Se foi para outro lado, cada vez estamos mais separados.

JERONIMO - Não se preocupe. Era só o que faltava que uma corôa solteirona e ingênua, fosse ludibriar ~~um~~ dois escolados, como nós. Era o caso, até, de mudarmos de profissão.

CATARINA - Louca estou eu para isto. Quando botar a mão no dinheiro que seu Petronio me prometeu, trato de comprar uma chacara em qualquer canto e vou criar galinhas. Dá muito menos trabalho e mais prazer do que procurar crianças roubadas.

JERONIMO - Você vai comprar uma chácara com a metade da importância, não é? Porque a outra metade você vai me entregar de qualquer jeito. Por bem ou por mal.

CATARINA - Você não perde essa mania de ameaçar, Jeronimo. Vou entregar a metade, sim. E vai ser por bem, não se preocupe.

JERONIMO - Estimo. Poupará trabalho a mim e incômodo a você. Mas afinal, que ~~quer~~ resolvemos? Continuamos as pesquisas aqui ou vamos logo embora para a cidade?

CATARINA - Não sei. Talvez fosse conveniente percorrer as pensões de tarde. Não lhe parece?

JERONIMO - Pode ser. Tomarei passagens para o noturno, então. Ficaremos com a tarde toda para prosseguir as nossas investigações.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Catarina não telefonou ontem nem hoje?

CLAUDIA - Não senhor.

PETRONIO - Essa mulher pensará que pode brincar comigo? Ela não sabe que eu não gosto de esperar?

CLAUDIA - Isso eu não posso lhe responder, porque francamente não sei.

PETRONIO - Você não ouviu quando ela me disse que dentro de uma semana estaria tudo resolvido?

CLAUDIA - Ouvi, sim senhor, mas achei muito optimismo da parte dela.

PETRONIO - Mas ela já tinha o endereço da criança, era só chegar lá, arrancá-la e trazer.

CLAUDIA - O arrancar é que deve ter sido o mais difícil de tudo. E talvez por isso mesmo, ela esteja demorando um pouco mais a lhe mandar notícias. Mas o senhor não se exaspere, porque eu tenho a impressão de que, e

CLAUDIA - (CONFUSÃO) qualquer momento, ela rompe por aí com a criança a tira colo.

PETRONIO - É, vamos ver. E si ela vier e eu estiver fora, tome logo conta da criança, por minha ordem. Não a deixe mais sair daqui.

CLAUDIA - Mas e si ela não quizer deixar o menino, sem receber o pagamento prometido? Que poderei fazer?

PETRONIO - Na gaveta de segredo da minha escrevaninha deixarei um cheque assinado, da importância prometida. Catarina não é de confiança. Pegue a criança, primeiro e depois entregue-lhe o cheque.

CLAUDIA - Perfeitamente. Mas e que faço, depois, com a criança? Há dias em que o senhor sai e não volta ao escritório.

PETRONIO - Não se assuste. De hoje em diante, terei o cuidado de telefonar para cá, diariamente, antes da hora de você ir para casa. E se por acaso acontecer de eu me esquecer um dia, você chame um taxi, leve-o consigo e guarde-o por uma noite. Não pode fazer isto?

CLAUDIA - Posso, por que não?

PETRONIO - No dia seguinte, traga-o novamente de taxi e quando eu chegar, deliberarei a vida dele.

CLAUDIA - Desculpe, mas... o senhor já pensou o que vai fazer com o garotinho?

PETRONIO - Tenho pensado muitas coisas com a intenção de poupar a vida dele, mas até agora acho que o melhor de tudo, principalmente para mim e para ele seria o seu desaparecimento total.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CLAUDIA - Pois eu penso diferente. Acho que si ele vivesse sob o seu domínio, quanto mais despótico o senhor fosse, mais completa seria a sua vingança.

PETRONIO - (AUGE DO ENTUSIASMO) Isso!... Isso mesmo!... Você tem toda razão! Sem posso compreender como não me lembrei disso antes!...

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FULDE COM CORTINA PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPITULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - ABERTURA MUSICAL DA 2ª PARTE.

ARABELA - Mandei chamá-lo, Padre, para pedir-lhe um grande favor: quero que o senhor me visite diariamente, de hoje em diante, ainda que tenha que pagar-lhe taxi, para vir e para voltar.

CRISPIM - Mas por que isso, minha amiga? Deve haver um motivo especial nesse seu pedido; não há?

ARABELA - É que eu ando me sentindo doente, Padre Crispim e não desejava morrer



ARABELA - (CONTINUAÇÃO) sem confessar meus pecados.

CRISPIM - Mas por que não aproveita e não os confessa agora? Não seria muito mais simples?

ARABELA - Para mim, não. Acho que se lhe confessasse os meus pecados hoje, amanhã e até o dia em que morresse, não poderia mais olhar para a sua cara de tanta vergonha que sentiria.

CRISPIM - Pois é exatamente nisto que está o grande valor do arrependimento, minha amiga. A vergonha e o constrangimento são o castigo que hão de redimir os seus pecados.

ARABELA - Mas é um castigo muito duro. Eu não sei se teria coragem de enfrentá-lo.

CRISPIM - Teria, sim. Por que não? Deus dá essa coragem, pode crer.

ARABELA - Vamos ver. Eu vou começar a pensar nisto que o senhor me disse e pode ser que, encarando as coisas dessa maneira, eu acabe por me confessar antes da hora final, mas de qualquer jeito, até que ~~XXXXXXXXXX~~ me resolva a proceder desse modo, peço-lhe que continue a vir aqui diariamente.

CRISPIM - Não há dúvida. Eu virei. Mas peço-lhe que pense, detidamente, que o valor da confissão está, justamente, na vergonha e na humilhação que o pecado nos faz sentir, diante das pessoas que conhecem a nossa falta.

ARABELA - Eu pensarei, Padre. Já estou pensando. E não se admire nada se amanhã mesmo eu estiver ajoelhada no seu confessionário.

CRISPIM - Há de ver, depois, passada a fase da humilhação, o alívio que o seu coração há de sentir.

ARABELA - Deus permita, padre! Deus permita! Eu não quero me sufocar com o peso das minhas faltas.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - Você me pede a opinião sincera, eu vou lhe dar: acho que embora você esteja mais acompanhada aqui comigo, o ideal era conseguirmos uma casa, fora da cidade, onde você e o menino pudessem estar mais em segurança. Você não pode continuar encerrada dentro de casa, como até agora.

CORALIA - Isto não me incomoda. A rua não me faz falta. Tendo, como tenho, um quintalzinho para o menino tomar sol, o resto está tudo bem.

IRACEMA - Mas a questão é que eu estou certa de que a nossa paz não vai continuar. Estou esperando, a qualquer momento, a visita de algum dos seus perseguidores. Tanto pode ser o homem, como a mulher. Se não forem os dois ao mesmo tempo.

CORALIA - Você acha que se ~~eu~~ disser a eles que eu não estou aqui que eles vão continuar vigiando a casa?

IRACEMA - Vigiar a casa, só, não seria nada. Eles são capazes, até, de nos assaltar e liquidar qualquer uma de nós, se for preciso. Isso é uma gente horrível, uma gente capaz de tudo!

CORALIA - Bem, então se você pensa assim, para sua maior tranquilidade vamos pensar numa casa que receba a mim e ao menino. Você que já está há mais tempo do que eu aqui, conhece alguma?

IRACEMA - Hoje já vou ter o cuidado de perguntar às minhas colegas, na repartição, e amanhã irei tratar a casa que elas me indicarem.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Seu Petrônio não está?

CLAUDIA - Não, mas casualmente ontem ainda esteve falando na senhora, achando que estava demorando muito a mandar-lhe notícias.

CATARINA - Pois imagine que depois de estar com a presa nas mãos, ela me fugiu. E era isto, exatamente, que eu queria dizer a ele. Que dentro de mais uma semana, no máximo, tudo estará resolvido.

CLAUDIA - A senhora já localizou-a novamente?

CATARINA - Não, mas tenho certeza do lugar onde irei encontrá-la.

CLAUDIA - (FINGENDO DISPLICAÇÃO) Que lugar?

CATARINA - Por ora não posso dizer. Você, embora faça parte da quadrilha, sabe muito bem que a alma do negócio é o segredo.

CLAUDIA - Ele até deixou comigo cheque já assinado da quantia prometida e me disse que, se ele não estivesse, ~~que~~ eu tomasse conta da criança e pagasse à senhora o preço combinado.

CATARINA - Ah, ele deixou o cheque com a senhora?

CLAUDIA - Deixou.

CATARINA - Quer dizer que se ele não estiver, a senhora pode resolver o assunto?

CLAUDIA - Estou autorizada por ele. A senhora me entrega o garoto e eu, na mesma hora, faço entrega do cheque. É dá cá, toma lá.

CATARINA - Ótimo! Agora mesmo é que vou me esforçar para resolver o quanto antes este assunto. Quando me lembro que ele já podia estar resolvido e o Jerônimo estragou tudo...

CLAUDIA - Quem que estragou?

CATARINA - Um idiota que botei para me auxiliar e que resolveu dar um show e bota tudo a perder. Mas ele também vai me pagar. Ele que espere. Prometi-lhe a metade da gratificação que vou receber, mas ela vai ficar inteirinha na minha mão. Oh, se vai! (TOM) Bem, então eu vou agir e qualquer novidade

CATARINA - (COMPLAUAÇÃO) de me apressarei em comunicar-lhe.

CLAUDIA - Perfeito. Faça isso, então.

CATARINA - Muito bem, pode deixar. Até outro dia.

CLAUDIA - Até outro dia.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM.

CLAUDIA - E que seja ainda esta semana, que eu já estou louca para ver essa história resolvida.

CATARINA - (2º PLANO) Muito mais estão eu. Tchau!

C/REGRA - ABRIR E FECHAR PORTA EM 2º PLANO.

CLAUDIA - Vou avisar seu Rodrigo de tudo isto, agora mesmo.

C/REGRA - DISCAR QUATRO OU CINCO NÚMEROS DE TELEFONE.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CORTINA PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

~~XXXXXXXXX~~  
CORÁLIA - Graças a Deus que você chegou! Eu estava tão nervosa! Bateram na porta várias vezes durante a tarde.

IRACEMA - Mas você não abriu; não é verdade?

CORÁLIA - Deus me livre! Você havia me avisado que não abrisse...

IRACEMA - Eu já estou providenciando na casa que lhe falei. Uma colega ficou de me dar, amanhã, o endereço de um pensionato que admite senhoras com filhos pequenos e já depois de amanhã eu irei lá saber as condições e ver se tem vaga. Em caso afirmativo, já depois de amanhã, bem cedinho, você vai para lá. Quando eu estiver com saudades irei vê-los.

CORÁLIA - Você não acha melhor alterarmos a verdade? Podemos dizer que o garoto é meu filho e você uma amiga de muitos anos.

IRACEMA - Claro! Começaremos o despiste por aí. Tudo que fizermos para modificar a situação, será pouco.

CORÁLIA - É uma pena não se poder avisar a polícia, sinão pegaríamos os dois de uma só vez.

IRACEMA - Pois é, mas aí entraríamos nós também nas investigações e você acabaria perdendo o garoto. Ah, se não fôsse isso, a questão já estaria resolvida há muito tempo.

CORÁLIA - Você acha que poderiam me tirar o garoto, se não tivessem provas de que ele não me pertence?

IRACEMA - Não seria difícil, para eles, que são ricos, arranjam todas as provas e testemunhas que desejassem. Precisamos ter muita cautela, do contrário estaremos perdidas.

CORÁLIA - É, sim. Precisamos de muita cautela, de fato. Eu não posso perder esse

- CORÁLIA - (CONTINUAÇÃO) garoto, de maneira alguma. Si chegar a perdê-lo, tenho a impressão de que não resistirei ao desgosto e sucumbirei.
- IRACEMA - Acredito, sim. Nunca lhe vi tão empolgada com coisa alguma, neste mundo.
- CORÁLIA - Ontem eu estava apavorada, mas já hoje, na sua companhia, parece que me sinto mais segura. Não sei si é pela sua presença, propriamente dita, ou si é pelo fato de ter com quem desabafar os meus temores.
- IRACEMA - Seja por isto, ou por aquilo, uma coisa eu vou lhe dizer: estou disposta a lhe dar todo o meu apoio e lutar com você para conservar este garoto. Ele já faz parte da nossa vida.
- CORÁLIA - Obrigada, Iracema. Muito obrigada pelo grande bem que as suas palavras trazem ao meu coração.
- C/REGRA - BATIDAS NA PORTA.
- CORÁLIA - Meu Deus!...
- IRACEMA - Quem será?
- CORÁLIA - Pela maneira de bater, é a mesma pessoa que *bateu* ~~em~~ várias vezes à tarde. Você vai abrir?
- IRACEMA - Acho que sim. Ela deve ter percebido, de fora, que estamos com a luz acesa.
- CORÁLIA - Então espere. Vou levar o menino lá para a cozinha e ficar lá com ele. Ven, meu querido, ven. Vamos tomar leitinho lá na cozinha, vamos...
- C/REGRA - REPETE AS BATIDAS, UM POUCO MAIS FORTES E DEMORADAS.
- IRACEMA - Eu vou lá. Fazer esperar muito tempo, mal dispõe a quem bate.
- C/REGRA - PASSOS DE IRACEMA, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. PARAM OS PASSOS. RUÍDO DE CHAVE QUE RODA NA FECHADURA E PORTA QUE SE ABRE.
- IRACEMA - Meu Deus!...
- TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.
-

63º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA

CORÁLIA - Meu Deus!...

IRACEMA - Quem será?!

CORÁLIA - Pela maneira de bater, é a mesma pessoa que batia várias vezes à tarde.  
Você vai abrir?

IRACEMA - Acho que sim. Ela deve ter percebido, de fora, que estamos com a luz acesa.

CORÁLIA - Então espere. Vou levar o menino para a cosinha e ficar lá com ele. Vem, meu querido, vem. Vamos tomar leitinho lá na cosinha, vamos...

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS UM POUCO MAIS FORTES E DEMORADAS.

IRACEMA - Eu vou lá. Fazer esperar muito tempo, mal dispõe a quem bate.

C/REGRA - PASSOS DE IRACEMA, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. PARAM OS PASSOS. RUIDO DE CHAVE QUE RODA NA PECHADURA E PORTA QUE SE ABRE.

IRACEMA - Meu Deus!... A senhora?!...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CATARINA - Eu, sim. De que se admira? Não esperava que eu voltasse?

IRACEMA - Confesso-lhe que não. Não encontrou Corália no endereço que lhe dei?

CATARINA - Encontrei-a, sim. E a criança também.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

IRACEMA - Pois então? A senhora disse que voltaria, caso eu lhe desse o endereço errado. Mas se lhe dei certo...

CATARINA - Bem, mas aconteceu uma coisa que eu não previa e por isso aqui estou.

IRACEMA - Que coisa?

CATARINA - Sua irmã veio comigo até quase a metade do caminho e, de repente, desapareceu com a criança.

IRACEMA - (SINGLADO) Meu Deus! A senhora me deixa aflita! Para onde ela poderia ter fugido?

CATARINA - Na minha opinião, só há dois lugares onde ela poderá estar. Na fazenda, onde estava antes... ou aqui!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

IRACEMA - Aqui?! Mas se ela veio para cá, ainda não chegou.

CATARINA - Se não chegou... deve chegar a todo momento. E eu gostaria de estar aqui para esperá-la.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE SUSTO.

IRACEMA - Aqui?! A senhora deseja ficar aqui, para esperar minha irmã?!... Mas não pode... não pode porque... porque eu vou passar a noite com uma colega que vai ser operada e não tem ninguém aqui, entende?...

CATARINA - Como? Você vai sair?! Vai passar a noite fora?! Mas e se a sua irmã chegar, nesse meio tempo?

IRACEMA - Ela tem a chave da porta... poderá entrar... Deixo-lhe um bilhete, naturalmente... explicando-lhe os motivos de minha ausência...

CATARINA - É pena, porque vai me obrigar a passar a noite do lado de fora, esperando-a, mas não tenho outra alternativa, porque preciso falar com ela de qualquer maneira.

IRACEMA - Pois é, e eu lamento muito ~~que eu não possa fazer mais nada~~, mas não encontro outro jeito. O máximo que posso fazer, é oferecer-lhe uma cadeira para botar do lado de fora da porta.

CATARINA - Não, não é preciso. Eu darei um outro jeito. Quer dizer, então, que ~~eu~~ você vai sair agora?

IRACEMA - É, sim senhora. Daqui a pouco.

CATARINA - Está bem. Então, não se constranja por minha causa. Boa noite.

IRACEMA - Boa noite. Desculpe, sim?

CATARINA - Não tem importância. Pode fechar a sua porta.

IRACEMA - Com licença.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA. CHAVE QUE DA VOLTA. PASSOS SEMPRE EM 1ª PLANO. PARAM.

CORÁLIA - (MEIO TOM) Ela já foi?

IRACEMA - Neste momento. Queria ficar para esperar por você.

CORÁLIA - Eu ouvi. Fiquei louca de medo que ela insistisse <sup>em entrar</sup> e você não tivesse mais desculpas para ~~permanecer na recusa~~.

IRACEMA - ~~De modo algum~~. Eu não deixaria que ela entrasse, por nada deste mundo. Nem que tivesse que resistir à força.

CORÁLIA - E agora? De que modo sairei daqui? Você não acha melhor <sup>que eu fique?</sup>

IRACEMA - Bem... por ~~agora~~ algum tempo, não teremos outro remédio... Pelo menos enquanto ela estiver vigiando a nossa casa. Mas ela vai cansar e desistir. Nessa ocasião, você sai.

CORÁLIA - Você não imagina a aflição que eu estava, pensando que Luizinho pudesse choramingar... espirrar... enfim, fazer qualquer barulho que pudesse denunciar a sua presença.

IRACEMA - Eu também estava me lembrando disto e me agarrando com todos os santos para que não acontecesse. Felizmente ele se portou muito bem.

CORÁLIA - Mas eu já tinha tomado minhas precauções. Estava com a porta do pátio aberta para, ao menor sinal, tapar-lhe a boca e fugir com ele para o fundo.

BRACEMA - Bem, felizmente nada disto foi preciso fazer e nós estamos com a primeira etapa vencida. Queira Deus que, nas que se sucederem, possamos ter a mesma felicidade.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - Ah, meu filho, que bom que você veio! Eu estava aflita que você aparecesse.

RODRIGO - Por que? Estava com muitas saudades do seu neto?

ARABELA - Saudades do meu neto eu sempre tenho, mas hoje, além das saudades, eu tinha ainda um recado para transmitir-lhe.

RODRUGO - Um recado? De Leila?

ARABELA - Não. Sua noiva já faz uns três ou quatro dias que não me telefona. O recado é da secretária de seu pai.

RODRIGO - De Cláudia? O que é que ela queria?

ARABELA - Diz que tem novidades ~~para~~ e que você vá falar com ela, assim que puder.

RODRIGO - Novidades? Serão a respeito de papai?

ARABELA - Não sei, ela não esclareceu, eu não quis estar perguntando. Você sabe como eu sou. Se me dizem, muito bem. Se não me dizem, não pergunto.

RODRIGO - Eu vou telefonar para ela, num instante. A senhora me dá licença que ocupe o seu telefone, vóvó?

ARABELA - Mas claro, meu filho! Você está na sua casa. Será que ainda não se convenceu disto?

RODRIGO & Então com licença. *Depois* nós conversamos.

O/REGRA - DOIS OU TRÊS PASSOS. RUÍDO DE DISCAR TELEFONE.

TÉCNICA - TELEFONE CHAMADO NA OUTRA EXTREMIDADE DA ILHA.

O/REGRA - COLOCA PONE AO GACHO, DEPOIS DE CHAMAR UNAS CI-COOU SEIS VEZES.

TÉCNICA - CONFORME O CÔNTRA REGRA DESLIGA O APARELHO, SUSPENDE AS CHAMADAS.

RODRIGO - Não atende. Com certeza já fechou o escritório. Eu precisava tanto falar com ela hoje...

ARABELA - Por que não vai à casa dela? Ela não disse, mas inclusive pode ser um assunto de urgência.

RODRIGO - Na casa dela não poderei falar-lhe à vontade. Prefiro esperar até amanhã de manhã e ir ao escritório.

ARABELA - E no escritório você não corre o risco de encontrar-se com o seu pai?

RODRIGO - Não, porque Cláudia já me disse as horas que devo ir, de preferência. Antes das nove da manhã e depois das onze.

ARABELA - Se você tivesse vindo jantar, como havia me prometido, ainda teria encontrado Cláudia no escritório, porque é muito raro ela sair antes das seis e meia. Você não veio...

RODRIGO - Não foi possível, vóvó. Precisei ir à Faculdade e lá demorei muito mais do que previa.

ARABELA - Pois bem, estão sente-se aí e vamos conversar; coisa que há muito tempo nós não fazíamos.

RODRIGO - É verdade, vóvó, desde que adquiri novamente a liberdade, que ainda não tinha tido de tempo de vir aqui e conversar descansadamente com a senhora, como fazíamos antes.

ARABELA - E hoje você vai fazer?

RODRIGO - Acho que ainda não. Enquanto eu não tiver solucionado o problema que a senhora conhece, acho que não poderei ter calma para sentar muito tempo e conversar. Se fizer isto, terei sempre a impressão de que estou contribuindo para roubar a paz e a serenidade do coração da minha madrastra, já tão injustamente castigada.

ARABELA - É verdade, sim meu filho, você tem razão. Todos nós, direta ou indiretamente, contribuimos para a sua infelicidade. É nosso dever, agora, procurar ajudá-la, de qualquer modo, a restaurar sua vida.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Catarina não apareceu, nem telefonou?

CLAUDIA - Apareceu, sim senhor. Deixou-lhe um recado.

PETRONIO - Que disse ela?

CLAUDIA - O senhor quer que eu lhe seja franca? As mesmas coisas de sempre. Que já tem uma pista segura, que voltava ontem mesmo para Ouro Preto e que tinha vindo aqui apenas para lhe dar contas do trabalho ~~de~~, que ela pensa dar por terminado a semana que vem.

PETRONIO - É só para isto veio até cá?

CLAUDIA - Acho que não. Ela não tem nenhuma pista e veio aqui ver se, por acaso, o garoto não estaria no Rio. Como não o encontrou, voltou para lá, afin de continuar a procurá-lo.

PETRONIO - Ela não podia ir sem falar comigo. Por que não me esperou?

CLAUDIA - Não sei. Se não me engano, disse que não ia ter tempo de voltar porque embarcava ontem mesmo.



PETRONIO - Catarina é um intrujona. Nunca se pode acreditar muito no que ela diz.

CLAUDIA - Ainda bem que o senhor notou. Eu tive essa impressão, desde a primeira vez que falei com ela. Não pude lhe dizer nada, porque ainda não estava envolvida nesses negócios e o senhor parecia acreditar muito nela.

PETRONIO - É o meu defeito maior: acreditar nas pessoas, sem as conhecer como é preciso. Também, quando deixo de acreditar nelas... nunca mais argumento algum me convence. Entram com facilidade... mas saem definitivamente e sem apelação. Catarina está na porta. Prestes a sair. Mais um que me faça e ~~me~~ pagará bem cara a sua traição. Que se guarde de mim, aquele que me trair! Que se guarde de mim!

TÉCNICA - ACORDE SURDO EM B/T. (SUSTO)

PETRONIO - Bem, agora eu preciso sair e, na parte da manhã, não voltarei ao escritório. Se você precisar falar comigo, já sabe que estou na Bolsa ou nos Bancos. Não será muito difícil localizar-me.

CLAUDIA - Sim senhor. Se houver necessidade, eu darei jeito de encontrá-lo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FIM DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA INÍCIO DA 2ª PARTE.

RODRIGO - (MEIA VOZ) Ele está?

CLAUDIA - Não. Saiu há pouco e não volta mais de manhã, mas de qualquer forma teria sido preferível que <sup>o senhor</sup> ~~me~~ me telefonasse ~~ou~~ me esperasse na praça ao meio dia.

RODRIGO - Sim, eu sei, mas eu não aguentava mais de tanta curiosidade. Vôvo me disse, ontem à noite, que você me procurou...

CLAUDIA - Catarina esteve aqui. Disse que vai trazer o menino e <sup>o senhor</sup> ~~o~~ vai deixar comigo. Eu queria combinar com ~~o~~ o que seria melhor fazermos.

RODRIGO - Quando ela trouxer, você dê um jeito de me avisar, imediatamente. E no caso de não me encontrar, não tem outra coisa a fazer: bote o garoto num carro e leve-o para a casa de minha avó. Agora precisamos pensar é na maneira de não comprometer você.

CLAUDIA - Isto é importante, sem dúvida. Não porque eu tenha tanto medo dele, ou dela, mas porque eu não posso arriscar a minha vida, pelas pessoas que dependem de mim.

RODRIGO - É claro. Mas para princípio de conversa, devo dizer a você que se por infelicidade lhe acontecesse alguma coisa, eu não abandonaria as pessoas que dependem de você, Cláudia.

CLAUDIA - O senhor é muito bom, seu Rodrigo e eu lhe agradeço a piedosa intenção mas não desejo colocar nos ombros de ninguém a carga que me teceu.

RODRIGOZ - Nada há de lhe acontecer, com a graça de Deus. Sua intenção é a mais nobre e digna, por conseguinte você não tem porque ser castigada.

CLAUDIA - Eu tenho a impressão de que Catarina, apanhando-se com o dinheiro, vai logo "dar no pé" como se diz. E eu mesma vou dizer a ela que seu Petronio deseja que ela faça isto. Si Deus me ajudar e seu Petronio não estiver no escritório, no momento que ela chegar, tenho a impressão de que tudo estará resolvido. Vamos aguardar e esperar que assim aconteça.

RODRIGO - Deus vai nos ajudar, sim, não tenho dúvidas. E você vai ver que será exatamente assim que tudo acontecerá.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - Acho que amanhã você poderá mudar-se para a pensão que lhe arranjei.

CORÁLIA - E você tem certeza absoluta de que não estamos sendo observadas?

IRACEMA - Tenho. Por que pensa que passo as manhãs inteiras pendurada na janela? Observando as pessoas que frequentam o bar, que param na porta do açougue, que conversam com o moço da oficina de automóveis... Tenho a impressão de que já conheço todos eles. Há um tipo meio estranho e suspeito que todos os dias, ao anoitecer e até que o bar feche as suas portas, anda por ali, de um lado para outro, toma um cafésinho, um aperitivo, compra cigarros, senta-se nas mesas a ler jornal e de vez em quando parece que olha furtivamente para o nosso lado. Pode ser um espião e pode também ser apenas uma impressão falsa da minha parte, mas... de qualquer forma, de manhã cedo ele nunca aparece, de maneiras que eu penso ser a melhor hora para você zarpar.

CORÁLIA - Bem, se você acha que não há perigo, de minha parte eu estou disposta a fazer o que for melhor para Luizinho.

IRACEMA - O melhor parece-me que é exatamente o plano que eu tracei. Você vai para um quarto de andar térreo, de fundo, tendo um enorme quintal para estar com o garoto e ele apanhar sol. Nós não somos irmãs, apenas nos conhecemos e o garoto é seu filho. Você encherá a sua ficha com nome suposto, dirá que é viuva ou desquitada e de quinze em quinze dias eu aparecerei para uma visitinha. Nesse intervalo, se você precisar de alguma coisa, telefona para a repartição.

CORÁLIA - Exato. Acho que o plano está bem traçado e será a única maneira de defendermos Luizinho. Quer dizer que você acha que eu já posso ir amanhã de manhã?

IRACEMA - Bem cedinho. Inclusive, eu posso deixar o automóvel tratado de véspera, para as seis horas da manhã. Você leva a trouxinha dele e o seu casaco, apenas. Deixe o resto que eu irei levando depois, aos pouquinhos, para não andarmos com malas, que sempre dão pista de fuga.

CORÁLIA - Combinado. Então amanhã, às seis horas da manhã, estaremos saindo daqui para o nosso novo pouso. Até quando teremos que andar como judeus errantes, meu Deus?! Até quando?

IRACEMA - Até quando Deus quiser. O dono do nosso destino é Ele, só Ele poderá mudá-lo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Você vem com um brilho muito estranho nos olhos. Será que descobriu alguma coisa verdadeiramente interessante?

JERONIMO - Naturalmente. Depois de vários dias de vigília, consegui apanhá-las com a boca na botija.

CATARINA - Diga logo o que viu e não faça boquinha. A outra estava lá?

JERONIMO - Estava.

CATARINA - Eu sabia. Não foi atôa que desconfiei.

JERONIMO - Saiu hoje de manhã com o garotinho, de taxi, eram seis horas, mais ou menos.

CATARINA - Como?! Mas e você não a impediu?!

JERONIMO - Você acha que eu poderia lutar contra as duas e subjugá-las, antes que tivessem dado alarme? Não era possível.

CATARINA - Mas espero que ao menos tenha tido o bom senso de segui-las, para saber onde foram.

JERONIMO - Claro. Eu sou idiota... sou pateta... o que é que eu sou? Tenho aqui o endereço dela, ou melhor, da casa para onde ela foi com o garoto.

CATARINA - Ótimo! Foram as duas, ou apenas uma?

JERONIMO - Não, não... só a que está de posse do garotinho. A outra ficou onde estava.

CATARINA - E essa casa, para onde ela foi, você ainda não foi lá sondar o que é?

JERONIMO - Não fui lá, para não precipitar os acontecimentos, mas já perguntei no boteguim da esquina e fiquei sabendo que é uma pensão familiar. Não é ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~, propriamente uma pensão, é uma casa de cômodos, porque não dá comida. É só alojamento.

CATARINA - Pois bem, então hoje, ainda, ou no máximo amanhã, você vai bater lá e ver se tem alguma vaga. Se tiver um quarto, trate de alugá-lo para você e mudar-se ~~XXXXXXXXXXXX~~ na mesma hora.

JERONIMO - Combinado, mas é melhor que eu vá amanhã, para deixar sentar a poeira no fundo e ver como é que ficam as coisas. Muitas vezes a gente se perde pela precipitação.

CATARINA - E muitas outras vezes se perde, por esperar demais. Se desta vez eu não conseguir deitar mão no garoto, sou capaz de cancelar todos os meus tratos com você, Jeronimo.

JERONIMO - Louca está você para isto, mas não pense que conseguirá escapar de mim, não. A mim, o que me devem eu cobro e é pago de qualquer maneira.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

DONA - Era o senhor que desejava falar comigo?

JERONIMO - Sim senhora. A senhora é que é a dona da Pensão?

DONA - Eu mesma.

JERONIMO - Será que a senhora tem um quarto vago, para me alugar?

DONA - Só lá no sótão. Um de meia água. Se o senhor não se importa...

JERONIMO - Não senhora. Para mim qualquer quarto serve. Só uma coisa eu faço que <sup>seja</sup> tão cerrada: é que a casa familiar.

DONA - A minha é. O senhor pode inflagar de qualquer pessoa que me conheça. Digo-lhe mais: não alugo cômodos para ninguém, sem referências. O senhor traz referências?

JERONIMO - Posso trazer. Por isto não seja a dúvida.

DONA - Pois até ontem eu tinha um quarto muito bom, aqui no andar térreo. É lá no fundo e tem janela para o quintal. Mas já foi alugado. Aluguei para uma senhora viuva que tem um filhinho de seis meses.

JERONIMO - Que pena! Era um assim que me servia, mas não tem importância. A gente pega qualquer um e depois, quando houver vaga, a gente muda. Qual é o preço que a senhora cobra?

DONA - O do sótão é de cinco mil cruzeiros mensais, a seco. Pagamento adiantado, ou fiança de tres meses.

JERONIMO - O que é melhor para a senhora? Para mim tanto faz.

DONA - Bem, eu prefiro que o senhor me pague adiantadamente.

JERONIMO - Perfeitamente. Posso ocupar o quarto amanhã?

DONA - Depende, não é? O senhor tem que me trazer uma apresentação de alguém. Uma carta de recomendação, qualquer coisa, enfim.

JERONIMO - Está muito bem. Não tem problema. Eu tenho muito poucos amigos aqui. Sou novo... cheguei há muito pouco tempo... Mas posso mandar buscar no Rio cartas de vários figurões do comércio e da política, com quem mantenho relações. Só que vão tardar uns tres ou quatro dias.

DONA - Não tem importância. O senhor ocupa o quarto amanhã, se quiser e se compromete comigo a mandar vir as recomendações no prazo de uma semana. Está bem?

JERONIMO - Está ótimo.

DONA - Agora, se dentro do tempo estabelecido não chegarem os documentos que eu exijo, o senhor se comprometerá, desde agora, a mudar-se da pensão. De acordo?

JERONIMO - De perfeito acordo, minha senhora. Estamos entendidos. Amanhã, então, virei ocupar o quarto do sótão, provisoriamente, até que vague um outro melhor.

DONA - Não quer vê-lo, antes? Talvez não lhe agrade.

JERONIMO - Não, não, não há necessidade. Uma vez que ficarei lá apenas provisoriamente, qualquer coisa vai me servir. Amanhã de manhã estarei aqui com a minha mala.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Vou ter que comprar um lâmpada mais forte para poder costurar as roupas de Luizinho nos serões da noite. Essa luz é muito fraca e força-me os olhos.

G/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA DO QUARTO.

CORÁLIA - Deve ser a dona da pensão, mas eu não vou deixar que ela entre. O menino recém dormiu, começa uma palestra alta aqui, em pouco ele está acordado.

G/REGRA - PASSOS DE CORÁLIA. RODAR DE CHAVE. ABRIR PORTA.

CORÁLIA - (LEVA UM SUSTO TREMBIDO)

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO TREMBIDO.

CORÁLIA - Como?!... A senhora?

CATARINA - Eu, sim. Deixe-me entrar.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FIM-DE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

---



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) ama e o trata com tamanho cuidado e afeição? A senhora se importaria de continuar a cuidá-lo?

CORÁLIA - De maneira alguma. O meu temor é apenas um.

CATARINA - Qual é? Diga.

CORÁLIA - Que ele já tenha uma pessoa a quem deseje entregar o menino.

CATARINA - Não tem. Pode ficar certa que não tem, porque a pessoa escolhida era eu, mas eu não ficarei. Além de que detesto crianças, com a importância que receberei pela devolução do <sup>garoto</sup> ~~criança~~, irei morar no meu próprio sítio e fazer a vida que sempre desejei. Criar porcos, galinhas, perás... plantar flores e verduras...ter uma vaquinha... Isto é o que eu desejo e irei fazer agora. ~~Então~~ (PAUSA) E então? Vai comigo, ou não vai?

CORÁLIA - Que remédio!...

CATARINA - Que remédio, por que? A senhora não acha muito melhor ter segurança, do que viver de um lado para outro, escondendo-se e fugindo? E depois não compreende que esse seu pavor, constante, pode refletir-se no espírito do menino e prejudicar a sua formação?

CORÁLIA - Compreendo, sim, compreendo... Mas acontece que me apeguei de tal forma a esse garoto, que prefiro qualquer coisa, a ter que me separar dele.

CATARINA - Pois então não tem mais o que pensar. Vai para a casa de um homem rico, viver muito bem, com todo luxo e conforto e vai poder dar muito mais ao garoto do que ele tem, presentemente.

CORÁLIA - Não sei... não sei... eu estou muito indecisa... e temerosa...

CATARINA - Indecisa, por que? Temerosa, de que? Então não compreende que si eu quisesse prejudicá-lo que já teria dado um jeito de me desembaraçar da senhora e levar o garoto? Mas para que fazer isto, se não há necessidade e si eu sei que não será fácil encontrar uma pessoa que se interesse mais por ele do que a senhora? (PAUSA) Não lhe parece que estou sendo compreensiva e que estou procurando acomodar as coisas da melhor maneira possível? (PAUSA) Vamos, fale... (PAUSA) Vai comigo, ou prefere que eu pratique uma violência?

CORÁLIA - Não, não, eu vou, sim... eu vou. Só gostaria que a senhora me deixasse telefonar para minha irmã, afim de que... (CORTA. É INTERROMPIDA)

CATARINA - Ah, não. Isso não. Isso é que eu não posso concordar. A senhora já me fez uma, não vai me fazer segunda. Vamos sair daqui em silêncio, sem ninguém saber, sem perceber nada. Vamos como se fôssemos dar um passeio... tomamos um taxi na esquina e rumamos para o nosso destino.

CORÁLIA - Mas a minha irmã vai levar um susto horrível, quando me procurar e não me encontrar mais aqui.

CATARINA - De lá da casa do seu Petrólio você telefona para ela. Estou certo de que ele não vai se importar que você faça isto, mas antes, não.

CORÁLIA - Está bem. Vamos sair agora?

CATARINA - Neste mesmo momento. Talvez não diretamente para a casa dele, mas, de qualquer forma, já vamos rumar para o nosso novo destino. Sei que agora está com medo e com ódio de mim, mas amanhã ou depois, quando estiver com a sua segurança e o seu bem estar garantidos, há de me bendizer.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Vim conversar com você, Claudia, porque não posso mais ~~esperar~~ <sup>continuar</sup> parado. Não tenho nervos para ~~esperar~~ esperar que as coisas aconteçam. Preciso provocá-las e vou aproveitar o fim de semana e mais um pouco, se for preciso, para chegar até Ouro Preto e ver como andam as coisas por lá. Talvez possa dar um empurrão nessa ~~história~~ história.

CLAUDIA - Mas e se nesse meio tempo, Catarina aparecer por aqui e trazer, realmente o garoto? Que faço com ele?

RODRIGO - Já combinei com Vóvó. Ela o receberá e aguardará a minha volta. Você pode levá-lo, na mesma hora, para a casa dela.

CLAUDIA - E não haverá perigo que seu pai apareça em casa de sua avó?

RODRIGO - De maneira alguma. Vóvó brigou com ele e ele nunca mais botou lá os seus pés. Você pode ficar inteiramente tranquila quanto a esta parte.

CLAUDIA - E você avisou dona Arabela que minha família não está sabendo nada dessas massarocas? Pode ela ir lá e deixar algum recado que me comprometa e eu não quero que mamãe se preocupe por mim. Ela, coitada, já tem tantas preocupações com meu irmão doente...

RODRIGO - Vóvó está a par de tudo quanto está se passando e você não precisa ter nenhum receio, por ela. Apesar da sua avançada idade, ninguém a engana, nem foge à sua perspicácia.

CLAUDIA - Então está combinado. Assim que puzer a mão no menino, o levarei para dona Arabela. Quando é que você pensa ir para Ouro Preto?

RODRIGO - Esta noite. Amanhã tenho só uma aula prática, não faz mal que eu falte e assim ganho mais um dia.

CLAUDIA - E quando pensa voltar?

RODRIGO - Possivelmente terça-feira, porque segunda também não tem importância que eu falte. Pego, assim, quatro dias, já pode dar para fazer alguma coisa.



CLAUDIA - Muito bem, então vá com Deus e que ele fique comigo, também, para que tudo nos corra bem.

RODRIGO - Obrigado, Claudia. Felicidades para você.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS

CORÁLIA - A senhora não disse que nós embarcaríamos hoje ao encontro do pai do menino?

CATARINA - Não senhora. Disse que nós começaríamos hoje a trilhar o novo rumo, mas que talvez não fossemos diretamente. Não se lembra mais?

CORÁLIA - Mas se de todo jeito temos que ir, por que não vamos <sup>logo?</sup> ~~imediatamente?~~

CATARINA - Eu tenho motivos particulares para não ser encontrada hoje nem amanhã, por isso arranjei este esconderijo, até que possamos embarcar para o Rio.

CORÁLIA - Achei o aspecto da dona da casa ~~XXXXXXXXXXXX~~ tão estranho... tão pouco recomendável... tive uma impressão péssima, inclusive das inquilinas que encontrei pelo corredor.

CATARINA - É uma pensão barata, // onde ninguém será capaz de imaginar que estejamos e é isto que nos interessa. O resto deixe pra lá. Nós não vamos ficar aqui muito tempo, não precisamos fazer relações com as inquilinas.

CORÁLIA - Está bem. Não me adianta nada mesmo reclamar... Mas eu preciso de leite e farinha para o mingau do menino. Como vou fazer?

CATARINA - Eu darei um jeito de mandar buscar, porque nem você e nem eu vamos sair daqui de dentro do quarto até amanhã, entendeu?

CORÁLIA - O tempo que nos metemos aqui, teríamos ido à estação e teríamos tomado um trem ou um ônibus.

CATARINA - Talvez, mas a verdade é que prudência e caldo de galinha, nunca fizeram mal a doente. Você está é muito nervosa, sem necessidade.

CORÁLIA - Ah, a senhora acha que eu não tenho razões para estar nervosa?

CATARINA - Muito menos do que se tivesse caído nas mãos de Jerônimo, que também que ria apossar-se do menino. Ele não ia se lembrar que ~~XXXXXXXXXX~~ <sup>você</sup> poderia ser útil ao garoto e logo daria um jeito de desembaraçar-se ~~XXXXXXXXXX~~ da sua companhia. Portanto, levante as mãos para o céu por ter sido encontrada por mim que a poupei e vou deixar que me substitua, como preceptora de Luizinho.

CORÁLIA - E é desse tal de Jerônimo que nós estamos nos escondendo?

CATARINA - É claro. Ele vai querer arrebatá-nos o garoto para entregá-lo ao pai e receber o dinheiro da gratificação. Será que agora, que já sabe de tudo, conseguirá acalmar-se ao menos um pouco? Essa excitação de nervos poderá

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) fazer-lhe mal. Se adoecer, como é que eu vou me arranjar sem ~~XXXXXXXXXX~~ você?

CORÁLIA - Eu não queria estar nervosa, mas ~~XXXXX~~ não depende da minha vontade.

CATARINA - Eu vou mandar buscar o leite para o garoto e um calmante para você. Logo irá melhorar.

CORÁLIA - É a maizena, também para o mingau. Nem sei como o coitado ainda não reclamou. Já está passando muito da hora.

CATARINA - Não se preocupe. Vou providenciar isto, imediatamente.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

CORÁLIA - Ela parece estar me dizendo a verdade e eu estou começando a acreditar que será muito melhor resolver definitivamente a vida dessa criança, do que viver como vivíamos antes, de um lado para outro, sempre escondidos, fugindo, muitas vezes, da nossa própria sombra. Mas e titio?! Que papel teria desempenhado em tudo isto? Por que estaria de posse da criança? E esse homem para quem ela quer nos levar... será, realmente, o pai da criança?

TÉCNICA - CORTI-A MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - ABERTURA MUSICAL DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

RODRIGO - Desculpe ter vindo falar-lhe a esta hora, mas como sei que trabalha de tarde, e <sup>eu</sup> não dispunha de paciência, nem tempo, para esperar até à noite. É uma visitinha rápida; não lhe roubaréi muito tempo.

IRACEMA - O senhor não ~~me~~ me rouba tempo. Pelo contrário. Eu tenho prazer em recebê-lo, principalmente porque sei que o seu principal objetivo ~~XXXXXXXXXX~~ é ~~me~~ provar a sua inocência e eu me sinto no dever de ajudá-lo.

RODRIGO - Muito obrigado, mas além desse objetivo, a minha viagem, desta vez, se prende também a um outro: ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ preciso falar com sua irmã. Tenho que lhe entregar a carta de seu tio e conversar com ela!  
*Sabe onde ela está?*

TÉCNICA - ACORDE DE GRANDE SURPRESA.

IRACEMA - Meu Deus!... A carta!... O senhor sabe que eu me esqueci completamente de falar nela a Corália? Não posso saber como isso me passou! Também... foi uma correria e uma trapalhada tão grande, em todo esse tempo, que não deu tempo de se pensar noutra coisa, que não fosse fugir com o garotinho.

RODRIGO - Pois agora eu precisava encontrar sua irmã e o garoto.

IRACEMA - Se pensa em tirá-lo, vai dar o maior golpe no coração de minha irmã.

RODRIGO - Penso entregá-lo à mãe verdadeira e levar sua irmã junto, para ficar

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) tomando conta dele. Mas antes de tudo, preciso saber o que diz seu tio na carta. Talvez, até, faça determinações neste sentido.

IRACEMA - Sim, sim... tem razão... mas não posso compreender como foi que eu me esqueci dessa carta! Eu não podia me esquecer dela. Corália já teria ido procurá-la há muito tempo, si eu tivesse dito.

RODRIGO - Não tem importância. Talvez seja, agora, o momento dela ser aberta. Ela não ~~apareceu~~ apareceu mais, depois que Catarina a raptou?

IRACEMA - Sim, conseguiu fugir e voltou aqui para casa, mas eu não achei conveniente que ~~ela~~ ficasse, porque sabia que estava sendo vigiada e então arranجةi-lhe um cômodo numa casa de uma senhora, onde ela se instalou com o ~~seu~~ rotinho. Ainda não voltei lá, depois disto. Tenho sempre medo de que me sigam, entende?

RODRIGO - Pois bem, então dê-me o endereço que eu irei agora mesmo procurá-la.

IRACEMA - Um momento que eu vou lhe dar.

C/REGRA - IRACEMA LEVANTA. DOIS OU TRES PASSOS. DESTAPA UM POTE DE LOUÇA. DOIS PASSOS

IRACEMA - Está aqui. Não repare o papel, mas era o que eu tinha na bolsa, quando achemos a casa e tive receio de esquecer o endereço.

RODRIGO - Está ótimo! O principal é que eu encontre sua irmã e possa falar com ela.

IRACEMA - Ela se registrou lá como Georgina e disse que era viuva. Se o senhor procurar Corália, não vão saber quem é.

RODRIGO - Não tem problema. Eu procurarei a "viuva Georgina". (RETOM OS DOIS)

IRACEMA - E depois, se não fôr abusar da sua bondade, eu lhe pediria que ~~retornasse~~ voltasse aqui para me trazer notícias.

RODRIGO - Voltarei. Fique descansada.

TÉCNICA - CONTINUA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

JERONIMO - É aqui o quarto dela. Vou tentar convencê-la a ir comigo e deixar Catarina na mão.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

JERONIMO - (DEPOIS DE PAUSA) Será que ela está dormindo a esta hora?

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS UM POUCO MAIS FORTES/ E DEMORADAS.

JERONIMO - (DEPOIS DE PAUSA) Não é possível! Mesmo que estivesse dormindo, teria que acordar com as minhas batidas.

C/REGRA - NOVAS BATIDAS. PAUSA. RUIDO DE RODAR TRIACO E ABRIR PORTA.

JERONIMO - Uê!... não tem ninguém?... Não é possível! E não vejo aqui nenhum objeto ou peça de roupa que pertença à hóspede. Será que Catarina tornou a me fazer ursada e levou-a esta madrugada?

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

DONA - Ah, o senhor já sabia que o quarto tinha vagado? Pois era este que eu havia falado ao senhor que foi ocupado, no mesmo dia que o senhor ficou com o do sótão.

JERONIMO - Mas e a hóspede que estava aqui? Para onde ~~ela~~ foi?

DONA - Não sei lhe dizer, porque ela não falou pessoalmente comigo. Deixou o recado com a dona Rosa. Disse que ia viajar, inesperadamente e que eu podia dispor do quarto, porque ela não iria voltar tão cedo. Imagine o senhor que me pagou um mês adiantado e ocupou o quarto apenas um dia.

JERONIMO - É. Tem gente assim. Não aquece lugar.

DONA - O senhor vai querer mudar para cá?

JERONIMO - Acho que não.

DONA - Por que? Não gostou do quarto?

JERONIMO - Gostei, mas é que eu também acho que vou ter que viajar inesperadamente, de maneira que o outro sempre é mais barato.

DONA - Está muito bem. Como o senhor quiser.

JERONIMO - Bem... a senhora veio arrumar o quarto e eu estou atrapalhado. Com licença, que eu também vou tratar da minha vida.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM E SE PERDEM.

DONA - (DEPOIS DE PAUSA, MONOLOGANDO) Que engraçado! Ele parece que ficou muito desapontado da moça ter saído daqui. Será que ele veio para cá por causa dela? Não duvido nada. Esses homens não são deste mundo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BELMIRA - Teve alguma notícia do seu Rodrigo, depois que ele viajou, dona Leila?

LEILA - Falei com ele ontem de noite, pelo telefone.

BELMIRA - Ué! A senhora não me disse nada.

LEILA - Tô já estavas deitada, quando ele falou.

BELMIRA - Ele vai bem?

LEILA - Muito atarefado, mas me pareceu *satisfeito*. Disse que hoje iria procurar a tal moça para quem ele deve entregar uma carta do tio que foi morto.

BELMIRA - Eu sei qual é a carta. Aquela que todo mundo queria que ele abrisse mas ele não abriu?

LEILA - Aquela mesma.

BELMIRA - O seu Rodrigo é dos meus. Eu também não abria. Imagine! Receber uma carta de um moribundo, prometer de entregar a carta e abrir para ler? Isso nem tinha cabimento. Nem que fosse para me salvar.

LEILA - Vocês pensam igual, os dois, por isso se entendem tão bem.

HELMIRA - É que eu penso como seu Rodrigo, que a gente nunca perde por fazer as coisas direitas, porque Deus não *joga*, mas está sempre fiscalizando o jogo.

TÉCNICA - CORTELA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA

RODRIGO - A senhora é que é a dona da casa?

DONA - Eu, sim senhor. Desejava alguma coisa?

RODRIGO - Uma informação sua, por favor.

DONA - Pois não. Si eu puder lhe dar... Estou aqui para servir.

RODRIGO - Obrigado. É o seguinte: mudou-se aqui para a sua casa, há poucos dias, uma senhora viuva, ainda moça, chamada Georgina e que tem um filhinho pequeno, de cinco ou seis meses.

DONA - Já sei quem é.

RODRIGO - A senhora poderia me informar onde é o quarto dela?

DONA - Ela não está mais aqui.

TÉCNICA - VIRGASTADA MUSICAL DE SUSTO

RODRIGO - Não... não está mais aqui?!...

DONA - Não senhor. Já saiu.

RODRIGO - E para onde foi? Será que a senhora não sabe me dizer?

DONA - Não sei lhe dizer. Ela saiu sem falar comigo. Deixou apenas um recado com uma outra moradora da casa e que ocupa o quarto ao lado do que ela estava.

RODRIGO - Que transtorno! Eu precisava tanto encontrar essa senhora... Era um assunto todo do interesse dela. Uma carta de um parente que ficou comigo para lhe ser entregue. Essa, agora, me deixou completamente desorientado. Não sabendo onde encontrá-la, fico também sem saber o que ~~devo~~ fazer.

DONA - Ela parece que disse à dona Rosa que tinha precisado viajar, inesperadamente. E deve ter sido uma coisa inesperada, mesmo, porque ela me pagou um mês do quarto, adiantado e ocupou-o apenas um dia.

RODRIGO - É... então não há remédio senão assistir e voltar.

DONA - Se o senhor quiser deixar o seu endereço e algum recado, pode deixar que si ela aparecer eu transmito.

DONA - Não, não... obrigado. Eu precisava falar pessoalmente com ela. Deixar recado não adianta, inda mais sem saber si ela volta.

DONA - Pois é, eu lamento muito, mas infelizmente não posso fazer nada.

RODRIGO - Obrigado, dona. Passe bem.

DONA - Passe bem. Não há porque.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

DONA - (DEPOIS DE PAUSA) Que coisa engraçada! Não faz nem uma hora foi o outro que ficou desapontado. Agora este. Pelo que estou vendo... a tal viuva não dormia no ponto!

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL

CATARIANA - Apliquei-lhe uma dose tão grande de ~~remédios~~ calmante que ela não pode nem levantar a cabeça do travesseiro. (CHAMANDO) Corália... Corália... acorde, vamos.

CORÁLIA - (RESMUGA QUALQUER COISA DORMI-DO)

CATARIANA - Está completamente entregue, mas eu precisaria que ela dormisse até amanhã, sem acordar. Vou fazer com que ela tome mais umas gotas.

C/REGRA - RUIDO DE AGUA NO COPO. VIDRO DE REMÉDIO.

CATARIANA - Corália, atenda. Eu vou levantar a sua cabeça para você tomar mais umas gotas deste calmante que vai lhe fazer muito bem. Vamos a ver. (PAUSA) Beba. Eu vou virando o copo devagarinho para você não se engasgar. (PAUSA) Assim. Veja se consegue engolir mais um bocão. (PAUSA) Isto. Agora vou lhe deixar dormir socegada, mas... amanhã... quando você despertar... vai ver a surpresa que lhe espera!...

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUZDE COM CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO.

---

A MARCA DO ÓDIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO CRAMER -

65º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CATARINA - Apliquei-lhe uma dose tão grande de calmante que ela não pode nem levantar a cabeça do travesseiro. (CHAMANDO) Corália!... Corália... acorde, vamos...

CORALIA - (RESMUGA QUALQUER COISA, DORMI-DO)

CATARINA - Está completamente entregue, mas eu precisaria que ela dormisse até amanhã, sem acordar. Vou fazer com que ela tome mais umas gotas.

C/REGRA - RUIDO DE AGUA NO COPO. VIDRO DE REMEDIO.

CATARINA - Corália, atenda. Eu vou levantar a sua cabeça, para você tomar mais umas gotas deste calmante que vai lhe fazer muito bem. Vamos a ver. (PAUSA) Beba. Eu vou virando o copo, devagarinho, para você não se engasgar. (PAUSA) Assim. Veja se consegue engolir mais um bocado. (PAUSA) Isto. Agora vou lhe deixar dormir socegada... ~~XXXXXX~~ (MEIO TOM) mas amanhã... quando você despertar... vai ver a surpresa que lhe espera! (TOM) Bem... agora preciso agir. Arrumar estas roupas na mala... ver a mamadeira do garoto... a garrafa termal com o leite... e botar o pé no mundo. Amanhã estarei chegando no Rio e antes do meio dia, já estarei recebendo o cheque e botando o pé no mundo outra vez, para fugir de Jerônimo. A esta hora ele já deve ter dado falta de mim e com toda a certeza está me rogando pragas horríveis e jurando mil vinganças, mas nunca ele me alcançará, nunca!

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) Meu Deus! É a maneira de bater de Jerônimo. Tal e qual!... Que faço, agora? Si ele me bota a mão... será capaz de matar-me!... Como será que descobriu meu esconderijo?!... Esse maldito tem um faro...

O/REGRA - REPETE AS BATIDAS UM POUCO MAIS PORTES E MAIS DEMORADAS.

CATARINA - Exatamente como ele faz. Ao repetir a batida, faz com mais força e mais prolongada. Vou ter que atendê-lo, mas que lhe vou dizer, para desculpar-me? Ele é capaz de nem me dar tempo de falar. O melhor de tudo é prevenir-me.

C/REGRA - DOIS OU TRES PASSOS. ABRIR DE GAVETA.

CATARINA - Meu revólver. Si ele tentar qualquer coisa...

C/REGRA - DOIS OU TRES PASSOS. RUIDO DE PORTA QUE SE ABRE COM CHAVE.

VOZ - Boa noite, vizinha.

CATARINA- (COMO QUEM RESPIRA ALIVIADA) Boa noite.

VOZ - Desculpe, mas eu estava louca para fumar e não tinha fósforos. A senhora quer me emprestar o fogo?

CATARINA- Um momentinho.

C/REGRA - DOIS OU TRES PASSOS. CAIXA DE FÓSFOROS. VOLTAM OS PASSOS.

CATARINA- Aqui está. Pode ficar com a caixa.

VOZ - Não senhora, obrigada. Eu acendo e lhe devolvo, agora mesmo.

CATARINA - Não é preciso, eu tenho outra caixa. Pode ficar com essa.

VOZ - Ah, bem, então eu vou aceitar, porque às vezes eu me acordo de noite e sinto necessidade de fumar um cigarrinho. Obrigada, vizinha, desculpe.

CATARINA - Boa noite.

C/REGRA - FECHA A PORTA COM CHAVE.

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) Puxa vida! Que susto que essa criatura me pregou. Mas ela bateu iguaisinho ao Jerônimo, eu só podia pensar que fosse ele. (T) Bem, mas agora é tratar de agir que dentro de uma hora, mais ou menos, o trem deve estar saindo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS).

IRACEMA - Seate-se. Eu estou muito contente de tornar a vê-lo porque, com certeza, me traz notícias de minha irmã, não é isto? Eu quero ver se, até sábado, vou lá visitá-la.

RODRIGO - Lamento dizer-lhe que não vá, porque não <sup>o</sup>encontrei mais lá.

TÉCNICA) - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

IRACEMA - Como?! O senhor quer dizer que minha irmã não está mais no endereço que eu lhe dei?!

RODRIGO - Exatamente. Foi o que me disse a dona da casa.

IRACEMA - E para onde foi? Não lhe disseram?

RODRIGO - Ninguém sabia seu novo endereço. Ela não deixou. O que a dona da casa disse, foi que não falou com ela. Que ela apenas deixou um recado <sup>com</sup> para a vizinha de quarto, dizendo que tinha tido necessidade de viajar, inesperadamente. Que pagou um mês de quarto adiantado e ficou apenas um dia.

IRACEMA - Que terá acontecido com Corália? Ela não podia ir viajar, sem me mandar dizer alguma coisa, ou telefonar lá para a minha repartição. Será que foi perseguida?... Não creio... (TOM) O senhor sabe que eu estou muito preocupada.



IRACEMA - (CONFUSÃO) cupada com esse desaparecimento súbito de minha irmã?

RODRIGO - Quem sabe ela mandou algum bilhete, ou algum recado por alguém que ainda venha procurá-la?

IRACEMA - É o que eu estou imaginando. Mas de qualquer forma, se fez isto, só pode ter sido por uma necessidade urgente. Ela deve ter se assustado por algum motivo.

RODRIGO - Foi uma pena! Eu pensei que hoje poderíamos tomar conhecimento do conteúdo desta carta e que ela nos revelasse qualquer coisa com respeito ao assassinato de seu tio.

IRACEMA - Se o senhor quizesse me entregar essa carta, eu a abriria e assumiria a responsabilidade do meu gesto.

RODRIGO - Não posso fazer isto. Lamento muito, mas não posso. Como vou deixar de cumprir uma promessa feita a um moribundo? Não poderia mais sentir paz dentro de minha alma.

IRACEMA - Então ajude-me a procurar, Corália, por favor. Também eu, agora, estou duplamente interessada no seu encontro.

RODRIGO - Se ela deixou dito que foi viajar, só poderá ter ido para a fazenda, onde estava antes, ou para o Rio e portanto não nos adianta nada procurá-la aqui. Vamos perder tempo. O melhor é fazer o seguinte: a senhora vai lá na pensão, procurá-la e si ela realmente não estiver, eu então irei primeiro à fazenda e depois a procurarei no Rio. E qualquer notícia que eu tiver, tratará, logo, de transmitir ao outro. Combinado?

IRACEMA - Combinado. Agora mesmo eu vou me vestir para ir lá na casa de cômodos. O senhor está no Hotel?

RODRIGO - Quarto trinta e sete.

IRACEMA - Quando eu voltar, procurarei comunicar-me com o senhor.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS

TEREZA - Quem telefonou procurando pela senhora foi aquela mocinha que é secretária do seu Petrônio. A senhora estava dormindo eu disse que ela telefonasse mais tarde.

EUGENIA - Que pena, Tereza! Ela devia ter alguma notícia para me dar.

TEREZA - Tinha, sim, mas eu como sempre desconfio de todo mundo, não dei muito crédito às coisas que ela falou.

EUGENIA - Não faz mal, Tereza, dando crédito, ou não, repita o que ela falou.

TEREZA - Disse que a senhora cada vez está mais próxima de seu filho e que ela pensa que dentro de dez ou doze dias talvez já possam estar juntos.

EUGENIA - Meu Deus!... Será que desta vez é mesmo?!

TEREZA - O melhor de tudo é a senhora fazer como eu faço. Não dar muito crédito para não acontecer como das outras vezes que a senhora se entusiasmou toda e depois sofreu horrivelmente com a espera inútil.

EUGENIA - Sim, sim, Tereza, talvez você tenha razão, mas que posso eu fazer contra o meu pobre coração de mãe? A esperança, de vez em quando, enche de estrelas o céu escuro da minha vida e ao avistar uma só dessas estrelas, meu coração se inunda de alegria e começa a bater descompassadamente. Mas que seria de mim, Tereza, se não fossem esses mentirosos retalhos de ilusão? Eles me dão novo ânimo por alguns dias. Deixe, portanto, que eles mintem para mim.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS

IRACEMA - Que quer o senhor outra vez em minha casa?

JERONIMO - Vim dar-lhe a informação que a senhora anda procurando a respeito de sua irmã.

IRACEMA - O senhor sabe onde ela está?

JERONIMO - Si estou lhe dizendo que vim procurá-la para isto... devo saber; não lhe parece?

IRACEMA - Pois se sabe diga logo que eu estou quasi na hora de ir para o meu trabalho e não posso chegar atrasada.

JERONIMO - Sua irmã foi raptada.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL BEM FORTE.

IRACEMA - Não pode ser!...

JERONIMO - Sua irmã foi raptada, estou lhe dizendo.

IRACEMA - E a orfança? Que foi feito dela?

JERONIMO - Desapareceu, juntamente com ~~ela~~ sua irmã. E sabe quem foi que fez esse trabalho?

IRACEMA - Como posso saber? Não vivo em meio de gangsters. Não os conheço. Não mantenho relações com eles...

JERONIMO - Pois eu, justamente porque vivo, é que posso lhe dar as informações que estou lhe dando.

IRACEMA - E qual é o preço que vai exigir de mim, para me dar essas informações?

JERONIMO - A sua ajuda, transmitindo-me qualquer notícia que possa receber a respeito dela.

IRACEMA - E o senhor acha que alguém se lembrará de me mandar notícias?

JERONIMO - Claro que sim. Ela mesma. Logo que tenha oportunidade, não deixará de

- JERONIMO - (COM-TL-UAÇÃO) lhe mandar dizer onde está e o que sucedeu com ela e a criança. Deixo-lhe aqui o meu cartão com o meu endereço e prometo-lhe que não se arrependerá.
- IRACEMA - Vou guardar o seu cartão, mas não acredito que possa mandar qualquer informe útil. Mas voltando ao assunto anterior, o senhor ia me dizer quem a raptou e não me disse.
- JERONIMO - Foi Catarina. Eu não posso acreditar muito que tenha sido um rapto. Creio mais em que tenha havido um ajuste entre as duas. Catarina levou-os, com a promessa de que sua irmã continuaria com a criança.
- IRACEMA - É... pode ser... porque, do contrário, que interesse teria ela em levar Corália? Seria um trambolho a mais.
- JERONIMO - Catarina é muito astuta. Fez isto para poder levar a criança e receber o dinheiro prometido, mas sua irmã vai se ver mal com ela, porque Catarina nunca cumpre o que promete e, na primeira oportunidade, desarece, deixando sua irmã a ver navios.
- IRACEMA - Ah que se eu pudesse dar parte à policial!...
- JERONIMO - E por que não pode?
- IRACEMA - Porque, infelizmente, a maior prejudicada seria Corália. Bem... de qualquer forma agradeço-lhe a informação, porque ao menos já me poupa o trabalho de continuar a procurá-la por aqui.
- TECNICA - CORTEJA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.
- LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL
- TECNICA - MUSICA PARA INÍCIO DA SEGUNDA PARTE.
- IRACEMA - Eu estava aflita que o senhor voltasse da fazenda, para lhe dizer o que consegui apurar por aqui.
- RODRIGO - Lá ninguém sabe de sua irmã e até me arrependi de ter ido, porque não só perdi tempo, como deixei a madrinha dela muito aflita.
- IRACEMA - Pois aqui me apareceu o tal homem que vive às turras com Catarina, cada qual pretendendo prejudicar o outro, e me disse que Corália fora raptada por Catarina, tendo embarcado com ela para algum lugar.
- RODRIGO - Esse algum lugar só pode ser o Rio; não lhe parece?
- IRACEMA - Creio que sim, não sei... Em todo o caso, eu fiquei meia em dúvida, porque ele não embarcou logo atrás delas. Ficou por aqui. Que quer isto dizer? Que elas talvez ainda estejam escondidas, para fugir numa ocasião mais próspera. Não lhe parece?

RODRIGO - Pode ser, sim. Você tem toda razão. Talvez seja então mais conveniente que eu fique por aqui <sup>mais</sup> uns dois ou três dias, antes de voltar para o Rio.

IRACEMA - Si eu não tivesse as tardes ocupadas com o serviço e pudesse dispor de todo o meu tempo, para investigações, eu lhe diria que fosse logo e deixasse o caso aqui por minha conta, mas infelizmente... não sou dona de todo o meu tempo.

RODRIGO - É exatamente por isso que eu penso ficar ainda hoje e amanhã aqui. Depois, si elas não aparecerem em parte alguma, eu vou procurar lá.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Eu preciso lembrar ao seu Petrônio a necessidade que temos de uma faturista, mas ao mesmo tempo me lembre que ela pode atrapalhar muito os meus serviços de espionagem e prefiro ir continuando assim, fazendo tudo sósinha. Mas a verdade é que já começo a sentir cansaço. Bem que eu estava necessitando de umas férias, mas enquanto o jogo não estiver resolvido, não poderei pensar em tirá-las.

CONTRA-REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE CHAMA DUAS VEZES. NA SEGUNDA CHAMADA, RETIRA FONE DO GANCHO.

CLAUDIA - Alô! Quem fala?

CATARINA - (FILTRO) É a senhorita Cláudia que está no telefone?

CLAUDIA - Sim, sou eu. Quem fala aí?

CATARINA - (FILTRO) É Catarina. Não está conhecendo a minha voz?

CLAUDIA - Ah, como vai a senhora? Sabe que eu não estava reconhecendo?

CATARINA - (FILTRO) Escute, seu Petrônio está aí?

CLAUDIA - Não, não está. Mas se quiser deixar qualquer recado pode deixar, porque como sabe, estou a par de todos os negócios dele.

CATARINA - (FILTRO) É que eu trouxe o garoto. Ele está comigo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE ALEGRIA.

CLAUDIA - A senhora trouxe? Que bom!

CATARINA - (FILTRO) Mas agora eu queria saber do cheque.

CLAUDIA - Está comigo. Eu já disse à senhora. Está só com a data em branco, mas isso eu preencho aqui, na hora.

CATARINA - (FILTRO) Mas então como é que vamos fazer?

CLAUDIA - Eu acho que o melhor de tudo é trazê-lo aqui mesmo para o escritório. A senhora me entrega o menino e na mesma hora eu lhe entrego o cheque.

CATARINA - (FILTRO) É a que horas pode ser isto?

CLAUDIA - Bem... deixe ver uma coisa... São onze horas... A senhora está muito longo?

CATARINA - (FILTRO) Mais ou menos. Penso que poderei levar daqui até aí uns quarenta e cinco ou cinquenta minutos.

CLAUDIA - Pois então está muito bem. Pode vir agora porque eu lhe espero. Mesmo que a senhora chegue depois do meio dia, eu estarei aqui. Escute, dona Catarina, pegue logo um carro que assim não demora tanto.

CATARINA - ~~XXXXXXXX~~ (FILTRO) Um carro? Mas quanto vai custar um carro até aí?

CLAUDIA - O que irá custar, não tem importância. Eu pago aqui, se a senhora quiser. O que a senhora não pode é vir por aí aos trambolhões com o menino no colo.

CATARINA - (FILTRO) Está bem. Eu vou pegar um carro, então. Até já.

CLAUDIA - Até já.

C/REGRA - COLOCA FONE AO GALCHO.

PETRONIO - (2ª PLANO) Era Catarina?

TECNICA - VERGASTADA DE SUSTO TREMEADO.

CLAUDIA - Sim...sim... era... era Catarina, sim senhor.

PETRONIO - Ela vai trazer o menino agora, não é?

TECNICA - REPETE A VERGASTADA MUSICAL ANTERIOR.

CLAUDIA - É... vá trazer... Mas...mas o senhor não precisa esperar... eu... eu posso ficar aqui... e depois que o senhor tiver almoçado...

PETRONIO - Que é que você tem, Claudia? Está tão extranha... tão exquêsita... dizendo coisas absurdas... Parece nervosa... reticente...

CLAUDIA - Eu... eu estou nervosa mesmo, sen Petronio. Estou, sim, devo confessar.

PETRONIO - Mas por que? Aconteceu alguma coisa para você ficar assim?

CLAUDIA - Não, não... é... é por causa do garotinho...

PETRONIO - Por causa do garotinho? Não estou entendendo. Que têm que ver os seus nervos com o garotinho?

CLAUDIA - Bem, é que... o senhor compreende... é a primeira vez que eu me meto numa coisa destas, entende?... Fico na dúvida... sem saber se estou procedendo bem ou mal...

PETRONIO - A gente só procede mal, quando contraria seus próprios interesses. Aprenda isto, para o resto de sua vida.

CLAUDIA - O senhor me convenceu a fazer parte da conspiração e eu acedi, mas acontece que neste momento eu estou assim um pouco indecisa... um pouco insegureza... Mas de qualquer maneira, o senhor não precisa ter nenhum receio porque uma vez que me comprometi, não deixarei de cumprir. O senhor pode ir fazer o que tiver a fazer, porque eu ficarei aqui no escritório

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) e receberei o ~~mesmo~~ garoto.

PETRONIO - Está bem. Eu preciso ir à bolsa e não poderia mesmo ficar. Mas confio em você, que nunca me decepcionou. Antes das duas da tarde estarei ~~na~~ aqui.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

CLAUDIA - Meu Deus, e agora? Que faço?! Se Rodrigo estivesse na cidade, haveria tempo de combinar com ele, mas estando ausente, devo resolver tudo sozinha. Nossa Senhora, tu que foste mãe e tanto sofreste pelo teu filho, inspira-me o que devo fazer com o garotinho!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

C/REGRA - BATIDAS EM PORTA, PAUSA, RUIDO DE CHAVE E PORTA SE ABRIR.

TÉCNICA - RAJADA MUSICAL DE SURPREZA E SUSTO.

IRACEMA - Corália!...

CORÁLIA - (DESATA A SOLUÇAR PERDIDAMENTE, COMO QUE SE AFIRMA DO SOBRE IRACEMA.)

IRACEMA - Corália, minha irmã! Que aconteceu?! Fala!...

CORÁLIA - (SEGUE SOLUÇANDO SEM PODER FALAR.)

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA COM CHAVE.

IRACEMA - Pelo amor de Deus, Corália, fala. Eu preciso saber o que lhe aconteceu.

CORÁLIA - (ENTRE SOLUÇOS) Luizinho...

IRACEMA - Que aconteceu com ele? Eu estou aflita. Veja se pode falar...

CORÁLIA - Ela... ela o roubou... de mim... (CONTINUA CHORANDO)

IRACEMA - Ela quem? Catarina?

CORÁLIA - (CHORANDO MUITO) Sim... sim... Ela... mesma... Disse... que ia... me levar... junto... narcotizou-me... e fugiu... com ele... ~~era~~

IRACEMA - Miserável! Ordinária!...

CORÁLIA - (SOLUÇANDO) Acordei... sbeirha... e quasi... enlouqueci. Se você soubesse, Iracema... a dor... que me vai na alma...

IRACEMA - Eu imagino, Corália. Imagino bem. Sei o quanto você era louca pelo garotinho e a falta que há de sentir dele, mas tenha fé que ainda havemos de encontrá-lo. Seu Rodrigo, aquele moço que foi acusado, injustamente, da morte de titio...

CORÁLIA - Sei...

IRACEMA - Está procurando você e o garoto. Ele tem uma carta do titio, para entregar a você. Uma carta que o titio escreveu pouco antes de morrer. Ele foi ontem para o Rio, <sup>como vai para o Rio pelo caminho, procurando</sup> ~~mas~~ <sup>você, só chegava lá amanhã ou depois</sup> ~~mas~~ passar-lhe um telegrama, dizendo-lhe que você está aqui e o garoto fo

Vou pa

IRACEMA - (CONTINUAÇÃO) levado para lá, por Catarina. Ele imediatamente se porá em ação e você vai ver como logo será encontrado.

CORÁLIA - Não, Iracema, telegrama, não. Eu mesma quero ir lá falar com ele. Você me dará o endereço e eu embarcarei amanhã para o Rio.

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FU-DE COM CORTINA PARA SEPARAÇÃO.

CLAUDIA - A minha resolução está tomada. Haja o que houver, eu não deixarei o garoto cair nas mãos de seu Petrônio. Assim que Catarina chegar - ela deve estar prestes a surgir por aí - eu telefono para dona Arabela e levo o menino para lá. Depois... não sei o que poderá me acontecer, mas seu Rodrigo já me afirmou que tomará o encargo de minha família, seja o que Deus quizer.

TECNICA - RELOGIO DE TORRE BATE DOZE BADALADAS, ESPAÇADAS E AFASTADAS.

CLAUDIA - Meio dia. Catarina já está demorando mais do que eu previa.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE EM 2º PLANO.

CLAUDIA - Ah, parece que ela chegou, finalmente.

PETRONIO- (AFASTADO) Pode ir almoçar, Claudia.

TECNICA - VERGASTADA FORTE DE SUSTO.

CLAUDIA - Como?!... O... o senhor... veio?

PETRONIO- Sim. Resolvi <sup>vir</sup> eu mesmo esperar Catarina.

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FU-DE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO DA "OVELA".

## A MARCA DO ÓDIO

- novela original de Erião Cremer -

### 662º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CLAUDIA - A minha resolução está tomada. Haja o que houver, eu não deixarei o garoto cair nas mãos de seu Petronio. Assim que Catarina chegar - ela deve estar prestes a surgir por aí - eu telefono para dona Arabela e levo o menino para lá. Depois... não sei o que poderá me acontecer, mas seu Rodrigo já me afirmou que tomará o encargo de minha família, seja o que Deus quizer!

TÉCNICA - RELÓGIO DE TORRE BATE DOZE BADALADAS, ESPACADAS E APASTADAS.

CLAUDIA - Meio dia! Catarina já está demorando mais do que eu previa.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 2ª PLANO.

CLAUDIA - Ah, parece que ela chegou, finalmente.

PETRONIO - (ABASTADO) Pode ir almoçar, Cláudia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE SUSTO.

CLAUDIA - Como?!... O... o senhor... veio?

PETRONIO - Sim. Resolvi vir eu mesmo esperar Catarina.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR

CLAUDIA - Mas... eu... eu disse ao senhor que não me importava de esperá-la...

~~CLAUDIA~~  
PETRONIO - Eu sei, mas como preciso falar logo com Catarina e ela é bem capaz de receber o dinheiro e não aparecer mais, preferi estar aqui, quando ela chegasse. Além disto... aquela mulher poderia enganá-la e comigo já é mais difícil. Vá para casa almoçar.

CLAUDIA - Eu... eu já comi um sanduiche... não tenho fome... preferia ficar... o senhor pode precisar de ajuda...

PETRONIO - Não vou precisar nada, não. E você não pode ficar o dia todo com um sanduiche. É melhor ir para casa... almoçar tranquilamente... e depois voltar ao trabalho.

CLAUDIA - Mas e o senhor já tem para onde levar o menino? Talvez fosse melhor eu ficar, por isso.

PETRONIO - O menino vai ficar é com Catarina mesmo. Não pense ela que vai se livrar do trabalho, depois de receber uma pequena fortuna. Por isso mesmo é que preciso esperá-la, para conversar direitinho com ela. Botar todos os pontos nos is.

CLAUDIA - Si ela se recusar, eu talvez possa arranjar uma...

PETRONIO - (CORTA) Quem é que vai se recusar? Quem é que vai ter o tapete de con-



PETRONIO - (CONTINUAÇÃO) trair as minhas ordens? Catarina não é louca e si tem amor ao pêlo, saberá que tem que obedecer-me.

CLAUDIA - Bem... então... já que o senhor não precisa de mim... vou para a casa almoçar.

PETRONIO - É, vá de uma vez porque Catarina não há de demorar e eu preciso ficar só com ela.

CLAUDIA - Até logo, então, seu Petrônio.

PETRONIO - Até logo.

C/REGRA - PASSOS DE CLAUDIA QUE SE AFASTAM, PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUIDO PLANO.

PETRONIO - Não posso saber o que se passa com essa menina... Ela parece tão estranha... Eu deveria ter aproveitado a ocasião para tirar a prova, mas... ela não perde por esperar. E coitadinha dela, se pensar em me trair!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

ARABELA - Que aconteceu com você, criatura de Deus?! Nunca a vi assim tão nervosa e tão desfigurada...

CLAUDIA - Foi horrível o que me aconteceu, dona Arabela, horrível!... Eu não me conformo. Não me conformo.

ARABELA - Mas diga o que aconteceu, menina. Fale, logo.

CLAUDIA - Imagine a senhora, que depois de ter o garoto nas mãos, ele me fugiu, inesperadamente. Isto não é horrível, dona Arabela? Diga.

ARABELA - Mas fugiu como, menina? De que modo?

CLAUDIA - Pois eu estava à espera de Catarina que iria levá-lo ao escritório de seu Petronio, para receber o cheque da gratificação.

ARABELA - Tudo isso eu sei. Mas daí, que aconteceu?

CLAUDIA - Aconteceu que roncou o diabo nas tripas de seu Petrônio e ele apareceu, justamente na hora que ela deveria chegar e me mandou para casa.

ARABELA - E você, em vez de ir para casa, não ficou, de longe, observando os movimentos? Era o que deveria ter feito.

CLAUDIA - E foi o que fiz, dona Arabela.

ARABELA - Catarina chegou mesmo? Levou mesmo a criança?

CLAUDIA - Sim. Ela chegou, de automóvel, e desembarcou com o menino nos braços. Entrou no escritório, depois de ter mandado o automóvel embora.

ARABELA - E depois?

CLAUDIA - Ela permaneceu no escritório uns quinze ou vinte minutos. Não sei bem, porque não me lembrei de marcar no relógio. Só sei que depois de algum

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) tempo, desceram os dois, ela sempre com a criança nos braços, tomaram o automóvel do seu Petrônio e desapareceram, no fim da rua.

ARABELA - E você não teve ideia de tomar um taxi e sair atrás deles, para ver onde é que iam?

CLAUDIA - Tive, mas não encontrei um único taxi desocupado, no ponto onde me encontrava. Eu corria como louca, de uma lado para outro da rua e nada. De repente, apareceu um e eu ainda tentei, mas já não encontramos mais nem o rastro do carro do seu Petrônio. Passei no Hotel onde ele mora, passei numa garçonière que me disseram que ele tem, passei na casa de dona Eugênia e finalmente fui até o subúrbio da Penha, onde eu tinha ouvido dizer que Catarina tinha uma amiga, uma irmã ou sobrinha, sei lá... e não obtive nenhum resultado. Rodeei mais de uma hora de carro, paguei um dinheiro e perdi meu tempo.

ARABELA - Foi pena, realmente.

CLAUDIA - Si seu Rodrigo não tivesse se precipitado, talvez a esta hora estivéssemos de posse do garoto. Mas ele estava aflito... quiz ir a Ouro Preto...

ARABELA - Eu lhe disse que não fosse, mas ele me declarou que não podia mais esperar... Mas quem sabe, até, se não foi melhor. Talvez si ele estivesse aqui acabasse enfrentando o pai e a gente não pode prever o que seria capaz de acontecer.

CLAUDIA - É o único pensamento que me consola, dona Arabela, mas no fundo eu estou verdadeiramente desolada. É duro a gente esperar tanto tempo por uma coisa e quando pensa que vai obtê-la, sentir que ela nos fugiu das mãos!

ARABELA - É duro, sim, eu sei, mas nós devemos nos lembrar, sempre, que Deus escreve direito por linhas tortas. Que horas são?

CLAUDIA - Quasi duas e meia. Tenho que voltar para o escritório.

ARABELA - Mas você não almoçou. Vou mandar servir-lhe qualquer coisa, ao menos.

CLAUDIA - Não, dona Arabela, obrigada. Depois do que me aconteceu, eu não posso comer coisa alguma. Não tenho vontade.

ARABELA - Mas então tome, ao menos, um copo de leite, porque você não pode ficar sem nenhum alimento. Vou mandar buscar um pouco de leite para você.

CLAUDIA - Não é preciso, dona Arabela. Não se incomode.

ARABELA - Quem vai servir o leite não sou eu, portanto, não vejo em que me possa incomodar.

C/REGRA - SINETINHA DE MÃO, PARACHAMAR EMPREGADA, TOCA UMS MOMENTOS.

TÉC.ICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Sua benção vóvóe (BEIJO) Como vai a senhora?

ARABELA - Deus te abençõe, meu filho. Como te foste de viagem?

RODRIGO - Mais ou menos. Não posso dizer que fui bem, porque não alcancei o meu objetivo.

ARABELA - Foi uma pena, porque se tivesses ficado, em vez de ir lá tão longe, talvez tivesses conseguido o que tanto desejas.

RODRIGO - Como assim? A senhora teve alguma notícia a respeito do assunto?

ARABELA - Tive. Cláudia procurou por ti com desespero. Catarina apareceu com o garotinho.

RODRIGO - Mas eu tinha dito a ela que o trouxesse aqui, para a sua casa.

ARABELA - Mas a questão é que deu um enguiço danado e ela, coitada, ficou sem saber como proceder.

RODRIGO - Mas pelo menos ela sabe onde é que está Luizinho?

ARABELA - Como pode saber? Sabe, apenas, que ele foi entregue ao seu pai.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Luizinho foi entregue a papai? Mas isto era, exatamente, o que não podia acontecer.

ARABELA - E o que é que você queria que ela fizesse, se ele ouviu toda a combinação dela com Catarina e resolveu ele mesmo ir para lá esperá-la? Ela, naturalmente, fez o que lhe era possível, mais não podia fazer.

RODRIGO - E o garoto está com papai?

ARABELA - Sei lá! Foi entregue a ele, agora si está com ele não sei.

RODRIGO - Que pena! Justamente na minha ausência é que isto havia de acontecer!

ARABELA - Você é afobado, meu filho, não sabe esperar. Eu lhe disse que achava conveniente você não se ausentar. Você deve se lembrar disto.

RODRIGO - Eu tenho que fazer qualquer coisa, mas não sei o que possa ser...

ARABELA - Não faça nada, sem conversar, antes, com Cláudia. Ela é muito ponderada... muito criteriosa... você deve ouvir o que ela lhe disser.

RODRIGO - Vou falar com ela, sim. Quero saber, detalhadamente, o que aconteceu, mas depois estou resolvendo a ir falar com papai.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

ARABELA - O que?!... Você ~~pretende~~ pretende falar com seu pai?!

RODRIGO - É claro. Acho que tenho o direito de exigir que ele me diga o que vai fazer com o garoto.

ARABELA - Ele não vai lhe dizer coisa alguma e a gente não pode <sup>imaginar</sup> o que será capaz de acontecer nesse encontro. Você sabe que ele cada vez o ódio mais. Os efeitos desse ódio, ninguém pode prever.

RODRIGO - Não importa. Não posso deixar de fazer alguma coisa em defesa de meu irmão, aconteça o que acontecer.

ARABELA - Meu filho, você vai discutir com seu pai, não vai adiantar nada e ainda vai acirrar mais o ódio dele contra você. Por favor, atenda-me e desista dessa ideia.

RODRIGO - Não posso, vóvó. Papai precisa compreender que não tem o direito de dispor, impunemente, da vida de Luizinho. Ele precisa ser sacudido. Precisa acordar. Precisa compreender que não pode fazer o que está fazendo.

ARABELA - Seu pai não tem mais cura, meu filho. Infelizmente seu mal é sem remédio. A loucura é progressiva e vai aumentando com o tempo. Quando ela chegar a chamar a atenção de todos e ele for internado, será tarde, desgraçadamente, para remediar os prejuízos causados às vítimas ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ do seu ódio e da suas desconfianças.

RODRIGO - As coisas que a senhora acabou de me dizer, longe de afastarem a minha ideia de procurá-lo, mais me animam a prosseguir na luta que pretendo iniciar hoje. É meu dever procurar evitar que a enfermidade de papai cause maiores danos do que aqueles que já causou. Não posso cruzar os meus braços, vóvó. Hoje mesmo procurarei me avistar com papai!

TÉC-ICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉC-ICA - MÚSICA PARA INÍCIO DA SEGUNDA PARTE.

TEREZA - A senhora hoje está muito abatida. Sente alguma coisa?

EUGENIA - Tristeza e ansiedade, Tereza. Acho que a cada dia que passa, eu vou ficando mais cansada de esperar. É bom certo aquele ditado: quem espera... de<sup>s</sup>espera.

TEREZA - Não senhora. O certo não é este. O certo é: "Quem espera... sempre alcança". É verdade que muitas vezes espera-se demais por uma coisa que se anseia tanto, mas parece que justamente à força de tanto esperar, acaba-se, invariavelmente, por alcançar aquilo que se espera.

EUGENIA - Si eu tivesse certeza absoluta de alcançar o que mais desejo, juro-lhe, Tereza, que não me importava de esperar. A questão é que às vezes eu de<sup>s</sup>animo e então já me parece que espero em vão... que espero inutilmente... e que nunca vou alcançar aquilo que tanto quero.

TEREZA - Eu compreendo, perfeitamente, essas suas crises de ~~XXX~~ desânimo e acho muito natural que, por vezes, elas consigam dominá-la, mas não posso admitir nem consentir <sup>o</sup> que a senhora se entregue e abandone a luta. Isso

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) nunca! Viver é lutar! É conquistar, palmo a palmo, o terreno onde se situam os nossos sonhos e as nossas ambições. Como retroceder em meio do caminho?

EUGENIA - Não é que eu retroceda, Tereza. É que me emburrem para traz, compreendes? Por mais que me esforce em avançar, parece que o terreno vai fugindo de mim e eu vou ficando, esquecida.

TEREZA - Quem é lembrada por Deus, não importa que permaneça esquecida pelos homens. O essencial, no entanto, é que a gente se faça lembrar a Deus. E qual a melhor maneira de se fazer isto? Aproximando-se d'Ele, pela presença constante na sua Casa e na sua Mesa. Experimente fazer isto, coloque-se constantemente ao lado de Deus e há de ver que não será esquecida por Ele.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Boa tarde, Cláudia.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO GRANDE.

CLAUDIA - (ASSUSTADA, MEIA VOZ) Seu Rodrigo! Cuidado, seu pai está aí no gabinete ao lado.

RODRIGO - Não importa. Eu vim a esta hora, justamente para encontrá-lo. Preciso muito falar com ele.

CLAUDIA - O quê?!... O senhor pretende falar com seu Patrônio?!... Não faça isto, por favor! Ele não vai querer recebê-lo.

RODRIGO - Não importa. Eu entrarei, mesmo assim.

CLAUDIA - Mas pelo amor de Deus, seu Rodrigo! Lembre-se que me compromete. Ele já me deu ordens expressas a este respeito. Se o senhor entrar, ele depois se virará contra mim.

RODRIGO - Eu terei o cuidado de simular uma briga com você, mas preciso entrar e falar-lhe de qualquer forma.

CLAUDIA - A impressão que tenho é que, se proceder dessa forma, não vai obter nenhum resultado prático. Vai só enfurecê-lo, nada mais.

RODRIGO - Cláudia, por favor, não tente impedir-me. Deixe-me fazer o que quero, para poder estar bem com a minha consciência. Meu irmão deve estar sofrendo, minha madrasta sofre horrivelmente, você acha que eu tenho o direito de cruzar os braços e permanecer insensível? Não posso. Seria um egoísmo imperdoável da minha parte. Quer anunciar-me ao meu pai?

CLAUDIA - Será inútil, senhor Rodrigo, eu sei. Ele vai mandar dizer que não quer recebê-lo e ainda me advertirá, por não ter cumprido as suas instruções

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) a êste respeito.

RODRIGO - Pois então vamos fazer de outra maneira. Eu meto a mão na porta e vou entrando, enquanto você finge que procura impedir-me, puxando-me pelo casaco. Dessa forma sua responsabilidade ficará salva e eu terei atingido o meu objetivo que é defrontar-me com êle. Quer assim?

CLAUDIA - Si não há outro remédio...

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM SEGUNDO PLANO.

RODRIGO - (SIMULANDO ZANGA) A senhorita mentiu que êle não estava. Que vai me dizer, agora, para desculpar-se? Que entrou, inesperadamente, pela porta dos fundos?

CLAUDIA - (IDEM) E que queria o senhor que eu fizesse? Que desobedecesse a seu Petrônio, para lhe ser agradável? Não sei porque haveria de proceder assim. Seu Petrônio não deseja recebê-lo. Por que não vai embora?

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

PETRONIO - Deixe-o comigo, senhorita Cláudia. Pode voltar para a sua mesa.

C/REGRA - PASSOS DE CLAUDIA QUE SE AFASTAM E PARAM. ARRASTAR DE CADEIRA.

RODRIGO - O assunto que tenho a tratar com o senhor é reservado. Não prefere que passemos para a sua sala?

PETRONIO - Não. Minha secretária é pessoa que me merece toda confiança e além disto está a par de todos os meus assuntos. Mesmo os mais íntimos.

RODRIGO - Perfeitamente. Ela será, então, testemunha do que lhe vou dizer. Antes, porém, preciso fazer-lhe uma pergunta: onde está meu irmão?

PETRONIO - Seu irmão... ou seu filho?

RODRIGO - Ora vamos, papai! Essa malquice ainda não terminou? Pergunto por Luizinho, seu filho, meu irmão, portanto, embora apenas por parte de pai.

PETRONIO - Quem lhe disse que eu sei dele?

RODRIGO - A moça que o tinha em seu poder. Disse que Catarina foi buscá-lo para entregá-lo ao senhor e receber uma determinada importância que o senhor oferecia pela devolução do garoto.

PETRONIO - E si eu lhe disser que isto não é verdade?

RODRIGO - Eu lhe direi que o senhor está mentindo, porque sei, inclusive, que o garoto já lhe foi entregue.

PETRONIO - Pelo que vejo o seu serviço de espionagem parece ser perfeito. Mas... admitindo que isto seja verdade, que pretende você, afinal?

RODRIGO - Quero saber do garoto, para restituí-lo à sua mãe. Já chega o castigo que lhe foi imposto injustamente, obrigando-a a viver separada dele

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) todos esses meses. Uma criança na idade de Luizinho precisa de cuidados especiais, não pode viver ao léu, passando de mão em mão. Já pensou que ele pode adquirir uma doença grave e até morrer, pela incompetência de quem o cria?

PETRONIO- Mesmo, eu não aceito as suas advertências. Sou um homem maduro, senhor absoluto da ~~minha~~ <sup>minha</sup> vida, inteiramente responsável pelos meus atos e que não admito a interferência de estranhos nos meus assuntos.

RODRIGO - Em primeiro lugar eu não sou um estranho porque sou seu filho e em segundo o assunto não é apenas seu, porque é nosso também.

PETRONIO- Nosso como? Seu e de quem mais?

RODRIGO - De minha madrasta, naturalmente. Ela é a mãe do garoto. Penso que lhe cabe o direito de querer saber o que foi feito dele.

PETRONIO- Parece-lhe? Pois eu penso justamente ao contrário. O castigo da sua desonestidade há de ser este: viver toda a sua vida separada do fruto da sua traição.

RODRIGO - Quer dizer que o senhor mantém, inalteradas as suas desconfianças a respeito de dona Eugênia?

PETRONIO- Como desconfianças? Deixa de ser desconfiança aquilo de que se tem certeza e provas. Eu não tenho desconfianças. Tenho certeza de que fui traído. E porque fui traído, sigo, inflexível, na minha vingança.

RODRIGO - Quer dizer, então, que o senhor não vai me revelar o que fez do menino, não é verdade?

PETRONIO- De maneira alguma.

RODRIGO - E si eu lhe disser que estou disposto a dar parte à polícia?

PETRONIO- Eu lhe responderei que não me amedronto, pois conto, lá, com inúmeros amigos para me ajudarem. Experimente fazer o que ameaçou e haverá de se ver a braços com a maior das decepções.

RODRIGO - Não esteja tão certo disto. Lembre-se que posso usar as mesmas armas que o senhor usa.

PETRONIO- Pois então experimente. De mim, declaro-lhe que não arrancará uma só informação a respeito do garoto.

RODRIGO - Não importa. Mesmo assim tenho a esperança de encontrá-lo. Principalmente se Catarina souber que estou disposto a pagar bem qualquer informação neste sentido.

PETRONIO- E pensa que será fácil encontrá-la?

RODRIGO - Posso lhe garantir que muito difícil não será. Ela está sempre cheirando

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) do a trilha do dinheiro. É bem capaz, até, de vir a mim sem que a procure. Em todo caso, um pequeno anúncio no jornal talvez precipite os acontecimentos. Boa tarde.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

PETRONIO - (DEPOIS DE PAUSA) Você ouviu o que ele disse? Você ouviu?

CLAUDIA - Ouvi, seu Petronio.

PETRONIO - E você acha que Catarina teria coragem de me fazer uma sugestão dessas?

CLAUDIA - Acho que, de Catarina, não se pode duvidar nada.

PETRONIO - Neste caso... preciso mandar vigiá-la. Arranje-me um detetive particular, que ele venha conversar comigo hoje mesmo. Imediatamente, se for possível.

CLAUDIA - Sim senhor.

C/REGRA - TENTA, INUTILMENTE, VÁRIAS VEZES, LIGAR UM NÚMERO, SEM CONSEGUIR. LIGA E DESLIGA.

CLAUDIA - A linha está sempre ocupada.

PETRONIO - Não importa. Vá tentando, até conseguir. Não posso perder tempo, porque minha situação está ameaçada de perder também a partida.

CLAUDIA - Eu tenho uma ótima sugestão para dar-lhe.

PETRONIO - Qual é?

CLAUDIA - Entregue-me a criança e eu arranjaré quem cuide dela, sem o perigo de cair nas mãos de Rodrigo.

PETRONIO - É mesmo?! Você acha que conseguiria isto?

CLAUDIA - Tenho certeza absoluta.

PETRONIO - Pois bem, eu vou providenciar para entregá-lo a você, mas <sup>atenção</sup> ~~isso~~ bem <sup>para</sup> a responsabilidade que ficará pesando sobre os seus ombros. Estará disposta, mesmo assim?

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL FUZE COM CARACTERISTICA DE B-CERRAMENTO.

---



A MARCA DO ÓDIO

- novela original de Erico Cramer -

67º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

C/ REGRA - DISCANDO NÚMEROS E DESLIGADO. TORNA-DO A DISCAR E DESLIGAR

CLAUDIA - A linha está sempre ocupada.

PETRONIO - Não importa. Vá tentando, até conseguir. Não posso perder tempo, porque  
situação estou ameaçado de perder também a partida.

CLAUDIA - Eu tenho uma ótima sugestão para dar-lhe.

PETRONIO - Qual é?

CLAUDIA - Entregue-me a criança e eu arranjaréi quem cuide dela, sem o perigo de  
cair nas mãos de Rodrigo.

PETRONIO - É mesmo? Você acha que conseguiria isto?

CLAUDIA - Tenho certeza absoluta.

PETRONIO - Pois bem, eu vou providenciar para entregá-lo a você, mas atente bem pa-  
ra a responsabilidade que ficará pesando sobre os seus ombros. Estará  
disposta, mesmo assim?

CLAUDIA - Estou.

PETRONIO - Sabe o que representa, para mim, manter essa criança separada de sua mãe?

CLAUDIA - Claro que sei. Ela é como que o instrumento da sua vingança.

PETRONIO - Exato. Daí o grande valor que dou à posse dessa criança.

CLAUDIA - É daí a necessidade de tirá-la das mãos de dona Catarina, que por várias  
vezes, já, tentou enganá-lo.

PETRONIO - Sim, sim... você tem razão... Catarina não é pessoa de confiança. Vende-  
se, sempre, a quem lhe oferece mais e o pior é que Rodrigo sabe disto.

CLAUDIA - Aconselho-o, portanto, a tirar, o quanto antes, o garotinho das mãos dela,  
si é que deseja, realmente, mantê-lo afastado da mãe.

PETRONIO - Sim. Hoje mesmo irei procurar Catarina no sítio que adquiri para ela e,  
sob qualquer pretexto trarei o garoto e o entregarei a você, mas antes,  
no entanto, precisamos conversar a este respeito. Preciso saber quem se  
encarregará de cuidá-lo.

CLAUDIA - Inicialmente, falarei com minha mãe. Acredito que ela aceite o encargo.  
Gosta muito de crianças e será uma maneira de desprender a atenção de  
meu irmão enfermo, pelo menos algumas horas por dia, já que vive, anda,  
come e respira em função do rapaz.

PETRONIO - E se, justamente por isso, sua mãe se recusar a criá-lo?

CLAUDIA - Tenho, ainda, uma tia por parte de meu pai que, a trêco de alguns cruzeiros, tratará do assunto encantada da vida.

PETRONIO - E essa sua tia é pessoa de absoluta confiança? Não baterá com a língua nos dentes?

CLAUDIA - Ela nem precisa saber quem é a criança, de formas que não haverá o menor perigo.

PETRONIO - Pois então está combinado. Hoje mesmo irei ao sítio de Catarina e amanhã, à tardinha, devo estar de volta com a criança. Você me dirá onde deverei deixá-la.

CLAUDIA - Pode trazê-la aqui mesmo para o escritório, porque eu ainda não sei se será mãe ou titia quem tomará conta dela. Daqui eu a levarei para o destino certo.

PETRONIO - Muito bem. Eu vou confiar em você, Claudía. Veja bem o que vai fazer.

CLAUDIA - Não se preocupe. Afianço-lhe que o senhor irá se surpreender comigo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

G/REGRA - DUAS OU TRES CHAMADAS DE TELEFONE. PASSOS DE ARABELA SE APROXIMAM. LEVAM TAR PONE DO GANCHO.

ARABELA - Alô!

CLAUDIA - É dona Arabela quem está ao telefone. (VOZ EM FILTRO)

ARABELA - Sim, sou eu mesma. Quem fala aí?

CLAUDIA - (FILTRO) É Claudía quem fala aqui, dona Arabela.

ARABELA - Ah, Claudía, como vai você? Alguma novidade?

CLAUDIA - Eu queria falar com o senhor Rodrigo, dona Arabela. Ele não está? (FILTRO)

ARABELA - Não, não está. Você precisava falar com êle mesmo?

CLAUDIA - É, sim senhora. A senhora não sabe onde êle foi? (FILTRO)

ARABELA - Não sei, mas é possível que êle ainda me apareça hoje à noite e si você quiser eu posso transmitir-lhe qualquer recado seu.

CLAUDIA - (FILTRO) Não, obrigada. Não é preciso dar-se a esse incômodo. Eu tornarei a telefonar mais tarde. Obrigada, sim?

ARABELA - Não há porque, minha filha.

G/REGRA - RUÍDO DE COLOCAR PONE AO GANCHO.

ARABELA - Claudía deve ter alguma novidade grande para Rodrigo. Eu senti, na sua voz, que ele estava muito emocionado. Deus permita que seja uma notícia boa!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - E depois de já estar quasi de posse do menino, Catarina raptou-o da moça que o tinha em seu poder e desapareceu com êle, misteriosamente.

EUGENIA - Você chegou a ver o meu filho, Rodrigo? Ele está bem? Diga. Eu já me sentiria mais consolada se soubesse que êle era bem tratado.

RODRIGO - Eu não vi Luizinho, nem a moça que o cuidava, mas tive ocasião de falar, várias vezes, com a irmã e por ela posso lhe afirmar que o menino é mais do que bem tratado. É adorado por ambas. Só imagino o que deve estar sofrendo com a sua ausência.

TEREZA - Mais do que a mãe verdadeira, ninguém poderá sofrer.

RODRIGO - Bem sei, Tereza, mas de qualquer forma o que posso garantir é que as sobrinhas de seu Luiz Henrique afeiçãoaram-se verdadeiramente ao garoto. Para convencê-las de que me deveriam devolvê-lo, foi preciso que eu promettesse trazer com êle a mais velha das duas.

TEREZA - Mas e eu que papel ficaria ~~exercendo~~ fazendo aqui?

RODRIGO - Bem... isso foi uma promessa que fiz um tanto vagamente, apenas com a ideia de poder contar com a colaboração delas que era importantíssima.

EUGENIA - E si ela é realmente boa, como você diz, poderíamos tomá-la a nosso serviço, para evitar que ela sofresse com a separação.

RODRIGO - Foi o que também pensei, embora soubesse que tenho Tereza para cuidá-lo, não seria necessário mais ninguém.

EUGENIA - Pois é, mas todos os planos foram por aguas a baixo e o meu filho, mais uma vez, foi roubado ao meu carinho.

RODRIGO - Mas não se desespere que haveremos de encontrar Catarina em algum lugar. Ela não pode ter sumido definitivamente, e eu hei de descobrir onde se escondeu.

TEREZA - Ela sempre dizia que o seu sonho dourado era possuir um sítio em Joca repaguá, para poder envelhecer tranquilamente. Quem sabe se seu Petronio não lhe deu, como prêmio à sua infâmia, esse tão desejado sítio?

RODRIGO - É possível. Ela não deve estar trabalhando por pouco dinheiro. Em todo caso, isso que a senhora acabou de me dizer, não deixa de ser uma pista e já amanhã, se me for possível, irei fazer umas investigações lá para aqueles lados. Talvez esta noite, até, depois de visita à minha noiva, já embarque para lá.

EUGENIA - Vá, Rodrigo, vá e me traga o meu filho. Eu serei eternamente grata a você, pelo resto de minha vida.

RODRIGO - E depois, se Tereza concordar, irei procurar dona Corália para que ela

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) vem ficar também aqui e auxiliá-los.

EUGENIA - Quem é Corália, Rodrigo?

TEREZA - Deve ser a tal moça que cuidava o menino.

RODRIGO - Exato. É a sobrinha mais velha de seu Luiz Henrique. Ela é muito boa... muito paciente... muito dedicada... e segundo sei não se importará de ficar como empregada de casa, desde que não se separe de Luizinho.

TEREZA - Ela pode ser muito boa, muito paciente e tal e coisa, mas muito direita parece-me que não foi.

RODRIGO - Por que, Tereza?

TEREZA - Porque recebendo uma criança raptada, para cuidá-la, seu dever era entregá-la à polícia, na mesma hora, afim de que fosse devolvida à ~~seu~~ mãe.

RODRIGO - Mas ela não sabia que a criança era raptada. Estavam as duas moças convencidas de que Luizinho fosse filho de seu Luiz Henrique, produto de alguma aventura que ele tivera.

TEREZA - Ah, bom, então agora, sim, a coisa melhorou. Eu já não estava admitindo nada essa Corália, porque me parecia que ela não tinha procedido bem.

EUGENIA - E eu estava sentindo o pé atrás de Tereza e já estava começado a ficar preocupada, porque estava ~~sentindo~~ <sup>previdendo</sup> que ela ia receber a moça de mesma maneira que recebeu Catarina.

TEREZA - Mas com aquela bandida a senhora acabou se convencendo que eu tinha cerradas de razão. Eu não deveria ter posto um pé atrás, apenas. Deveria ter lhe batido com os dois pés num certo lugar e botá-la pela porta fora. Até hoje me arrependo amargamente de ter me contido.

RODRIGO - Não adianta nada a gente se arrepender do que fez e menos, ainda, do que deixou de fazer, portanto vamos esquecer o passado e tocar para a frente que a vida nos espera. Começo, agora, a sentir que o poder da maldade começou a declinar.

TEREZA - Graças aos céus!

EUGENIA - Que Deus não nos abandone e se dê por satisfeito com a provação que nos impoz!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - A senhora é a dona Arabela? A avó de seu Rodrigo?

ARABELA - Eu, sim, queria falar consigo?

CORÁLIA - É verdade. Seu Rodrigo deixou com minha irmã este endereço para nós nos comunicarmos com ele, caso tivéssemos necessidade de falar-lhe como agora esta necessidade apareceu...

ARABELA - É pena, mas ele não está. Aliás ele não mora aqui, apenas costuma vir jantar comigo, diariamente, porque é a hora que ele tem livre.

CORÁLIA - E a senhora poderia me dar o endereço dele?

ARABELA - Poderia, mas não ia lhe adiantar nada, porque ele mora com mais dois rapazes, num apartamento de solteiro e hoje só deve aparecer lá, altas horas da noite, para dormir. O melhor de tudo seria a senhora esperar, ou voltar na hora que ele costuma vir aqui que é entre sete e meia, oito horas da noite.

CORÁLIA - Não sei o que seria melhor fazer... Eu poderia esperar, mas... e si ele não viesse?

ARABELA - Ah, pois é. Ele pode também não vir.

CORÁLIA - A senhora não ouviu falar nada sobre uma carta que ele tem para me entregar?

ARABELA - Uma carta? Não sei... quem é a senhora?

CORÁLIA - Seguro seu Rodrigo disse à minha irmã, meu tio foi muito amigo da senhora. Lembra-se do senhor Luiz Henrique?

TÉCNICA - ACORDE, SACUDI-DO LEMBRA-ÇA.

ARABELA - O que?... A senhora é sobrinha dele? Lembro-me sim, que Deus o tenha em santa paz, mas eu duvido um pouco.

CORÁLIA - Ele parece que foi um tanto quanto boêmio; não é verdade?

ARABELA - Boêmio, só? Bem, mas vamos deixar os mortos descansarem. A senhora, então é sobrinha dele e veio procurar uma carta que meu neto tem para a senhora?

CORÁLIA - Isso mesmo.

ARABELA - Eu sei qual é essa carta. Ela está guardada comigo.

TÉCNICA - ACORDE GRA-DE, SUGERI-DO ESPERA-ÇA.

CORÁLIA - É mesmo? A carta está com a senhora? <sup>A senhora!</sup> Não se importaria de me entregar?

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FU-DE COM MUSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE.

CORÁLIA - A carta está com a senhora? E a senhora não se importaria de m'a entregar?

ARABELA - Não posso. Meu neto quando me pediu para guardá-la no cofre me fez esta recomendação especial: "vóvó, a senhora não entregue esta carta a mais ninguém, sinão a mim. Haja o que houver."

CORÁLIA - Ora, que pena! A senhora sabe que eu vim de longe por causa desta carta? Inclusive o interesse é também do seu neto porque ele está sendo acusado

CORÁLIA - (CONTINUAÇÃO) do da morte de titio e a nossa esperança é que a carta con-  
tenha uma pista do verdadeiro assassino.

ARABELA - A senhora não acreditou que fosse meu neto, acreditou?

CORÁLIA - Absolutamente. Minha irmã foi visitá-lo na cadeia, para saber os moti-  
vos da morte de titio e voltou dizendo que seu neto era inocente. Que  
estava sendo acusado injustamente. Tanto assim que se tornou logo amigo  
dele.

ARABELA - Meu neto não seria capaz de matar uma mosca.

CORÁLIA - É o que dizem todos que o conhecem.

ARABELA - Rodrigo é um rapaz íntegro, um rapaz correto. Não é por ser meu neto que  
digo, mas se todos os rapazes do mundo fossem como ele, a vida seria ou-  
tra. A verdade teria muitos defensores e os sentimentos baixos não te-  
riam vez.

CORÁLIA - A senhora deve ter muito orgulho dele; não é verdade?

ARABELA - Tenho, sim e um orgulho perfeitamente justificável.

CORÁLIA - Tem razão, sim. Bem, dona Arabela, a senhora vai me dar licença que eu  
já lhe roubei muito tempo.

ARABELA - Não vai querer esperar?

CORÁLIA - Não posso. Conheço muito pouco aqui para andar de noite sósinha na rua.  
Peco-lhe o favor de dizer a ele que estou no Rio e vou deixar aqui um  
cartãozinho meu com o endereço. Si ele quiser, poderá procurar-me.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Está muito bem, dona Arabela, muito obrigada e desculpe a minha insistên-  
cia, mas eu estou muito aflita para falar com ele. Mais tarde eu vou te-  
lefonar, novamente.

C/REGRA - BOTAR FONE NO GANCHO.

CLAUDIA - Que pena que eu não consigo falar com seu Rodrigo. Eu precisava dizer  
a ele o que está acontecendo e combinar o que vou fazer com o menino.  
Mas já telefonei duas vezes e não consegui encontrá-lo... Eu ainda po-  
deria, talvez, tentar a Faculdade...

C/REGRA - DISCAR SEIS NÚMEROS DE TELEFONE.

TÉCNICA - TELEFONE CHAMADO DO OUTRO LADO DA LÍNEA. VÁRIAS CHAMADAS.

C/REGRA - COLOCA FONE NO GANCHO.

TÉCNICA - SUSPENDE AS CHAMADAS TELEFÔNICAS AO TEMPO QUE O FONE É POSTO NO GANCHO.

CLAUDIA - Não atendem. Não deve ter mais ninguém lá, a esta hora. O remédio é pro-  
curá-lo amanhã cedo, antes que seu Petronio regressasse com o garoto.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Sabe porque mandei buscar você, Bertoldo?

BERTOLDO - Sei, não, dona. Fiquei até indimidado quando arricibi seu chamado.

CATARINA - Quando passei no seu rancho - lembra-se? - você me ajudou muito. Fiquei pensando assim: o dia que eu precisar de um ajudante, vai ser este homem, porque ele cumpre as ordens da gente, sem procurar saber ~~mas~~ as razões. Agora eu estava precisando de uma pessoa exatamente assim como você. Que cumprisse as minhas ordens, sem alterá-las nem discutilas. Não tive dúvidas em mandar buscá-lo. Vou lhe pagar bem, mas você também terá que me servir bem.

BERTOLDO - Si a dona ficou satisfeita com o meu trabalho a primeira vez, num tem praquê deixá de ficá na segunda. Já sabe qual é o meu sistema de trabalho. Eu num faço as coisa deferente daquilo que me mandam fazê.

CATARINA - Pois bem, então o que eu tenho que lhe dizer é o seguinte: você veio para cá, afim de cuidar aquela mesma criança que estava com aquela moça lá, você se lembra?

BERTOLDO - Me alembro dona. Aquela que fugiu, inquanto sunceis discutia, a dona e mais o home aquele.

CATARINA - Exatamente. Aquela que fugiu, enquanto eu e o Jerônimo discutiamos a respeito da criança.

BERTOLDO - E suncê conseguiu pegá ela?

CATARINA - Peguei, tirei-lhe a criança e deixei-a pelo caminho ao Deus dará.

BERTOLDO - Inda que mal prigunte... ela num era a mãe, não, era?

CATARINA - Que mãe, coisa nenhuma. Ela era apenas sobrinha do homem que roubou o garoto e que depois morreu, deixando o garoto com ela.

BERTOLDO - E entonce eu agora vou ficá por aqui, patruiando êle?

CATARINA - Isto mesmo. Você não poderá perdê-lo de vista. Sua função, aqui, será defendê-lo de qualquer pessoa que pretenda aproximar-se. Entendeu bem o que pretendo de você?

BERTOLDO - Intindi, dona. Eu num sou de muitas palavra, mas na comprensão não sô dos piô. A dona num precisa tê arreccio porque eu numa patruiá sou bão. O Sargento Macário, do batalhão dos caçadô, só quiria eu quando precisava patruiá arguem. Eu num dava forga memo. Das veiz chegava a ficá com os óio aberto a route toda, de ponta a ponta, mas num dava relaxo na patruiá.

CATARINA - Pois bem, então estamos entendidos. O menino vai ficar sob os seus cuidados, para que eu possa cuidar da minha granja.

BERTOLDO - E quanto é que eu vou ganhá, dona, inda que mar prigunte? O preço nós num ajustemo.

CATARINA - Bem, eu lhe dou casa, comida e vinte mil cruzeiros por mês. Penso que você não ganhava isto e nem conseguirá coisa melhor por aqui. Está bem?

BERTOLDO - Si a dona quizesse me dá mais um mucadinho, eu acho que ficava mais sestifeito.

CATARINA - Bem, eu não sei, ainda o que é que a granja vai me dar de lucro, mensalmente. Ela foi comprada agora, estava tuão muito abandonado e a freguezia toda havia debandado. Eu estou procurando desenvolver os negócios, mas só depois de fazer um balanço, no fim de um mês, é que posso saber o quantas ando. Se o meu lucro for bom, eu posso entrar num entendimento com você e aumentar-lhe o ordenado. Por ôra não lhe posso dar mais do que vinte mil cruzeiros.

BERTOLDO - Tá bõ, pois entonce fiquemo nesse conseguinte: eu trabalho um ou dois mês pulos vinte, intê a dona pudê me dá mais.

CATARINA - Perfeitamente. Estamos entendidos.

TRONICA - CORTI-A MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CÉLULAS.

CORÁLIA - A senhora desculpe a minha insisitência, mas o seu neto ainda não apareceu por aí?

ARABELA - (FILTRO) Ainda não. Tem tambem uma outra moça que está desesperada, atrás dele, precisando falar-lhe e até agora não conseguiu encontrá-lo.

CORÁLIA - Eu deixei meu endereço com a senhora; não deixei?

ARABELA - (FILTRO) Deixou, sim. Com certeza, quando chegar, êle irá procurá-la.

CORÁLIA - Eu acho que agora só amanhã, porque si êle não apareceu até agora, com certeza hoje não irá mais?

ARABELA - (FILTRO) Tambem penso que não, mas como êle não tem método, a gente nunca pode prever. A senhora não o procurou em casa da noiva? Naquele número que eu lhe dei?

CORÁLIA - Procurei, mas tambem até aquela hora em que telefonei, ele não havia aparecido lá. Depois fiquei constrangida de tornar a procurar... A noiva podia achar ruim, embora eu seja quasi uma velha.

ARABELA - (FILTRO) Eu agora vou me deitar, porque não acredito mais que êle venha, mas se por acaso ainda chegar a aparecer... a senhora tem telefone aí onde está hospedada?

CORÁLIA - Não, não tenho. Estou falando de um telefone p'blico, numa bomba de gasolina aqui perto.





TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PETRONIO - Acho que vou levar o menino e deixo um recado com o senhor. O menino está aí, não está?

BERTOLDO - Tá, mas suncê num vai levá ele, não.

PETRONIO - Não vou levar? Quem é você para me dizer que não vou levar o menino? Você sabe quem sou eu?

BERTOLDO - Sei, não, mas num interessa. Suncê num vai levá o menino, já disse.

PETRONIO - Homem, repito-lhe que você não sabe com quem está tratando e nem do que eu sou capaz, quando alguém me contraria. Por isso lhe digo: (FORTE) Eu vou levar o menino.

BERTOLDO - E eu vou arrepeti pra suncê que suncê num vai levá. E bamo vê qual de nóis dois vai ganhá essa contenda.

PETRONIO - Eu vou lhe avisar que sou um homem violento.

BERTOLDO - E suncê pensa que isso me faz môça? Eu tombem sou, num pense, não.

PETRONIO - Homem, veja se compreende... essa criança é minha, me pertence. Eu que a entreguei a Catarina, provisoriamente, até encontrar um lugar onde deixá-la. Encontrei agora esse lugar, preciso voltar imediatamente e não posso esperar até que Catarina volte para casa.

BERTOLDO - Mas vai tê que esperá, praquê a criança num vai sai daqui sem orde dela não. E eu/ tê aqui pra isso, num vô fazê deferente.

PETRONIO - Será que você não tem cabeça para compreender as coisas, homem?

BERTOLDO - Só tenho cabeça pra pensá que o home que tem um cumprinisso, tem que sabê honrrá a sua palávria. Eu só home de palávria, moço. Eu num far seio cumprinisso, que eu num envergonho o véio meu pai, que Deus guarde lá em riba muito tempo sem nóis.

PETRONIO - (SUSPIRANDO IMPACIENTE, DEPOIS DE PAUSA) É... Esse não tem geito. O remédio mesmo será esperar, ou então ir procurar Catarina onde ela estiver e trazê-la de volta. Esse animal não cede. (AIPO) Onde está Catarina?

BERTOLDO - Já disse pra suncê que foi comprá umas vaca e que vai chegá de volta só na boquinha da noite.

PETRONIO - Mas que lugar é esse onde ela foi comprar as vacas? Para que lado fica? É isso que eu quero saber.

BERTOLDO - Sei, não. Num priguetei nada nem ela me disse.

PETRONIO - Mas você não viu si ela foi para este lado, ou para aquele?

BERTOLDO - Ela ganhou a instrada e se bandiô pra lá. Mas se surcê pensa que vai ar-  
cança ela, num arcança, não, mãe que ela já foi na mais de duas hora.

PETRONIO - Ele foi de automóvel?

BERTOLDO - Foi, não. De carrocinha. Eu memo atrelei os cavalo pra ela.

PETRONIO - Então eu vou tentar encontrá-la. O que não posso é ficar aqui parado.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM EM TERRA BATIDA, SE AFASTAM.

BERTOLDO - Óra veja só! A dona me mandá buscá eu lá tão longe pra chegá aqui e fazê  
xugera logo nos promeros dia? Havera de tê muita graça. Eu não envergonh  
as barba do vêio meu pai. Merro, mas num envergonho.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Bom dia, dona Arabella, como vai a senhora?

ARABELLA - Meio preocupada pela ausência de meu neto. A senhora está bem?

CORÁLIA - De saúde, felizmente bom, mas muito constrangida de estar constantemente  
aborrecendo a senhora. Mas eu estou tão aflita! Preciso voltar... minha  
irmã deve estar preocupada com a minha ausência... e eu não quero ir  
sem ter me avistado com seu Rodrigo por causa da carta de titio.

ARABELLA - Pois Rodrigo não me apareceu ontem... não me telefonou... e hoje também  
ainda não deu sinal de vida.

CORÁLIA - Na casa da noiva também não esteve, porque eu telefonei para lá quando  
a senhora me deu o número.

ARABELLA - Foi Leila mesma quem falou com a senhora?

CORÁLIA - Não senhora, quem me atendeu foi uma senhora chamada Belmira, que disse  
ser dama de companhia da moça. Pediu desculpas de moça não poder me aten-  
der porque estava no banho. Ai eu disse o assunto e ela me declarou que  
que ele também não tinha aparecido lá.

ARABELLA - Mas talvez Leila soubesse alguma coisa. Ela não foi perguntar?

CORÁLIA - Não senhora, não foi.

ARABELLA - Belmira tem esse costume. A senhora devia ter insistido.

CORÁLIA - Eu não sabia. Se soubesse, teria voltado a telefonar mais tarde, mas  
fiquei constrangida.

ARABELLA - Hoje ainda não falou com ela?

CORÁLIA - Não falei, não. A primeira pessoa que eu me lembrei de procurar foi a  
senhora.

ARABELLA - Por que não dá uma olhada lá? No cartão que me dei o ~~endereço~~ tele-  
fone, deu o endereço também. Não é longe, não.

CORÁLIA - Eu acho que vou fazer isto agora. Não gosto de procurar ninguém de manhã, mas como é um caso especial e eu estou aflitíssima para voltar pra casa, vou explicar o caso e acho que ela me desculpará.

ARABELA - Pois então vá, mas insista em falar com ela, para que Belmira não despiate, como é seu costume. Olhe, diga que fui eu que a mandei lá. Assim ela não terá outro remédio senão chamar Leila.

CORÁLIA - Obrigada. Eu lhe agradeço muito e vou agora mesmo lá.

ARABELA - Eu poderia telefonar para ela, mas talvez pelo telefone/ ela não/ possa dizer o que sabe. Si é que ~~ela~~ sabe alguma coisa, porque meu neto tem muito esse costume de sumir e não dizer a ninguém onde é que foi. Ele não era assim, não. Adquiriu esse mau costume, depois que meteu na cabeça a mania de se tornar investigador. Mas vá, vá de uma vez. Não perca tempo. E si souber alguma coisa depois me avise.

CORÁLIA - Sim senhora, eu aviso. Muito obrigada.

TÉCNICA - CORTI-A MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CÉLULAS.

LEILA - A senhora queria falar comigo?

CORÁLIA - Sim senhora e peço-lhe muitas desculpas por ter vindo numa hora tão imprópria, mas aconteceu que ~~eu~~ vim especialmente de longe, para falar com seu noivo e com a intenção de voltar no mesmo dia, ou no dia seguinte para casa e até agora não consegui localizá-lo.

LEILA - E a senhora já o procurou na casa da avó?

CORÁLIA - Sim. Vim de lá agora mesmo. Foi ele que me aconselhou a vir falar com a senhora. Disse-me que viesse pessoalmente, porque talvez a senhora não pudesse me dizer por telefone.

LEILA - Nem por telefone e nem pessoalmente eu poderei satisfazê-la, porque ele está metido aí num espécie de investigação e faz muito segredo disto.

CORÁLIA - Eu sei, porque infelizmente também fui envolvida nisto e estou, como ele, sofrendo as consequências de um crime que não cometi.

LEILA - Ah, bem, então a senhora já está bem a par dos assuntos todos.

CORÁLIA - Inclusive ele tem uma carta do tio para me entregar e é a traz dessa carta que eu ando.

LEILA - Ele me falou, realmente, nessa carta, mas eu não sei onde é que ela está.

CORÁLIA - Eu sei. Está com dona Arabela, mas é como ele diz: não pode me entregar porque ele mesmo é que deseja fazê-lo.

LEILA - Sim, parece-me que ele prometeu isso a seu tio.

CORÁLIA - De formas que eu ando desde ontem, pela manhã, de um lado para outro, atrás do seu noivo, sem conseguir avistá-lo.

LEILA - Eu tenho a impressão que, no máximo, amanhã, ele deve estar de volta.

CORÁLIA - Ah, mas então ele viajou?

LEILA - Sim, mas eu ~~xxxx~~ não sei lhe dizer para onde. Esteve aqui e disse apenas que ia ficar uns dois ou três dias ausente e assim que chegasse viria matar as saudades. Eu o espero, no máximo, até amanhã.

CORÁLIA - Eu tenho aqui o cartão do Hotel onde estou hospedada e vou deixar com a senhora. Quer me fazer o favor de pedir que ele me procure em seguida?

LEILA - Pode estar descansada que o farei. Ele mesmo vai querer fazer isto, porque está aflitíssimo para entregar-lhe a tal carta.

CORÁLIA - Pois então muito prazer em conhecê-la e mais uma vez desculpe a importunação.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Ela aíada não aparece em casa? Procurei-a por uma extensão de quasi dois quilômetros e não a encontrei.

BERTOLDO - Eu sabia que suncê ia perdê tempo. A dona saiu duas hora mais ante. Ela inda num vortô, não. E num vai vortá tão cedo, eu le digo.

PETRONIO - Escute uma coisa: você não quer fazer um acôrdo comigo?

BERTOLDO - É sem conversa, moço. Já disse pra suncê que nunca fartei com os meus cumprimisso, num vou fartá, agora.

PETRONIO - Mas você não pode proceder como burro empacador. Você tem que...

BERTOLDO - (CORTA) Óie lá, moço! Veje lá que suncê tá me ofendendo e eu burro num sô. Suncê veje lá as coisa que fala, sinão nós bemo se dá máli. Si eu trato suncê cum arrespeito, suncê tem que me arrespeitá tombem, oriessa!

PETRONIO - (ZA-GADO) Eu não lhe chamei de burro. Disse que você está procedendo como burro empacador.

BERTOLDO - E entonce num é chamá?

PETRONIO - Você não me deixa nem falar, para explicar as coisas. Eu digo duas palavras e já você me corta o assunto com uma negativa formal. Isso irrita. Que diabo! A gente tem a boca para se entender.

BERTOLDO - Mas não pra fartá os cumprimisso de home de palavra.

PETRONIO - Está veado? Antes que eu tenha completado os meus pensamentos, já você está me interrompendo e negando as coisas.

BERTOLDO - É que mais ante de suncê triminá eu já tô sabendo adonde que suncê que chegá. Eu num sô burro, não, moço.

PETRONIO - Não é burro, mas é teimoso. E por ser teimoso, vai perder de ganhar um bom dinheiro, aí está.

BERTOLDO - Que dinheiro? Suncê vai querê me dá dinheiro pra levá o minininho que tá lá arento?

PETRONIO - É claro. E não vou lhe dar pouco, não. Vou lhe dar talvez mais do que ela lhe paga para cuidá-lo um mez inteiro.

BERTOLDO - Mas com que cara eu vô falá pra ela que suncê levô a criança, quando ela me disse pra mim que num entregasse ele pra ninguém, não?

PETRONIO - Ela não vai se abarrecer, homem. Ela vai até gostar que eu leve a criança embora.

BERTOLDO - Bem deixá de conversar atôa, praquê suncê num vai me convencê, não.

PETRONIO - Bem, eu fiz tudo para convencer você sem usar violência. Agora... (AMEAÇADOR) eu você me entrega esse menino imediatamente, ou quando Catarina voltar irá encontrá-lo estendido no chão, com todas as balas deste revolver no corpo.

O/REGRA - RUIDO DE UM BANCO QUE É ATIRADO CONTRA UMA PESSOA E CAI AO CHÃO, ESPANTADO-SE, DOIS DISPAROS DE REVOLVER. LUTA ONDE SE ARRASTAM E SE DERRUBAM COISAS.

BERTOLDO - Suncê pensa que entendo medo de revólvi? Sorte ele. Sorte... Sorte...

PETRONIO - (GEME-DO) Solte-me... solte-me... Você... você me afoga...

TÉCNICA - RUIDO DE CARROÇA E CAVALO DE TERCEIRO PARA SEGUNDO PLANO E PARA TUDO DURANTE A BRIGA.

BERTOLDO - Suncê vai morrê que é pra aprendê que cum um home de barba na cara num se brinca.

PETRONIO - (GEME-DO E PERDE-DO FORÇAS) ui!... ui!... Solte-me... Solte-me...

CATARINA - (EM SEGUNDO PLANO, GRITA-DO) Bertoldo! Que é isto?! Solte esse homem, vamos!... Solte esse homem!...

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FU-DE COM MUSICA PARA TERMINAR A PRIMEIRA PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA DA SEGUNDA PARTE.

CATARINA - Você está louco? Vai matar o homem a trêço de que? Pare com isto. (PAUSA) que homem, afogado?

PETRONIO - Louve que você botou um bruto desses de guardião do garoto e só porque eu insisti em levá-lo, pouco faltou para me matar.

CATARINA - Bertoldo é um homem que não se afasta das ordens que lhe dão. O senhor naturalmente tentou domá-lo...

BERTOLDO - Ele queria levá o minininho, dona. Eu falei pra êle que suncê tinha me dado êrde de num dexá ninguém panhá êle. Ele puxô o revôrve pra mim, nigillei êle.

CATARINA - O senhor correu um grande risco, seu Petrónio. Si eu não chegasse a tem po não sei. Vá lá para dentro, Bertoldo. Depois nós conversamos.

BERTOLDO - Sim, dona.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM.

CATARINA - Mas por que queria levar o pequeno, afinal? Não combinou comigo de deixá-lo aqui?

PETRONIO - Combinei, mas prefiro que ele esteja mais perto dos meus olhos. Por is so vou levá-lo.

CATARINA - Hoje?

PETRONIO - Agora. Já. Recp-lhe que o vá buscar e arrume as suas coisas.

CATARINA - Ele está dormindo e será melhor deixá-lo acordar. Enquanto isto você descanse da sua luta e eu vou arrumando as coisas. Conte-se. Vou mandar servir-lhe um café.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

VOZ - Uma carta para a senhora.

IRACEMA - Obrigada. Eu já estava aflita esperando essa carta.

C/REGRA - RUIDO DE PECHAR PORTA, PASSOS. PANAL.

IRACEMA - A letra é de Corália. Vamos ver o que ela manda dizer.

C/REGRA - RUIDO DE RABGAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL DE CARTA.

IRACEMA - (LE-DO) Querida Mãe, Iracema.

CORÁLIA - (CARTA) Como sei que você deve estar à minha espera e não poderei chegar antes de dois ou tres dias, apresso-me a escrever-lhe este carta, para que você se tranquilize. Seu Rodrigo parece que anda brincando de esconder comigo e, desde que cheguei, ainda não consegui avistá-lo. Parece que, de momento, não se encontra na cidade. Assim sendo, e como não quero voltar sem ter cumprido a missão que me trouxe até cá, penso que terei de ficar ainda mais uns dois ou tres dias, afim de poder receber a carta que titio mandou me entregar e na qual espero alguma revelação importante. Assim, pois, esteja tranquila e não se preocupe se eu demorar mais um pouco do que estava esperando. Já me avistei com o avô e a noiva dele. São, ambas, pessoas encantadoras e que me receberam com muita fidalguia. Do meu querido Luizinho, infelizmente, nem sequer ouvi falar por aqui. Certamente ao avistar Rodrigo hei de ter noticias dele também.

CORÁLIA - (CONTINUAÇÃO) Se por acaso tiver que esperar mais tempo e não puder regressar no tempo que estou prevendo, mandarei avisá-la por telegrama.

IRACEMA - (LENDO) Receba toda a saudade que lhe esvia sua irmã Corália. (PALANDO) Eu logo vi que ela não ia poder voltar no tempo que imaginava. Coitada! Deve estar arrobadíssima. Deus permita que ela possa resolver tudo da melhor maneira possível.

TÉCNICA - CORTEJA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Está tudo arrumado?

CATARINA - Tudo. As roupas, os briaquedós... a mamadeira... as cobertas... Acho que não falta nada.

PETRONIO - Então mande botar tudo isto no automóvel e trate de acordar o garoto porque eu não posso perder mais tempo do que já perdi.

CATARINA - Bertoldo, leve estas coisas todas para o automóvel que está do lado da casa e acomode tudo no banco de trás que na frente vão os passageiros.

BERTOLDO - Sim, ~~XXXXXXXX~~ dona. E todas essas coisas que tá aqui?

CATARINA - Tudo, sim. Este cestinho com a mamadeira você pode botar no banco da frente. (TOM) Ah, e outra coisa: eu vou com seu Petronio até à cidade para levar o menino e devo voltar amanhã de manhã. Se vier alguém que deseje falar comigo, diga apenas que eu não estou e não deixe entrar, seja lá quem for, nem dê nenhuma informação do que fui fazer. Entendeu bem?

BERTOLDO - Entendi, dona. Pode deixá.

CATARINA - Muito bem, então vá fazer o que eu disse.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E SOMEM.

PETRONIO - E agora vá buscar o garoto de uma vez e vamos nós por a caninha.

TÉCNICA - CORTEJA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Trago uma boa notícia para a senhora.

EUGENIA - Eu já tenho até medo de perguntar o que é.

CLAUDIA - Essa notícia deveria ser trazida pelo seu Rodrigo, mas acontece que ele saiu da cidade há dois dias, ainda não regressou e eu tenho que terminar o serviço por ele.

EUGENIA - Serviço? Que serviço?

CLAUDIA - Talvez amanhã eu possa trazer-lhe o seu filho.

TÉCNICA - ACORDE DE ALEGRIA IMBESIL. A MÚSICA FICA VIBRANDO NO FUNDO.

EUGENIA - Meu Deus!... Eu sem posso hereditar muito no que euço!... Será mesmo verdade?

CLAUDIA - Si seu Rodrigo chegar de fora ainda hoje, ele, naturalmente, é um o



CLAUDIA - (CONTIUAÇÃO) trará, conforme era seu desejo, mas si ele ainda estiver ausente, acho que o melhor que tenho a fazer é trazê-lo eu mesma, para que o garoto não fique sendo levado de um lado para outro até que o pai torne a deitar-lhe a mão.

EUGENIA - Meu Deus! Vê como estou trêmula? Tenho até medo de me avistar com o meu querido Luizinho. Pensa que a congoção será capaz até de matar-me.

CLAUDIA - Vá se preparando desde já que na hora resistirá bem. Agora é preciso que combinemos uma coisa muito importante: seu Petronio não deve saber que ele veio para cá. Vou dizer-lhe que o entreguei a uma tia minha para criá-lo e o menino terá que viver aqui, mais ou menos escondido. Entendeu?

EUGENIA - Entendi, sim, entendi. Você pode ficar inteiramente tranquila que nós não a comprometeremos. Já sabe a hora em que virá trazê-lo, amanhã?

CLAUDIA - Não tenho certeza. Imagino que seu Petronio deve chegar com ele um pouco antes do meio dia. Depois dessa hora, certamente, virei trazer-lhe o menino. Melhor seria, até, que dona Tereza nos esperasse naquela praça que tem quasi ao fim desta rua e dali para cá viesse ele mesmo com o garoto, para evitar que eu fosse vista entrando ou saindo da sua casa. Não lhe parece?

EUGENIA - Tem razão, sim. Eu pedirei a Tereza que vá até lá e fique sentada num banco até você aparecer. Ai ela sperha a criança, toma um taxi e vem.

CLAUDIA - Ótimo. Então estamos combinadas. Si seu Rodrigo não aparecer, tudo será feito exatamente assim. Até amanhã, então, dona Eugênia, o reze para que tudo nos saia bem.

EUGENIA - Vou passar a noite inteira em vigília, rezando pela volta do meu filho. É muito obrigado a você, minha querida. Nunca hei de me esquecer desta alegria tão grande que você vai me dar.

CLAUDIA - Eu, não. Quem vai lhe dar essa alegria é seu enteado e grande amigo.

EUGENIA - Ele há de ser muito feliz com a noiva, pelo bem que se vai fazer.

TÉCNICA - CONTIUA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BERTOLDO - Como é que se foi de viagem, dona?

CATARINA - Bem. Só que é muito conveniente a gente ir e voltar sem esquentar o ponco. Tudo correu bem, por aqui?

BERTOLDO - Tudo bom, sim, dona. Só o homem dos vasa é que teve ai, mode dizê que a si nhora percure ele que ele tem um negocio muito bõo mode a sinhora fazê.

CATARINA - Procure, nada. Ele pensa que vou empregar todo o meu dinheiro comprando vasa? Preciso de cavalos, também. Preciso um jeep. Você sabe guiar au tomóvel, Bertoldo?

BERTOLDO - Sei, não, dona. A única coisa que aprendi a guiar, na minha vida, foi erro de boi.

CATARINA - Não tem importância. Você vai aprender a guiar jeep, que eu vou precisar de um chofar. (TOM) Olhe, leve estes pacotes lá para a despensa. Aproveitei a minha curta estada na cidade para fazer um rancho.

BERTOLDO - É prá butá nas pertelera da cusinha?

CATARINA - É. Vai deixando por lá que depois eu arrumo.

BERTOLDO - Tá bão, dona.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM, DEPOIS DE PAGR PACOTES.

CATARINA - Bem e eu vou tomar um café e depois me deitar para descansar que esta viagem foi bastante puxada. Eu não queria entregar o garoto agora. Pretendia, mais tarde, fazer outra chantagem com ele e agarrar mais uns tubos, mas não tem importância. Se eu me apertar, descubro em dois tempos onde ele está e torno a roubá-lo. Por óra, até, é melhor mesmo que ele não esteja aqui.

JERONIMO - (3º PLANO, FORTE) Pode-se entrar, ou é preciso, primeiro, mandar cartão de visita?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE TREME-DO SUSTO.

CATARINA - (ABAFADA) Jeronimo!...

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA E-GERRAMENTO.

---